

**Universidade do Minho**  
**Instituto de Educação e Psicologia**

**Maria Paula Neves Machado**

## **O Papel do Professor na Construção do Currículo**

**Um Estudo Exploratório**

Volume II

Dissertação apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho para a obtenção do grau de Mestre em Educação, na Especialidade de Desenvolvimento Curricular, sob a orientação do Doutor José Carlos Morgado

Braga – 2006

## ÍNDICE

<b>ANEXOS .....</b>	<b>3</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>4</b>
CARTA DIRIGIDA AO PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA INSTALADORA	
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>6</b>
CARTA DIRIGIDA AOS PROFESSORES	
<b>ANEXO 3 .....</b>	<b>8</b>
DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	
<b>ANEXO 4 .....</b>	<b>14</b>
TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS DEZASSETTE ENTREVISTAS	
<b>ANEXO 5 .....</b>	<b>178</b>
CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	

# **ANEXOS**

## **Anexo 1**

---

Carta dirigida ao Presidente da  
Comissão Executiva Instaladora

Exmo. Senhor

Presidente do Conselho Executivo

Maria Paula Neves Machado, professora do quadro de nomeação definitiva, do Grupo de Educação Física, da Escola Secundária D. Sancho I de Vila Nova de Famalicão, a frequentar o Curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Desenvolvimento Curricular, no Instituto de Educação e Psicologia, da Universidade do Minho, está a desenvolver um trabalho de investigação sobre o papel do professor na construção do currículo, orientado pelo Doutor José Carlos Morgado.

Tratando-se de um Estudo de um Caso, solicita a colaboração do Presidente da Comissão Executiva Instaladora, nomeadamente no que se refere à recolha de dados e análise de documentos (Regulamento Interno, Projecto Educativo de Escola e Projecto Curricular de Escola), nessa escola.

A recolha de dados irá desenvolver-se durante os meses de Junho e Julho de 2004 e será efectuada através do inquérito por entrevista.

Requer autorização para desenvolver a supracitada investigação e aproveita para agradecer a melhor atenção de V. Ex.<sup>a</sup> para este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Braga, 10 de Maio de 2004

Anexo: declaração do Orientador.

## **Anexo 2**

---

Carta dirigida aos professores

Caro(a) Colega

Encontro-me, neste momento, numa fase de preparação da dissertação para o Mestrado em Desenvolvimento Curricular, necessitando, para este trabalho de investigação, de recolher alguns dados relativos ao envolvimento dos professores na configuração do currículo, recorrendo, para tal, à entrevista.

Para a realização deste estudo é fundamental a colaboração dos professores, dando-me a conhecer as suas opiniões acerca de temáticas como a autonomia da escola, organização e gestão curricular ou a planificação do processo ensino/aprendizagem.

Posso assegurar, desde já, que o nome desta escola não será mencionado em circunstância alguma, assim como a identificação dos professores entrevistados para o estudo. Também é garantida a absoluta confidencialidade das informações prestadas, sendo feita apenas uma análise de conteúdo das mesmas.

Reafirmo a importância da participação do(a) colega, enquanto entrevistado, sendo esta decisiva para a concretização deste projecto.

Com os meus agradecimentos,

---

(Professora do Q.N.D., Grupo de Educação Física, Escola Secundária D. Sancho I)

## **Anexo 3**

---

Guião das entrevistas realizadas



## Entrevista Nº

### Legitimação da Entrevista

Este trabalho de investigação destina-se a conhecer as representações dos professores sobre a concretização do currículo ao nível da escola, como expliquei na carta dirigida a cada um dos(as) colegas quando solicitei a sua colaboração para esta entrevista.

A participação do(a) colega, enquanto entrevistado(a), é decisiva para a concretização deste estudo, o que me leva, desde já, a agradecer a sua disponibilidade.

Posso assegurar que o nome desta escola não será mencionado em circunstância alguma, assim como a identificação dos professores entrevistados. Também é garantida a absoluta confidencialidade das informações prestadas.

Queria pedir autorização ao(à) colega para gravar a entrevista, de modo a permitir que a recolha de toda a informação seja o mais completa possível. Asseguro também que, após a transcrição, lhe enviarei a entrevista para que analise a conformidade das suas respostas.

### Caracterização do Entrevistado

#### Dados Pessoais e Profissionais

<b>1. Género</b>	Feminino		Masculino	
<b>2. Idade</b>	Menos de 30 anos		De 30 a 45 anos	Mais de 45 anos
<b>3. Tempo de Serviço</b>	1 a 10 anos		11 a 25 anos	Mais de 26 anos
<b>4. Habilitações Académicas</b>	Bacharelato		Licenciatura	Mestrado
	Outras?		Quais?	
<b>5. Situação Profissional</b>				
<b>6. Grupo Disciplinar a que pertence</b>				
<b>7. Cargo desempenhado na escola</b>				

**Autonomia da Escola**

1) A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.

Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?

2) A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares, administração e gestão da escola, sector administrativo)

3) Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Porquê?

Reconhece que há vantagens para os alunos e benefícios para a escola? Quais?

4) Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?

Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? E se este não seguisse as orientações do M.E., nem estivesse sujeito à aprovação da DREN, se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?

5) A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?

Se assim fosse não lhe parece que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?

6) Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia? Porquê?

**Organização e Gestão Curricular**

7) Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professor, pode dizer-me o que entende por currículo?

8) A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)

9) Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?

10) Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?

- 11) Na sua opinião, as escolas devem ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?
- 12) O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?
- 13) As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?
- 14) Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?
- 15) Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?
- 16) Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?
- 17) Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Portanto, os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo? A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)
- 18) Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?
- 19) Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?

### **Práticas Curriculares**

- 20) Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?
- 21) Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?
- 22) Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e

desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?

23) O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?

24) A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?

25) As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo seu Grupo Disciplinar?

26) Costumam introduzir outros conteúdos que não vêm nos programas?

27) O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de Grupo Disciplinar?

28) Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?

29) Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?

30) O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?

31) Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?

Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)

32) O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?

33) Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?

Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?

34) Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?

35) Enquanto instrumento pedagógico/didático, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?

36) Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?

37) A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?

38) Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?

39) A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?

40) A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?

41) Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?

42) Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?

Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático; mais individualizado; visa a regulação do ensino e da aprendizagem; utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)

43) Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?

Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?

44) Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?

E ao nível do Grupo Disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de Departamento Curricular?

## **Anexo 4**

---

Transcrição integral das dezassete entrevistas

## Entrevista – P1

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Não sei... Não tenho uma opinião bem formada!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Houve uma autonomia das escolas nomeadamente na administração e gestão da escola. Está a acontecer devagarinho, está a ser um processo lento na gestão, não tanto visto como numa empresa, mas a caminho, se calhar...

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Sim. Porque tem em consideração as necessidades dos alunos.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, benefícios para a escola?*

Professor: Sim, principalmente para os alunos.

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Sim. Define regras próprias, porque penso que a escola tem a sua identidade, a sua identidade própria.

**Paula:** *E se este não seguisse as orientações do M.E., nem estivesse sujeito à aprovação da DREN, se tivesse sido decidido apenas em função dos interesses da escola?*

Professor: Penso que haveria um maior reajuste à realidade que a escola tem.

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: Se calhar a escola não, mas o grupo sim. A gente ouve professores de alguns grupos disciplinares dizerem que o programa que lhes foi fornecido às vezes não é cumprido, porque há um tipo de travão ou um não acelerar por parte dos alunos para fazer o acompanhamento desses programas que são

estabelecidos. Às vezes os professores, principalmente se forem professores já do quadro, havia uma melhor identificação dos alunos e eles próprios como já estão há alguns anos aqui na escola, nesta escola ou noutra escola qualquer, podia haver um conhecimento mútuo dos alunos poderiam ver até onde se poderia ir. Mas, pronto, isso poderia criar um desnível em relação a outras escolas...

**Paula: Parece-lhe que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?**

Professor: Ao sair daqui para outras escolas o aluno A de uma escola contra o aluno B de outra escola, se calhar o conhecimento não é igual. Se calhar a alternância dos conteúdos não é a mesma... Por acaso tive um aluno na minha turma, na minha direcção de turma que eu tenho este ano, que as matérias que os professores estiveram em algumas disciplinas que noutras escolas já deu. Isto leva a crer que o seguimento da programação, o seguimento dos conteúdos, não é, por isso um exemplo com a ajuda da história, não é dada no primeiro período do mesmo modo em todo o lado e quando ele chegou aqui já tinha dado essa matéria... Se calhar no final do ano toda a gente dá o que é para dar, o que está estabelecido no final do ano, mas, pronto, cada escola, cada professor vai dando até lá até dar o total, vai dando da sua maneira. Pode dar, pronto, pode começar do fim para o princípio.

**Paula: Mas entende que a escola deveria decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: Isto é como as competências, não é, há as competências mínimas, mas no final vai dar tudo ao mesmo

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Não. Penso que a que tem é suficiente.

## **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professor, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: Eu não estou muito preocupado com o currículo em termos se estou a dar o currículo ou não. Pronto, penso que o aluno é que devia ter mais... ir



mais às necessidades do aluno. O aluno é que vai dando as informações relativamente à sua produção.

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: ...!

**Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?**

Professor: Aqui nesta escola começou há pouco tempo... a nível disciplinar, a nível de... dos alunos principalmente, a nível de disciplina em termos de... a questão das horas e da definição dos blocos, penso que houve uma melhoria em termos de distribuição... e, pronto, questões a nível de disciplina... A questão da Educação Cívica muito importante, dentro das novas áreas, penso que com a Educação Cívica que há uma maior identificação com o meio, o saber estar, o saber presenciar, o saber fazer, o saber estar em grupo, isso veio dar uma mais valia ao aluno.

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Sim. Acho que é mais fiel a nível nacional, como está. Depois a própria escola é que faz a alteração consoante a actividade escolar.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: (riso) Há exemplos desses casos? Penso que deveria poder, mas tomando em conta os recursos materiais, não é, a disponibilidade das salas... Havendo uma identificação da escola/meio, penso que é benéfico para o aluno!

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: É como a gente falou há bocado no projecto educativo, devem ser a nível geral, acho eu. As competências mais específicas devem estar no projecto educativo da escola, agora as gerais penso que devem ser definidas ao nível do Ministério da Educação!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Sim, sim... Tendo em conta as especificidades da escola, a questão dos horários de autocarros...

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: O conselho pedagógico. Toma as decisões máximas da escola...!

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Penso que sim!

**Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

**Professor: Eu penso que sim, que permite diversificar as aprendizagens dos alunos.**

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Portanto, os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Esta é a velha máxima, portanto, os professores é que têm sempre a responsabilidade não é? Por isso o comandante do navio é sempre o professor, a liderança é sempre do professor, por isso, perante a realidade dos alunos... penso eles é que são os máximos, o expoente máximo da transmissão de conhecimentos.

**Paula: A que nível devem fazê-lo, os professores claro, de programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos?**

Professor: Penso que todas estas áreas, penso que todas!

**Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**

Professor: Leva, leva. É a própria, formação contínua que ele faz, se calhar, durante esses anos que vai fazendo a alteração... e a sua experiência. A própria palavra experiência é que dá essa flexibilidade, não é?

**Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?**

Professor: Nesta questão, não é quem deve ter, é quem tem. Penso que o director de turma, cada vez mais, é uma peça fundamental nesta gestão flexível do currículo e na organização da escola. O director de turma está em

contacto com os alunos, o director de turma está em contacto com os encarregados de educação, o director de turma está em permanente contacto com a realidade, com o que se passa na escola. Ele sente mesmo essa gestão... O director de turma, cada vez mais, o director de turma faz o papel... pronto, não é só o professor que tira faltas... Tem um papel mais amplo em termos de controle de tudo o que se passa na turma, tem um maior conhecimento devido às outras áreas que tem que dar relativamente a trabalhos de grupo, projectos de área de projecto, está em maior contacto com eles. Neste caso desta escola ainda há formação cívica, pronto e abrange outros conteúdos para os alunos e mesmo para ele faz com que... está habituado a dar um certo apoio, de preparar um apoio para ensinar uma determinada disciplina teve que actualizar para fornecer aos alunos... para ensinar outros conteúdos mais abrangentes, não é só dar conteúdos específicos da sua disciplina, mas também outras áreas mais práticas.

### **Práticas Curriculares**

***Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?***

Professor: A nível de grupo, a nível de grupo disciplinar continuaram na mesma, não é! A nível de departamento trouxe uma maior interligação nas tarefas, actividades a realizar.

***Paula: Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?***

Professor: O nosso grupo funcionou sempre assim, não foi por haver esta mudança que passou a ser assim. Do segundo ou do terceiro ciclo sempre funcionamos como um só, é uma só voz.

***Paula: Uma vez que está no Conselho Pedagógico, relativamente aos outros departamentos curriculares, notou alguma alteração nas atitudes colaborativas entre professores, nomeadamente daqueles que fazem parte do mesmo departamento?***

Professor: Penso que houve uma maior ligação, um maior conhecimento, desse... ponto de vista e, portanto, não só pela criação de actividades para o plano anual de actividades, como uma maior ligação e conjugação de várias disciplinas que até lá estavam... viviam e faziam sozinhas, portanto, de um modo mais independente!

***Paula: Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?***

Professor: Penso que sim, penso que sim. Posso dar o caso deste ano que aqui em ... tem a criação do futsal e na escola também se organizou um torneio com as regras do futsal em que todas as turmas participaram e houve uma introdução dessa nova modalidade que não fazia parte do programa.

***Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?***

Professor: É a nível de grupo. A selecção de conteúdos é a nível de grupo devido aos recursos materiais que existem, às instalações...

***Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?***

Professor: Sempre, sempre, o psicomotor, atitudes e valores.

***Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?***

Professor: São fundamentais.

***Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?***

Professor: Este ano aconteceu, como já referi atrás.

***Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?***

Professor: ...!

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: Parece-me que pouca flexibilidade!

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Penso que... o convergir do mesmo pensar da escola, fundamentalmente é a identificação da própria escola, o que é que a escola nos diz, o que é que a escola nos transmite, o que é que a escola dá aos alunos!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?**

Professor: Penso que os alunos também! É para eles que é feito.

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: É a tal autonomia. Se temos autonomia na escola, se temos autonomia nos currículos, devemos ter autonomia na construção do projecto curricular de turma, não é?

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Eu vejo aqui nesta escola houve uma melhoria na participação dos pais, os pais participam nalgumas reuniões, os pais colaboram com os directores de turma...!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Sim, já falamos disso.

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Meso, por unidades temáticas.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Mentalmente.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo como instrumento de consulta.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Materiais que temos guardados: manuais, vídeos...

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Claro, sempre.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Sempre.

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: As duas.

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim. Eu posso estar a pensar dar uma aula e depois no momento mudar...

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: A avaliação diagnóstica, a avaliação contínua!

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: ...!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: A participação, o interesse...

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, faço sempre a auto-avaliação.

***Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?***

Professor: Sim, muito importante.

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Também.

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P2

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?

Professor: Eu acho que, sobretudo, devia ter capacidade de se adaptar às necessidades da própria escola, dos alunos, dos interesses deles, respeitando sempre o currículo nacional.

**Paula:** *A sua escola tem autonomia?*

Professor: Penso que sim, tem alguma autonomia!

**Paula:** *Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Eu penso que essa autonomia tem a ver um bocadinho com as práticas curriculares. Na gestão dos programas curriculares, apesar de terem um tronco comum, penso que em algumas disciplinas se está a ir ao encontro dos interesses dos alunos e das necessidades deles.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Eu, sinceramente... Em teoria concordo, mas acho um bocadinho difícil por em prática ou então eu ainda não sei exactamente o que é que se pretende ou o que é o Projecto Educativo!

**Paula:** *Na sua opinião para que deveria servir o Projecto Educativo na escola?*

Professor: Para essa autonomia que é pretendida ser muito mais concreta e não ser só no papel é preciso tomar mais decisões em aspectos mais concretos e não só naqueles burocráticos.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Acho que é ainda muito cedo, que está tudo muito verde. Ou ainda não se foi ao encontro daquilo que é pretendido ou então não se está a ir realmente no caminho do que se pretende!

**Paula:** *O que é que o Projecto Educativo poderia mudar?*



Professor: (riso) O Projecto Educativo era importante para poder adequar às necessidades e às motivações dos alunos, da escola e do meio onde eles estão inseridos. Deveria ser o principal objectivo a atingir!

**Paula: Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?**

Professor: Concordo, concordo redondamente. Acho que há uma uniformização. Nesta escola está a haver uma preocupação sobretudo a partir dos directores de turma no início do ano lectivo; é dado aos alunos uma forma simplificada deste regulamento interno, é dado com linguagem bastante adequada para os alunos; é discutido sempre no início do ano lectivo em Formação Cívica, em todas as disciplinas; fundamental para os miúdos perceberem realmente que há regras a cumprir, há direitos, há deveres, que é assim que eles também têm que fazer lá fora.

**Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?**

Professor: Eu acho que é necessário virem orientações. Se andarmos 10 km para a frente ou 10 km, estando numa escola ou estando noutra, poderemos ter coisas completamente diferentes. Eu acho que não, deve haver um tronco comum a nível nacional e depois são pequenos ajustamentos associados às condições físicas da escola, à personalidade das pessoas que estão à frente da escola, ao tipo de alunos que frequentam a escola, é assim que devem ser feitas as flutuações.

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas? Se assim fosse não lhe parece que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?**

Professor: A minha resposta vai de encontro, quer dizer, poder-se-ia decidir qualquer coisa, dar mais ênfase ou menos ênfase a determinada parte do programa, mas realmente o tronco comum devia ser nacional.

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Eu acho que tem alguma autonomia. Mais autonomia se calhar depois acabava por estarem as situações fora de controlo, não é? Não sei até que ponto isso seria bom. Por outro lado, às vezes os professores querem

fazer mais actividades, por exemplo agora veio um ofício circular da DREN a regulamentar visitas de estudo, torna-se muito complicado fazer uma visita de estudo com os miúdos neste momento. Assim estamos a perder autonomia, se calhar há turmas que mereciam serem aproveitadas também nessas formas alternativas de aprender. Pronto, perdemos um bocadinho nesses aspectos, mas eu acho que também autonomia a mais depois poderia dar azo a grandes variações mesmo de um lado para o outro, de uma turma para a outra e poderia perder-se muita autonomia!

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: O currículo da escola é tudo o que é dado aos alunos formalmente, todas as aprendizagens. Tudo o que eles aprendem no recreio não faz parte do currículo. Do currículo faz parte todas as aprendizagens que ele faz dentro das áreas disciplinares ou não disciplinares, orientadas pelo professor, dentro da sala de aula. O resto é aprendizagem, mas não faz parte do currículo!

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Eu acho que o currículo da escola devia partir de um currículo nacional em que devia, se calhar, depois regional e depois dentro da localidade. Deveria haver o tal tronco comum, eu acho importante, a nível nacional, depois haveria, eventualmente, a regionalização em alguns aspectos e depois, eventualmente, nas escolas haver nova adaptação que tenha a ver com a gestão autónoma das escolas. Concorde que a partir do currículo nacional passe haver uma contextualização!

***Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Eu acho que as ideias à partida eram boas, nomeadamente as áreas curriculares não disciplinares. Eu acho que em teoria, eram boas ideias esta reorganização curricular. Não estou a ver ser aproveitadas na sua plenitude, nomeadamente o estudo acompanhado. Lançou-se para as escolas as áreas curriculares não disciplinares, mas não houve muita orientação sobre

o que se deve fazer ao nível dos professores, é um bocado a lei do desenrasca, não é? Todos os professores, qualquer que seja a sua área de formação podem dar essas áreas curriculares, mas realmente não tiveram nenhuma orientação. O estudo acompanhado enquanto há professores que estudam para os testes com os alunos, há outros que fazem outras actividades, outros dão acesso à informática. Acho tudo bem, mas porque é que uns têm uma coisa e outros têm outra? Acho interessante a área de projecto, fazerem o trabalho de projecto, mas, por exemplo ao nível do 5º ano os alunos são pouco autónomos, não é um trabalho dos alunos, torna-se um trabalho muito do professor ajudante dos alunos, não é. Em relação à formação cívica, pronto, ainda assim acho que talvez seja a área curricular que tenha sido, pelo menos nas escolas e pela minha experiência, talvez seja a que tenha sido mais bem conseguida. Acho que seja a que está mais de acordo com o que se pretendia. Apesar de tudo acho positivo, que são aspectos positivos.

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Sim, como já disse em respostas anteriores.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Não. Eu acho que tanta autonomia, ou seja, introduzir novas disciplinas, novas áreas disciplinares, isso não concordo. Eu penso que as áreas disciplinares já existentes nos programas, disciplinares ou não, é que a escola poderia ter ... dar mais ênfase ou menos ênfase, até porque a carga horária dos miúdos é bastante pesada. Eu estou a imaginar isto sem mexer no tal tronco comum!

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Sim, elas devem ser definidas pelo Ministério da Educação. Agora, se me perguntar se concorda com a forma como elas estão definidas, se calhar

não! Mas sinceramente ainda não fiz ginástica mental para tentar imaginar eu umas. Parecem-me que estão exageradamente amplas, difíceis de concretizar!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Sim, sim. Eu acho que sim, que deve ter autonomia apesar de às vezes poderem surgir situações complicadas, ...onde não há discussão se calhar também não se cria nada porque, é assim, nós muitas vezes queixamo-nos quando as coisas nos são impostas, mas depois quando somos nós a gerir também custa sermos nós a resolver, porque as questões não são pacíficas. Dar mais carga horária a uma disciplina ou a outra não é fácil. De qualquer modo são pequenas as flutuações a esse nível. A autonomia da escola a esse nível é muito pouca!

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: Aqui na escola quem está exactamente dentro deste assunto é o conselho executivo, são os coordenadores de ciclo, porque nem todos os professores foram informados nem estão informados sobre isto. Isso acontece pelo seguinte, os professores mudam de escola para escola, o que eles sabem numa escola no ano seguinte passa a não ser verdade. Se não são directores de turma, se não pertencem a um órgão de decisão ou de coordenação, muitas vezes passa a informação um bocadinho ao lado daqueles professores. Enquanto órgão quem deveria estar, não estou a ver mais nenhum grupo que possa... só os coordenadores de departamentos curriculares, fazem parte do conselho pedagógico também estão dentro do assunto. Portanto, a direcção da escola, os directores de turma através dos coordenadores de ciclo e os coordenadores de departamento através do conselho pedagógico.

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Sim, sim.

**Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Eu acho que só traz vantagens para os alunos. Melhorar, diversificar e, sobretudo, ir ao encontro dos interesses deles.

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos) Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Sim, pode fazê-lo ao nível do regulamento interno, do projecto educativo da escola.

**Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**

Professor: Muito devagarinho, provavelmente, sim. Provavelmente já estarão a mudar, mas pouco. Eu como professora sei que os alunos podem ter grande vantagem nisso, mas a tendência é defender-me. Nem todos concordam a 100% com esta reorganização, uns concordam mais, outros concordam menos. Lentamente é provável que já esteja a haver algumas mudanças, mas elas são muito lentas!

**Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?**

Professor: Eu penso que até agora o conselho pedagógico ...seja mais fácil fazer isso! Eu penso que todas as estruturas estão representadas no conselho pedagógico, penso que é um grupo de trabalho relativamente... o mais pequeno possível, mas também o mais diversificado ao nível das disciplinas!

### **Práticas Curriculares**

**Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?**

Professor: Eu acho que a questão, dos departamentos curriculares, trouxe maior actividade entre nas disciplinas, mas depois é difícil realmente conciliar. A forma como a escola está organizada em termos de horários é complicado. Eu acho que as diferenças que houveram, se calhar, foi para pior!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Se calhar começa a haver. Antigamente era só os grupos disciplinares, agora com os departamentos curriculares a discussão passa por várias disciplinas. Nesse aspecto sim, a haver alguma discussão é mais diversificada, portanto, são professores de diferentes disciplinas, em algumas actividades, geralmente discutem.

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Penso que sim!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Sim. É feita a nível de grupo disciplinar, a programação, critérios de avaliação... O professor tem autonomia para adaptar a unidade didáctica à sua turma.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Na planificação propriamente dita não, mas nos critérios de avaliação sim.

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: São importantes.

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Temos feito adaptações, não é que não venham nos programas, vêm indicados nos programas nacionais como sendo dados em anos de escolaridade mais tarde, mas tendo em conta o meio em que estamos envolvidos temos introduzido mais cedo.

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: Eu acho que o que traz de mais positivo é dar a oportunidade de todos os alunos que frequentam a escola terem acesso ao mesmo tipo de conteúdos, o mais parecido possível!

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: Sim, é o que nós fizemos com duas actividades, como disse anteriormente, vamos ao encontro do meio envolvente.

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: O projecto curricular de escola talvez não seja fundamental. Tem vantagens, mas não acho que seja assim uma coisa imprescindível!

***Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?***

Professor: ...!

***Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: Esse é um dos aspectos, que eu acho, que em teoria também para já o projecto curricular de turma justifica-se. Para já, parece-me, que o que está a ser conseguido ainda não vai ao encontro do que seria positivo no projecto curricular de turma. A avaliação diagnostica que se pretende no início do ano ainda é muito cedo, por exemplo em meados de Outubro ou início de Novembro, nós ainda não conhecemos aquela turma ou o que achamos necessário para aquela turma, a melhor forma de trabalhar... Se calhar quando conhecemos a turma acaba o ano lectivo e tem a ver com a rotatividade dos professores e dos alunos, torna-se muito complicado fazer um verdadeiro projecto de turma que tenha continuidade ao longo dos anos!

***Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)***

Professor: A forma como está a ser feito é a forma ideal, portanto, é o conselho de turma, todos os professores da turma, o representante dos pais, o professor do ensino especial que eventualmente faça o acompanhamento com o director de turma.

***Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?***

Professor: Deve ir ao encontro.

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Utilizo sempre por unidades didáticas. Quando as turmas são mais complicadas ou porque tem menos apetência ou porque tem apetência a mais (risos) aí então utilizo aula a aula.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Geralmente, por unidade didáctica tenho um plano escrito, o que é que eu julgo que aquela turma poderá eventualmente atingir. Quando as turmas são mais complicadas faço um plano mental de cada aula.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo como instrumento de consulta.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Não...! Recorro muito a acções de formação que se fazem, realmente é onde se aprende coisas mais... diferentes!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Geralmente começo, quase sempre, da mesma maneira. Só quando as turmas são realmente fora de série, tanto pela positiva como pela negativa, então aí é que faço adaptações!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Deve alterá-lo, logicamente!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**



Professor: A planificação que o grupo faz vai muito ao encontro do Ministério da Educação. A meu ver parece-me... o meu nível de exigência é muito mais baixo que o do programa. Por exemplo, o que o Ministério da Educação considera os objectivos mínimos para mim seriam de nível avançado!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, sempre que possível.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizei a observação directa na aula específica da avaliação. Ultimamente, utilizo sempre a avaliação contínua. Em cada aula registo tudo o que observei ou quase tudo o que observei ou o que consegui observar, nas progressões pedagógicas que os alunos estão a desenvolver.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Parece-me complicado. Faltam instrumentos de observação mais fiáveis.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: Valorizo muito as atitudes e os valores.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, através da auto-avaliação no final do período.

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Sim, acho muito importante.

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: Também. Isto é muito mais difícil do que eu contava!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P3

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Sei lá! Não faço ideia!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia?*

Professor: É assim, julgo que ela tem alguma autonomia, julgo que sim! Eu estou-lhe a falar meramente... ainda no último pedagógico, pelo que me apercebi, falou-se no desenho curricular e lembro-me que, pronto, o presidente até nos pediu para que a gente pensa-se sobre o desenho curricular propriamente do 9º ano. Portanto, é porque tem autonomia!

**Paula:** *Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: ...!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Bem, eu acho que sim. Se é um projecto é um documento e o documento tem sempre utilidade. É lá que tem regras, leis, acho... é sempre importante!

**Paula:** *Na sua opinião o Projecto Educativo poderá ser um documento que identifique a escola?*

Professor: Sim, sim.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Claro, claro!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Regulamento interno... sim, tem que haver um regulamento.

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?*

Professor: ... não sei!

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas? Se assim fosse não lhe parece que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?*

Professor: Não, não, acho que não!

**Paula:** *Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?*

Professor: Acho que tem autonomia suficiente, por isso mesmo é que deve haver um programa e toda a gente deve seguir aquele programa. Não obrigatoriamente seguindo a mesma ordem, eu posso alterar, em vez de dar o 2º capítulo a seguir ao 1º, dou o 4º ou o 5º conforme eu achar que deva fazer.

### **Organização e Gestão Curricular**

**Paula:** *Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?*

Professor: (riso) Não tenho opinião!

**Paula:** *A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)*

Professor: ...!

**Paula:** *Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?*

Professor: Não sei!

**Paula:** *Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?*

Professor: Sim, concordo.

**Paula:** *Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?*

Professor: Talvez as escolas pudessem introduzir algumas disciplinas, disciplinas... áreas, não é bem disciplinas, áreas principalmente para aqueles alunos que não fazem ou que não têm capacidades ou que não querem fazer mesmo rigorosamente nada nas aulas acho que deveriam ter outras ocupações, alternativas...

**Paula:** *O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?*

Professor: Se calhar a escola, porque conhece melhor os alunos!

**Paula:** *As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: Se tiver de ser alguém que seja o pedagógico, é o órgão máximo da escola!

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Claro!

**Paula:** *Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Sim, sim, acho que sim.

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores?*

Professor: Houve uma mudança, claro!

**Paula:** *Quer concretizar?*

Professor: Não.

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Eu penso que deve ser o pedagógico, acho eu!

## **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Eu acho... eu não notei nada (riso)!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Igual, absolutamente (riso)!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim, se tiverem vontade acho que sim (riso)!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Sim, fazemos. A planificação anual é feita a nível de grupo.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Isso fica ao critério do professor, fica ao critério de cada um.

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: Se manda a gente tem que obedecer, não é?

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Se for preciso e se vier ao caso, sim!

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: Ao nível de grupo, pronto, é uma questão de se cumprir aquilo a que nos sujeitamos e cumpre toda a gente. Andamos todos mais ou menos a par e toda a gente dá os mesmos conceitos. De um modo geral, claro!

**Paula:** *Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?*

Professor: São para ser cumpridos como vem.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: É assim, eu não sei se traz vantagens, não noto!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: O projecto curricular de turma é diferente. É importante porque é através dele que nós conhecemos os problemas reais da turma se há casos de doenças, quais são as actividades que eles fazem fora da escola, portanto, permite um melhor conhecimento dos alunos, sem dúvida!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: O director de turma com a ajuda de todos os professores.

**Paula: Os pais, os alunos, outros intervenientes, não lhe parece importante a sua participação?**

Professor: Não, não me parece importante. Só os professores.

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Claro.

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Claro.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Todas, incluindo a diária, que é a que uso mais. As outras fazem-se no início do ano, mas semanalmente eu faço uma diária para aquilo que vou dar durante a semana.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Não, não, mentalmente.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Fundamental, fundamental.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Não, basicamente é o manual.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: É assim, tento cumprir com o programa, mas claro que se tenho uma aula com seis ou sete alunos que não me acompanham às tantas sou capaz de numa aula de formação cívica, por exemplo, enquanto os outros fazem um trabalho qualquer eu sou capaz de estar com eles a dar-lhes as primeiras bases, claro!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Não, deve alterar sempre e de turma para turma. Altera-se sempre, nunca se dá a mesma coisa da mesma maneira.

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que deve ter liberdade, se não, Deus me livre!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, claro.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo a contínua, basicamente para classificar o aluno!

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Formativa? Não estou a perceber bem..., mas a gente aqui está sempre..., todos os dias faz uma avaliação formativa, mentalmente, não registo nada! Deus me livre de andar sempre a tomar notas!



***Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?***

Professor: Há as atitudes. Eu sou capaz de dar positiva a um aluno que se esforce, mas vejo que ele não consegue, mas no entanto é humilde, é educado, sabe estar na sala de aula e precisa da minha nota para passar e eu não ponho obstáculo nenhum em dar-lhe positiva.

***Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?***

Professor: Sempre e digo-lhes porque é que vou dar determinada nota.

***Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?***

Professor: Acho que sim!

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Também. Já é habitual fazermos isso, mais ao nível de grupo.

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P4

### **Autonomia da Escola**

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Escola autónoma seria aquela que pudesse sugerir, o seu percurso, o seu futuro ou pudesse fazer adaptações relativamente aos alunos e aos currículos!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia?*

Professor: Alguma tem. Alguma autonomia tem, a nível de gerir os departamentos e os próprios grupos. Relativamente a outros aspectos, acho que não, que essa autonomia ainda não nos foi dada. É muito proclamada a autonomia nas escolas, mas na realidade somos confrontados que ela nos é cortada quando muitas vezes precisaríamos dela!

**Paula:** *Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Cada grupo é autónomo, pode gerir o seu programa, fazer ou propor alterações, sempre de acordo com os outros grupos que pertencem ao departamento.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: A escola já tem há uns anos projecto educativo. É importante, são bases que têm de ser seguidas, nas quais temos que nos apoiar, é ratificado sempre que necessário, todos os anos.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Para a escola em si trouxe, para nós professores também. Os alunos muitas vezes esquecem-se que há um projecto educativo nas escolas e que têm direitos e deveres, e que têm de cumprir determinadas normas.

**Paula:** *O Projecto Educativo, de algum modo, mudou alguma coisa na escola?*

Professor: Eu não notei, assim, uma alteração muito grande a não ser ter ficado uma base legal no papel, portanto, não é o falarmos..., o passar no

conselho pedagógico apenas, mas sim uma base escrita de fundamento para resolver determinados problemas que possam surgir na escola.

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola? Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Ajuda em determinadas decisões, noutras é relativo!

**Paula:** *A construção do Regulamento Interno segue as orientações do M.E. e está sujeito à aprovação da DREN. Se fosse sido decidido apenas em função dos interesses da escola parece-lhe que daria uma maior autonomia à escola?*

Professor: Se calhar sim, porque nós estamos um pouco limitados relativamente a isso. Daí que nós apelamos muitas vezes à autonomia das escolas, mas é-nos barrada essa autonomia com as ordens que vêm precisamente da DREN ou de órgãos superiores!

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: Sim! Podemos fazer as adaptações ao que vamos leccionar; nós podemos transpor unidades! Mas temos o problema dos manuais. Ninguém se preocupa muito se a matéria é difícil, se o programa é grande, se está a contemplar aquilo que poderia ou deveria, de modo a dar uma certa continuidade!

**Paula:** *Se as escolas pudessem decidir sobre os programas das disciplinas, não lhe parece que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?*

Professor: Se calhar teria que haver uma base também comum, não é? Vamos supor, havendo exames tem que haver um programa comum para todos. Teria que haver sempre uma linha de orientação em que aqueles conteúdos fossem ensinados, fossem desenvolvidas aquelas competências até aos anos finais de cada ciclo.

**Paula:** *Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?*

Professor: Eu acho que o professor neste momento devia ter mais autonomia.

## **Organização e Gestão Curricular**

**Paula:** *Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?*

Professor: O currículo é o percurso a seguir virado para a realidade que temos!

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: Para bem seria uma intervenção de todos, numa questão de lógica que depois vai conduzir a um determinado tipo de situação em que teria que haver uma uniformidade, não é? Mas já não era muito mau se o currículo fosse, portanto, a nível das necessidades de cada escola. Umas terão mais necessidades que outras!

**Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?**

Professor: Creio que a reorganização curricular em termos de horário não teria sido a melhor opção porque foi reduzido o tempo... e se calhar é capaz de se tornar mais difícil de gerir, na medida em que, por exemplo, os alunos estariam mais vezes durante a semana com o professor do que aquelas que passam a estar. Eu, por exemplo, já tive dois blocos em que um é no início da semana e outro é no fim da semana. O aluno do início da semana ao fim da semana perde o contacto com o professor. Numa disciplina como a minha há um bocadinho de desperdício de tempo. Para os alunos, noventa minutos torna-se um bocadinho mais massacrante, temos que gerir de outra maneira, estava estruturado de uma determinada maneira e agora tem de ser doutra. Acho que conseguia transmitir mais conhecimentos porque sempre que o professor falta, está a ver, falta logo a dois blocos!

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Se calhar era bom!

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Eu não sei até que ponto depois isso poderia trazer diferenças. O currículo comum por um lado é um currículo comum com continuidade, nós agora que estamos em agrupamento... essa continuidade acabava por nos transmitir determinadas situações sobre o aluno. Com o currículo diferente, não sei até que ponto poderia trazer divergências entre escolas!

**Paula:** *O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?*

Professor: Eu acho que sim! Concordo.

**Paula:** *As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: Entre grupos se calhar funcionará melhor. Agora, o departamento em si deverá ter a preocupação de ver os conteúdos programáticos que poderão transitar, ou ser mais abordados ou menos, ou farão mais ou menos falta de acordo com... Eu muitas vezes ouço as colegas dizer que as coisas se encontram um bocadinho, pronto, desfasadas porque há coisas que elas deviam dar antes e que só se dão depois e há outras que se falam e nunca mais se vão falar e há outras que falam primeiro e deveriam falar depois, isto é aquilo que eu ouço e certamente, por isso é que eu digo que o grupo estará sempre mais informado sobre isso.

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Eu acho que sim!

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos) Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Sim. Eu acho que devem ser ouvidos e intervir nessas áreas!

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Sim, leva!

***Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?***

Professor: Aqui na escola, por exemplo, há um órgão próprio. Um coordenador de projectos que elabora o projecto de acordo com as sugestões de toda a comunidade escolar. Cada um emite os seus pareceres – grupos ou departamentos – afim de se proceder às devidas alterações do anterior.

### **Práticas Curriculares**

***Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?***

Professor: Não vejo que tenha havido uma mudança, assim, tão significativa. Mais ou menos funcionam como funcionavam. Pode haver grupos que reuniam isolados e agora reúnem com o departamento, só mesmo uma questão de gestão de programas, de planificação; se os programas são extensos poderá uma parte que fica para o ano seguinte. Houve uma parte dos conteúdos que retiramos porque no sétimo ano eram repetidos.

***Paula: Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?***

Professor: Nesse aspecto acho que sim. Houve toda uma readaptação com a própria mudança do ensino, teve que haver mesmo, forçosamente!

***Paula: Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?***

Professor: Eu acho que sim!

***Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?***

Professor: No início do ano lectivo, a anual. Depois fazemos planificação a médio prazo por unidades temáticas, desenvolvimento de capacidades para o primeiro, segundo e terceiro período. É feita pelo grupo.

***Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?***

Professor: Atendendo às capacidades, às atitudes e os valores, é nesse sentido que é feita toda a avaliação!

**Paula: *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?***

Professor: Não. São tidas em conta, mas depois têm que ser adaptadas às situações reais!

**Paula: *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?***

Professor: Depende. Há turmas de maior rendimento que a pessoa pode transmitir mais algum conhecimento, há outras que não, até na própria turma de uns alunos para os outros!

**Paula: *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?***

Professor: Eu acho que sendo uma programação ao nível de grupo, no fundo, todos os alunos estão em pé de igualdade para as competências que se definirem.

**Paula: *Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: Permitem alguma adaptação ao tipo de alunos da turma que temos. Portanto, permitem alguma flexibilidade.

**Paula: *Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Eu acho que sim! Dá-nos um fio condutor!

**Paula: *O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?***

Professor: Eu acho que dos professores e de toda a comunidade escolar.

**Paula: *Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: O projecto curricular de turma, portanto, leva, de facto, a um desenvolvimento dos alunos a outros níveis permite-lhes adquirir outras competências, logo no quinto ano, portanto, eles tem outra visão e outra maneira de ver e amanhã poder tratar outros temas, pesquisar ou desenvolver outras actividades. Têm que ir bem preparados para isso. O projecto curricular de turma abrange várias aulas, várias áreas. São mesmo preparados para desenvolver esses temas e vir a tirar algum proveito disso.

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Para mim todos os professores que fazem parte do conselho de turma. Os alunos também têm a sua palavra, são sempre eles os primeiros a dizer aquilo que pensam. Aos pais é-lhes dado a conhecer todo o trabalho dos alunos e tudo aquilo que eles fizeram.

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Pode não respeitar. Quer dizer, podem ter temáticas diferentes, tendo em consideração os interesses dos alunos, aliás nós damos várias áreas em que..., podemos proporcionar, sobretudo aos alunos do quinto ano, vários temas e eles depois podem escolher dentro aquilo que querem tratar. Tenho que dar uma certa orientação, eles são pequeninos...

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Por unidade. A experiência vai dando mais ou menos nós o que já temos concretizado para um determinado ponto. Se chegamos lá, chegamos, se não chegamos, paciência. Porque a turma não deixou, porque houve alguma coisa que não correu também, porque a turma não deu rendimento. Eu geralmente por unidade temática sei mais ou menos o programa e quanto tempo devo gerir aquela unidade e, portanto, depois avaliar, não é!

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Neste momento eu já faço mentalmente.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**



Professor: Na realização eu acho que o manual é fundamental. É fundamental por uma questão que eles têm que ter uma base de apoio para as coisas e hoje há manuais muitíssimo bem feitos, com visualizações de imagens, com sugestões que eles muitas vezes, por muito que se fale, parece que é um bocado irreal, mas olhando e constatando..., acho que o manual deve permanecer na aula.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Basicamente não utilizo outros porque os manuais trazem, sobretudo na minha disciplina, uma quantidade grande de actividades que já é preciso gerir muito bem para conseguirmos fazer!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Tem que ter mesmo!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Claro. Quantas vezes eu penso dar uma coisa e não dou, até porque eles intervêm, suscitam outras questões, uma pessoa depois acaba por falar sobre elas e, portanto, não estamos ali só a seguir o manual!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve ter liberdade de orientar!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, acho que sim!

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizamos no processo de avaliação a formativa, a sumativa, atendendo sempre aos níveis cognitivo, atitudes e valores. Dentro disso eu atendo muito a essas situações e faço sempre uma avaliação ao longo do ano, à progressão do aluno desde que entrou até ao final do seu percurso, portanto, de ano a ano. Eu geralmente só dou no segundo ciclo, costumo tê-los no quinto e depois no sexto. No quinto ano eu começo com uma apreciação dentro do

que eles trazem, que podem ter dado ou não ter dado, que pode ter sido abordado mais ou menos, ao tipo de vocabulário usado que pode ser diferente do primeiro ciclo para o segundo. Há uma readaptação muito grande do aluno quando passa do primeiro ciclo para o segundo. Depois disso eu faço sempre a avaliação ao longo do ano e àquilo que o aluno progrediu, portanto, às capacidades do que ele foi capaz de ir adquirindo.

***Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?***

Professor: Bem, constrange-me... A autonomia de classificar, de avaliar o aluno, nós temos, somos senhores de avaliar o aluno. Eu tenho essa liberdade, mas muitas vezes estou condicionada porque dentro da escola que temos, dos alunos que frequentam a escola, há aqueles alunos que muitas vezes temos que ter uma certa condescendência porque eles não são capazes... Portanto, eu tenho que fazer uma diferenciação entre esses alunos. Não me sinto muito, na minha maneira de pensar, acho que ele deve atingir aquelas competências que lhe estão destinadas, mas com uma progressão lenta. Também não é de desprezar isso, porque muitas vezes o aluno pode progredir lentamente este ano e no ano a seguir até pode progredir muito mais, ter desenvolvido muito mais o seu nível intelectual e, portanto, ter ganho gosto de outra maneira ou até ter ficado mais aliciado para a escola, portanto, reage de uma maneira diferente. Eu costumo ser um bocadinho criteriosa na avaliação relativamente a isso!

***Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)***

Professor: Nós temos muitos alunos neste momento nas salas de aula é difícil, de facto, coordenar uma avaliação dos alunos mais aprofundada. Dentro do possível, vamos atendendo no dia a dia àquilo que corresponde e àquilo que pedimos. As condições não são as ideais, quer dizer, turmas mais pequenas se calhar era muito melhor!

***Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?***

Professor: As capacidades do aluno, por exemplo. Depois as atitudes dele, pode ter atitudes que poderia ser bom aluno, mas não é porque não quer, não vamos, como é que hei-de dizer, não vamos analisar o aluno na totalidade, mas vamos fazê-lo sentir que ele poderia ser melhor. E, portanto, o percurso que ele fez, ... porque acho que o aluno que começou muito bem e depois perde interesse, portanto, é o aluno que está a perder o interesse pela escola ou que não quer, muitas vezes rejeita, e há aquele aluno que é incentivado no dia a dia e que se insiste e que ele consegue. Eu sinto-me muito feliz quando isso acontece!

**Paula: *Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?***

Professor: Sim, é discutido, sobretudo, a avaliação final entre eles e, de uma maneira geral, eles autoavaliam-se muito bem.

**Paula: *Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?***

Professor: Sim.

**Paula: *E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Tem mesmo que haver. Neste momento tem mesmo que haver essa troca de impressões.

**Paula: *Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P5

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?

Professor: A autonomia da escola pode manifestar-se através do Projecto Educativo de Escola e do Projecto Curricular de Escola que devem ser elaborados de acordo com a zona em que a escola está inserida, com o meio sócio – económico, que, no caso da minha é médio-baixo.

**Paula:** *A sua escola tem autonomia?*

Professor: Sim, embora não em todos os aspectos. Acho, inclusivamente que nem toda a autonomia interessa à escola.

**Paula:** *Quer concretizar algum aspecto em particular?*

Professor: Por exemplo, no que diz respeito ao desenho curricular, a minha escola contemplou uma das disciplinas que lecciono apenas com um bloco e meio, o que considero muito pouco, tendo em conta que o Programa Nacional não sofreu qualquer alteração. É impossível ensinar os mesmos conteúdos em menos tempo. Infelizmente os encarregados de educação podem ter razão ao pretenderem matricular os seus educandos na escola A e não na escola B, pois a primeira decidiu investir na disciplina X uma maior carga lectiva.

**Paula:** *Neste caso vou avançar um bocadinho na entrevista e depois recuo. A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: Acho que deve haver um tronco comum e a partir daí, as escolas poderiam decidir sobre o que consideram mais importante para os seus alunos, mas com muito, muito cuidado! Com este tipo de liberdade corre-se o risco de criarem situações de desigualdade, de injustiça perante os alunos. Por exemplo, pensemos nas provas aferidas, globais, exames... se as provas são elaboradas para todo o país, todos os alunos têm, obrigatoriamente, o mesmo direito à mesma preparação. É muito fácil falar da autonomia das escolas, mas no fundo é muito complicado!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Acho que sim, porque ao ficar no papel a caracterização da escola e do meio envolvente, bem como o regulamento Interno, facilita o funcionamento global da mesma e ainda a aferição de critérios adaptados à realidade. Numa escola tudo deve funcionar a partir do Projecto Educativo.

***Paula: Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?***

Professor: Sim. Como referi na resposta anterior um Projecto Educativo, se for bem elaborado, retrata de modo fiel a escola e o meio socio-económico em questão. Sendo assim, todos saem a ganhar principalmente os alunos. O Projecto Educativo é o B.I. de uma escola.

***Paula: Qual a vantagem, que lhe parece mais importante para os alunos, que se possa retirar da elaboração do projecto educativo?***

Professor: Qualquer instituição, seja ela qual for, funciona com muito mais eficiência se tiver algo concreto, uma directriz pela qual se deixe guiar. Já comparei o Projecto Educativo de uma escola ao B.I., agora vou chamar-lhe “o leme do barco”. Imagine todos os alunos de uma escola num barco sem leme...

***Paula: Pensa que o projecto educativo desta escola mudou alguma coisa?***

Professor: Vai mudando...

***Paula: Concorde com a existência de um Regulamento Interno na escola?***

Professor: Concorde. Acho mesmo que é imprescindível!

***Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?***

Professor: Acho que sim, acho que ajuda. O Regulamento Interno, inserido no Projecto Educativo, pode ser definido de acordo com a escola em questão. É claro que há sempre o reverso da medalha: há alguns “preciosismos” no nosso Regulamento Interno com os quais eu não concordo, mas precisamente por se tratar de um regulamento, há que cumprir, dando o exemplo.

***Paula: Ainda relativamente a este assunto, o Regulamento Interno é construído segundo orientações do M.E., estando sujeito à aprovação da DREN. Se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola parece-lhe que promoveria uma maior autonomia?***

Professor: Penso que vamos voltar ao mesmo. Há padrões que devem ser respeitados e cumpridos de Norte a Sul do país. Sim à autonomia, mas tendo

sempre em conta o tal tronco comum. Um regulamento é um conjunto de regras dirigido a alguém. Parece-me que essas regras não devem ser muito diferentes de escola para escola a noção de “o que está certo e o que está errado” não pode mudar muito de escola para escola!

***Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?***

Professor: Se tivéssemos autonomia para reformular os programas..., mas essa reforma teria de ser a mesma para todas as escolas!

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: O meu conceito de currículo engloba todas as disciplinas e áreas curriculares não disciplinares. Temos ainda as actividades extracurriculares, que mesmo sendo extracurriculares não as vejo desvinculadas do currículo.

***Paula: Talvez a pergunta seguinte ajude, a que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Temos de evitar a ideia de que possa haver portugueses de primeira e portugueses de segunda, devendo levar o essencial a todos (o tal tronco comum). No entanto o currículo pode ser adaptado, dentro da medida do possível às características das regiões.

***Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Na minha opinião a Reorganização Curricular não trouxe só vantagens, também trouxe desvantagens. A carga disciplinar dos alunos do 3º ciclo é demasiado pesada (são 16 disciplinas). Além disso e relativamente às áreas curriculares não disciplinares, penso que nem sempre atingem os objectivos à partida estabelecidos, em parte devido à falta de formação dos professores. Valorizo a área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado. Relativamente à Área de Projecto e à Formação Cívica penso que deveriam ser tratadas transversalmente, compensando com esses tempos disciplinas base como Língua Portuguesa e Matemática.

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Concordo.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Complicado. Acho que devemos ter autonomia para... sem dispersar muito e sem sobrecarregar os alunos. No entanto, por exemplo, no que diz respeito ao ensino especial a autonomia devia ser maior, de modo a ajudarmos a integrar, realmente, os alunos na sociedade, nem que para isso devam ter aulas de culinária, estética, jardinagem, artesanato...

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Penso que sim. As competências básicas devem ser direccionadas para os alunos de todo o país; devem ser um ponto de partida, uma referência. É claro que, à partida, acreditamos que as pessoas indicadas pelo Ministério da Educação para definir esse conjunto de aprendizagens e competências têm a noção real das nossas escolas, dos nossos alunos.

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Já respondi a essa questão atrás. De qualquer modo volto a referir que apesar de concordar com a autonomia nas escolas, acho que essa mesma autonomia pode levar a determinados erros. O que está certo para a escola A, pode estar errado para a escola B e isso causa-me uma certa confusão. Deve ser deixado algum espaço de manobra para a escola, mas deve haver o tal tronco comum!

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: O conselho pedagógico, os grupos disciplinares e os conselhos de turma.

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Sim.

**Paula:** *Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: A gestão flexível do currículo tem as suas vantagens, é importante porque o país não é igual de Norte a Sul, mas implica riscos, visto que os exames nacionais são iguais de Norte a Sul.

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola?*

Professor: Sim, sim.

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos) Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Em todas as áreas, desde que seja feito pedagogicamente correcto e usando sempre de equilíbrio e de bom senso.

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Pelo menos deveria levar. Ao pretender fazer a gestão do currículo, o professor, automaticamente, é obrigado a uma mudança nas práticas curriculares.

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Todas as estruturas devem ser ouvidas.

## **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Na minha opinião, agora é mais difícil passar todas as informações. O coordenador de departamento encontra-se muito mais sobrecarregado. A coordenação entre os grupos..., depende do coordenador, isso depende muito



do coordenador. Há departamentos curriculares que funcionam muitíssimo bem e há outros que não funcionam tão bem e há outros que funcionam mal. Mas também não vejo grandes vantagens nisso, acho que foi mais um pró-forma!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Há mais discussão e há uma maior atenção para determinados aspectos, mas para que isso aconteça é necessário que o coordenador “puxe a carroça”, ou seja, “anda tudo a toque de caixa”!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo?*

Professor: É feita uma planificação a longo e médio prazo no início do ano lectivo. Posteriormente, é feita uma planificação de unidade por unidade.

**Paula:** *A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: É elaborada uma proposta pelo coordenador, que depois é analisada, debatida e aperfeiçoada em grupo.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Sim, sim.

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: São uma orientação!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Quando não há tempo sequer, para cumprir com o que foi planificado, não nos podemos dar ao luxo de introduzir novos conteúdos.

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: A ponderação, a análise, a discussão e principalmente a aferição de critérios.

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: Dizer que os programas do Ministério da Educação são flexíveis é, em minha opinião, pura demagogia. Se os programas não forem cumpridos os alunos serão prejudicados nos exames nacionais. No que diz respeito a uma das disciplinas que lecciono o programa nacional continua extenso, não sendo de todo possível pô-lo em prática apenas com um bloco e meio de aulas por semana.

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Sim, acho muito importante, pois desse modo a escola funciona segundo os mesmos critérios.

***Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?***

Professor: Sim, competência é dos professores.

***Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: É muito importante. Para mim talvez o mais importante de todos os projectos. É fundamental que todos os elementos de um conselho de turma conheçam com rigor a turma com que trabalharam.

***Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)***

Professor: O conselho de turma, liderado pelo director de turma.

***Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?***

Professor: Sim, deve.

***Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?***

Professor: Sim, fundamental.

***Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?***

Professor: Todas. A anual e a trimestral e a planificação de aula a aula. Preparo todas as minhas aulas.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Faço um plano escrito.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Não sendo tudo, o manual é muito importante, caso contrário seria um contra-senso adoptar manuais, obrigando os pais a gastar dinheiro e os alunos a carregá-los. Sem os manuais, penso que os alunos se sentiriam perdidos na hora do estudo. O caderno diário é, também, um instrumento fundamental de trabalho.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Hoje em dia, os manuais trazem tanto material didáctico que já não sentimos tanta necessidade de recorrer a outros materiais, mas, mesmo assim, por vezes ainda é necessário recorrer a eles. Esses materiais são elaborados pelo próprio professor e por vezes são partilhados.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Claro que sim!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Sempre que necessário!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Tendo todos nós de ensinar os mesmos conteúdos, podemos, no entanto, fazê-lo usufruindo de alguma liberdade para seguir as nossas próprias orientações. Mas, há que ter muito cuidado!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, sim...

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Todos os modelos: avaliação de diagnóstico, directa, formativa, sumativa.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Se pudesse largar uma parte da minha profissão seria precisamente a que diz respeito à avaliação. Os professores têm autonomia na avaliação dos alunos, mas dentro dos critérios estabelecidos pela escola.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Seria o ideal, mas nem sempre isso é possível, devido à falta de tempo.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: As atitudes e valores, as capacidades.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, através da auto e da hetero-avaliação. Além disso, utilizo muito o contrato pedagógico de avaliação.

**Paula: Quer explicar um pouco mais o que é o contrato pedagógico de avaliação?**

Professor: É um contrato, por escrito, estabelecido entre professore e alunos no qual está estipulado a forma pela qual os alunos serão avaliados ao longo do período. Ou seja, há um compromisso, por parte dos alunos, de desenvolver determinadas tarefas e de desenvolverem competências a nível de atitudes e valores para conseguirem obter um determinado nível no final de cada período. É sempre feita uma acta a respeito desse contrato pedagógico de avaliação, que além de ser assinado por mim e pelo respectivo aluno, é também assinado pelo encarregado de educação.

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Sim, acho muito importante.

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Também.

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P6

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Na organização do currículo, do projecto educativo, na organização dos próprios tempos lectivos, tudo o que é decidido pela escola.

**Paula:** *Considera que a sua escola tem autonomia?*

Professor: Considero que sim.

**Paula:** *Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Mais nas práticas escolares curriculares, porque nas outras áreas não sei dizer se realmente tem autonomia ou não. Ao nível da gestão da escola também, no que está relacionado directamente connosco. Tudo o que nos passa através das reuniões que o conselho executivo faz, por aí, eu posso dizer que sim que há uma autonomia, agora, por exemplo, em questões administrativas já não sei dizer!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Sim, porque cada escola tem uma realidade social que tem que se ter em conta depois em termos de práticas de ensinar e de aprender. Eu como já passei por outras escolas e há coisas que se podem fazer em escolas que estão num determinado meio que fazem muito sentido para aqueles alunos, mas que não fazem sentido ou não há necessidade de as realizar noutras escolas, noutros meios, em que os alunos são diferentes!

**Paula:** *Portanto, na sua opinião o Projecto Educativo traz benefícios para a escola e vantagens para os alunos?*

Professor: Sim e vantagens para os alunos, porque eu considero que ele é feito tendo em conta o tipo de alunos que temos!

**Paula:** *O que é que o Projecto Educativo poderia mudar?*

Professor: ...!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Concordo.

***Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?***

Professor: Eu acho que o regulamento interno ajuda numa série de coisas. A escola como instituição tem que ter um mínimo de normas e estas normas não são só normas de bom comportamento para os meninos, são normas de funcionamento que seja uma referência para caminharmos todos mais ou menos no mesmo sentido. Portanto, seria isso mesmo uma referência para todas as pessoas, principalmente os professores, terem mais ou menos o mesmo tipo de objectivo, não é bem objectivos que eu quero dizer, de actuação em relação aos miúdos, os miúdos saberem com o que podem contar, não andarmos um bocado às escuras!

***Paula: Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN mantém a mesma opinião? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?***

Professor: Sim, poderia haver uma maior autonomia da escola, mas por outro lado se o corpo docente é obrigado a andar de escola para escola, a mudar de escola para escola, se se verificar uma diferença muito grande de escola para escola torna-se ainda mais difícil para cada professor integrar-se numa escola e começar a desenvolver um trabalho. Também tem que haver uma base, acho eu, comum a todas as escolas porque infelizmente... pessoas como eu, a não ser quando chegar a um certo escalão, quando passar ao quadro da escola, mas isso é uma realidade que ainda está longe!

***Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?***

Professor: Eu acho que sim, que seria óptimo, seria o ideal!

***Paula: Mas não lhe parece que, se assim fosse, poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?***

Professor: Também poderia acontecer isso, mas... poderia acontecer as duas coisas ou por outra seria bom por um lado e seria mau por outro, mas desde que a escola tenha autonomia, o programa pode ser o mesmo, mas desde que se possa decidir o que abordar, que competências desenvolver mais ou menos, já nos permite ter alguma autonomia, suponho eu!

***Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?***

Professor: Olhe, eu nunca me deparei com nenhuma situação em que eu quisesse desenvolver algum projecto, decidir alguma coisa, que não me fosse permitido, por isso não lhe posso responder nem sim nem não. Provavelmente há pessoas que se calhar tiveram situações dessas, mas eu acho que a margem de autonomia que nós temos em prática de sala de aula que é suficiente.

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: Tenho a ideia de currículo que, não sei se está certa, mas que para mim corresponde ao conjunto de competências que nós queremos ou podemos ou devemos desenvolver nos alunos. Depois daí passaríamos para os conteúdos..., não tenho nenhuma ideia assim definida sobre “isto é o currículo”!

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Acho que deveria de ser a escola..., que deve ser a escola a definir o currículo uma vez que nós já temos programas, que são ditados pelo Ministério, comuns a todas as escolas, que fazem parte do currículo. Da forma como eu entendo o currículo, acho que pode ser a escola a defini-lo. As competências que devem ser desenvolvidas podem ser definidas pela escola. Eu não sei se a minha concepção de currículo está correcta e eu lembro-me bem de várias definições de currículo, do currículo oculto, currículo real, currículo formal, essas coisas todas, mas a forma como eu entendo agora quando estou a trabalhar é esta e eu acho que isso pode ser definido pela escola!

***Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Na minha prática, enquanto professora, a principal vantagem foi a passagem dos cinquenta para os noventa minutos. Na minha organização de tarefas de sala de aula parece-me muito bem, eu adaptei-me bem e acho que tenho mais rendimento. Tenho mais rendimento neste sentido, eu enquanto



estou a trabalhar e os miúdos enquanto estão a trabalhar. Depois vai depender um bocado das turmas, há turmas que se calhar se estivessem só com os cinquenta minutos rendiam mais, mas assim no geral tenho esta sensação de mais rendimento. Não precisamos de estar constantemente a rever conteúdos porque às vezes cinquenta minutos não davam para fazer quase nada, nesse aspecto acho que é vantajoso. Depois há disciplinas que perderam horas lectivas e outras ganharam, o Estudo Acompanhado não sei se dá muito resultado, eu como nunca fui professora de Estudo Acompanhado não tenho uma opinião muito formada sobre o assunto, mas acho que a maioria das turmas não dá muito resultado, mesmo a Área de Projecto, estas novas áreas curriculares não disciplinares não sei até que ponto elas serão produtivas, eu nunca tive nenhuma dessas áreas, mas pelo que eu ouço os colegas comentarem!

**Paula:** *Parece-lhe que as vantagens não são assim tantas, que não houve grandes mudanças, em termos de prática, relativamente ao que se passava no modelo anterior?*

Professor: Não houve grandes mudanças que se tenham traduzido em mais... em vantagens.

**Paula:** *Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?*

Professor: Sim, isso vai de encontro ao que falemos há “bocado”. Depois se fosse completamente ao critério da escola, poderia haver alunos com acesso mais a isto ou àquilo, que outros não têm, por outro lado isso também permitia que, se a escola fosse completamente autónoma nestas decisões, os alunos poderiam decidir... escolher mesmo, ir para esta ou para aquela escola conforme a sua vocação. Claro que isto torna-se muito difícil, depois pelas áreas onde eles moram, há uma série de dificuldades depois que seriam mais difíceis de ultrapassar e pelo menos assim todos os alunos têm acesso ao mínimo!

**Paula:** *Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?*

Professor: Eu acho que sim, que isso seria muito vantajoso. Poder acrescentar ao tronco comum ou porque tivessem no corpo docente pessoas disponíveis ou porque os alunos se mostrassem interessados em... ou porque o próprio local onde elas estão inseridas pedissem no sentido de... imaginemos, não sei se me estou a explicar muito bem, nesta área... qualquer coisa relacionado com hotelaria, por exemplo, se nós pudéssemos inserir no currículo uma disciplina mais prática que os preparassem e eu estou a pensar naqueles alunos que só querem fazer o nono ano, mas que depois saem do nono ano e porque não gostam da escola nem nada disso, saem do nono ano sem nada que os oriente, nada que os chame à atenção para a vida prática, para o trabalho!

***Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?***

Professor: A maioria das escolas funciona em agrupamento. Eu acho que a escola podia perfeitamente definir isso, definir as vantagens e desvantagens que isso pode trazer. Se calhar o maior entrave a isso é a mobilidade dos professores, porque se os professores estivessem afectos a uma escola durante anos o compromisso dos professores seria maior e acho que a definição de competências e de tudo o resto tornava-se mais vantajosa!

***Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?***

Professor: Sim, isso já acontece!

***Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?***

Professor: As estruturas da escola? Eu acho que isso pode ser definido pelo conselho pedagógico onde estão os representantes de todos os departamentos e onde pode chegar a voz de todos os grupos e de todos os departamentos. É uma coisa que pode ser discutido em grupo e depois em departamento e depois chegar a conselho pedagógico.

***Paula: No Conselho Pedagógico estão também presentes os representantes dos pais, dos alunos, entre outros. O que pensa da sua intervenção neste campo?***

Professor: Penso que seria um entrave!

***Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?***

Professor: É, acho que sim! Promove a autonomia do professor.

***Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?***

Professor: Traz. Eu acho que se o professor tiver autonomia para desenvolver seja o que for, dedica-se mais, compromete-se mais, é uma questão de motivação também. Se o professor estiver motivado a desenvolver qualquer coisa que ele próprio gosta, acho que vai levar a que os alunos se comprometam mais, desenvolvam mais!

***Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos) Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?***

Professor: Acho que sim. Eles é que estão, mais do que o conselho pedagógico, eles é que estão em contacto com os alunos, não é! Nas actividades que desenvolvem com os alunos, mas também podem fazê-lo em todas elas.

***Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?***

Professor: Acho que sim, mas... sinto-me insegura sobre esse assunto porque eu só conheço as minhas práticas, eu nunca observei aulas de ninguém, ao nível do grupo conversámos, decidimos, mas eu não tenho opinião. Em relação às minhas práticas, acho que sim que interfere.

***Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?***

Professor: Os departamentos!

## **Práticas Curriculares**

***Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?***

Professor: Eu acho que a única vantagem é que se tem mais noção e se houver vontade podem caminhar todos no mesmo sentido, mas não me parece que seja isso que está a acontecer!

**Paula: Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?**

Professor: Não, parece-me que não. Eu também acho que não houve grande alteração!

**Paula: Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?**

Professor: Acho que sim!

**Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?**

Professor: Sim. A nível de grupo, mas de uma forma informal, não é uma coisa feita muito..., dá para um professor adaptar à sua turma!

**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

Professor: Sim, sim.

**Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?**

Professor: Não são decisivas!

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Não, que não estejam nos programas não. Que não estejam nos manuais que são adoptados, isso é comum, agora que não estejam nos programas não.

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: A troca de experiências e adaptar o próprio programa à realidade da escola.

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: Olhe, eu acho que podemos. No entanto, no meu caso acho que seria demasiado ambicioso nós conseguirmos cumprir o programa todo, mas

adaptamos de forma a desenvolver as competências essenciais. Portanto, o programa permite seleccionar conteúdos de maneira a desenvolver as competências essenciais.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Acho que sim, que traz vantagens!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?**

Professor: Basicamente!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: É muito importante na medida em que para aquela turma, para aqueles alunos precisam que sejam desenvolvidas determinadas competências, todos os professores trabalhem no mesmo sentido, haja, inclusive, interdisciplinaridade!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Os professores. O conselho de turma tem sempre um representante dos encarregados de educação que pode também contribuir, tem sempre dois alunos que também estão presentes nas reuniões que fazemos para o efeito, por isso, acho que estão todos representados os professores os alunos e os encarregados de educação.

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Deve respeitar, mas não tem, necessariamente, que estar só condicionado aos programas, mas deve respeitar uma vez que eles são uma base para todas as escolas.

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: A anual. A partir da anual organizo a planificação do período, primeiro período, segundo período, terceiro período e, depois, conforme as turmas vou fazendo a planificação diária. Mas é fundamental fazer a planificação diária porque, pelo menos para mim, porque embora não seja feita de uma forma muito formal, nem com instrumentos muito elaborados, porque por vezes há conteúdos que são básicos e que achamos que eles vão aprender à primeira e no entanto não é isso que acontece, por isso acho que a planificação diária é fundamental.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: ...!

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo o máximo o manual pelo seguinte, porque eles são muito caros, todos os encarregados de educação se queixam, porque não temos muito espaço de manobra nem verbas para fazermos fotocópias e desenvolver outros materiais. Tento aproveitar o máximo do manual. Não quer dizer que eu só use o manual, quando há qualquer conteúdo que no manual não está de uma forma clara ou que não vai de encontro àquilo que eu quero desenvolver com os alunos a seguir, desenvolvo com materiais feitos por mim que vão ao encontro daquilo que eu acho que é mais importante, por exemplo acetatos, outros livros, no caso de músicas tiradas dos próprios CD!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: No início do ano não. No início do ano a gente não os conhece, a não ser que a gente os tenha tido no ano anterior, mas depois de fazer o diagnóstico, aí...

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Sim, sempre, obrigatoriamente!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve seguir o programa oficial, mas ter alguma liberdade para seguir as suas próprias orientações.

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, deve.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo a diagnóstica, a contínua e a sumativa. Ao longo do ano faço a avaliação contínua, mas não faço registos em especial.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim, têm!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Bem, nem por isso. As aulas não são muitas e depois precisamos do tempo para concluir os programas. Por outro lado, as turmas também são grandes!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: O interesse, a assiduidade, as atitudes.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, através de um contrato pedagógico feito no início do ano lectivo entre o professor e os alunos. Eles conhecem-no bem e auto-avaliam-se muito próximo da minha avaliação.

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Importantíssimo!

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Também, muito importante!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***



## Entrevista – P7

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Eu, em termos burocráticos, não estou nada ligada a isso! Como é que se pode manifestar a autonomia da escola? Ora bem, para mim está bem da forma como está! No fundo quem tem aqui a palavra em autonomia é a direcção da escola. Para mim está bem assim, agora sei que se fala nos gestores e no novo modelo de gestão da escola que aí eu acho que poderá trazer desvantagens para a escola no geral e para os professores, o corpo docente. Agora, neste momento, em termos de autonomia não tenho qualquer opinião.

**Paula:** *Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Ai, sim! Nesta escola eu sinto, por exemplo, que o meu grupo tem um bom poder de decisão..., embora tenha que passar pela comissão executiva, temos autonomia para decidir muitas coisas relacionadas com o grupo, a nível curricular e a nível de actividades feitas ao longo do ano, que fazem parte do plano anual de actividades.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Acho. Acho e esta escola tem. Porque ao construir um projecto educativo está a contemplar uma série de coisas que são fundamentais para que a escola funcione melhor.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Traz, nem que seja para os alunos estarem cientes que existem regras, que sabem que estão ali para serem cumpridas. Está escrito, está estipulado, portanto, eles sabem que se não cumprirem essas regras poderão ser... sancionados!

**Paula: O que é que o Projecto Educativo poderia mudar?**

Professor: Isso não lhe sei dizer porque, como andei sempre de escola em escola, não dá para avaliar essa situação!

**Paula: Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?**

Professor: Concordo.

**Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?**

Professor: Ajuda.

**Paula: Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?**

Professor: Acho que seria mais complicado porque é difícil, como se costuma dizer, de agradar a tudo e a todos. E... eu acho que ter linhas orientadoras para elaborar o regulamento interno ajuda e é preferível que essas linhas venham do Ministério e termos sempre, como eu disse à bocado, aquele espaço de manobra e podermos adaptar consoante as condições espaciais, do pessoal da escola e de alunos.

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: Não. Não porque isso iria gerar uma polémica muito grande, porque ia ser muito divergente. Num País destes com tantas escolas e cada escola a escolher os programas de certeza que criava desigualdades ou então aí até os exames tinham que ser também por escola e feitos por escola. Se não depois havia escolas que tinham dado algumas matérias e outras escolas que não deram.

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Ora bem, nesta escola eu e todo o grupo sentimos que temos essa autonomia. Noutras escolas onde estive não senti, era tudo muito condicionado, era tudo regido às regras mais mesquinhas que pudesse haver. Não havia autonomia, nós não podíamos dar uma ideia, um palpite simplesmente não era aceite. Nesta escola sinto-me muito mais à vontade para fazer determinadas tarefas e sei que essas tarefas são, geralmente, aceites.

## Organização e Gestão Curricular

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: Ora bem, o currículo, no fundo, é..., comporta as actividades e experiências que vamos tendo ao longo, neste caso, da vida escolar, quer sejam alunos quer sejam professores e que nos ajudam..., que nos ajudam a desenvolver em várias áreas e que nos prepara para a vida activa.

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Eu acho que o currículo deve ser concebido a nível nacional, agora dentro deste grande currículo deve haver sub..., deve estar dividido ou mais específico para o local onde a escola está inserida!

***Paula: Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Ora bem, por exemplo, ao nível da [minha disciplina] eu prefiro muito mais aulas de noventa minutos mais quarenta e cinco, mesmo que os quarenta e cinco a nível prático seja pouco significativo, mas para aulas teóricas acho que é bastante bom. É a primeira escola que eu estou com noventa mais quarenta e cinco, porque antes desta estive numa com noventa e acho... Eu prefiro as aulas de noventa às aulas de duas horas, na altura como era..., porque no caso da [minha disciplina] acho que duas horas era extenso demais e de noventa dá perfeitamente para fazer o que está planeado e não há cansaço da parte dos alunos e da parte do professor. Mas já estive numa escola, que foi quando começou a reorganização curricular, que tinha só noventa minutos por semana. Era muito chato porque só via a turma uma vez por semana, se calha de faltar ou haver uma visita de estudo, só passado quinze dias, portanto, a nível de planificação anual não dava para estender muito porque simplesmente não havia tempo. Noventa mais quarenta e cinco, mesmo que sejam os quarenta e cinco de aula prática, dá sempre para fazer mais alguma coisa! Eu acho que a esse nível é um aspecto positivo na minha disciplina. Eu acho que nas outras disciplinas também. Nas outras disciplinas em que os miúdos têm de estar noventa minutos sentados, concentrados, a olhar para o quadro, a ouvir o professor... os professores têm que mudar

algumas estratégias para conseguir captar a atenção dos miúdos durante noventa minutos sem intervalo. O facto de não haver intervalos também é uma grande vantagem e quando há intervalos, eles serem maiores é muito bom, acho que nesse aspecto melhorou!

***Paula: Há mais algum aspecto que gostasse de referir?***

Professor: Ora bem, o Estudo Acompanhado, das áreas curriculares não disciplinar o Estudo Acompanhado acho que é uma área que dá bastante jeito, que dá sempre para reforçar aspectos pouco desenvolvidos nos miúdos, nas turmas. Agora, realmente, a área curricular não disciplinar Formação Cívica não acho muito útil, aliás eu acho que é uma opinião geral dos colegas quando falamos entre nós, que é a Formação Cívica, às vezes, acaba mais por tratarmos de problemas relacionados com a nossa direcção de turma do que propriamente trabalhar competências a esse nível. A Área de Projecto, é relativo, tanto pode dar para se fazer um magnífico trabalho se a turma colaborar como não e eu tive o ano passado... o grande problema que eu senti o ano passado, que foi quando eu tive pela primeira vez a Área de Projecto, é que no terceiro ciclo era eu sozinha, portanto, enquanto que no segundo ciclo há dois professores, é o tal par pedagógico e eu por mais que quisesse sair com metade da turma para a biblioteca para ajudá-los a pesquisar no computador, a trabalhar com computador na Internet, não tinha essa hipótese porque eu não podia deixar metade da turma na sala e metade na biblioteca, nem podia trazer a turma toda para a biblioteca porque não há condições físicas para tal. Por isso o par pedagógico aí é importante. Considero que há alguns aspectos positivos. A Formação Cívica é que, continuo a dizer, não vejo muita utilidade porque os valores e atitudes, principalmente, que é uma das competências que se tenta dar sempre ênfase em Formação Cívica, conseguimos fazer isso nas outras disciplinas todas, até nos intervalos conseguimos nós contornar esses aspectos.

***Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?***

Professor: Concordo, digamos que é a formação base.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Deviam. Deviam porque uma escola que tivesse condições físicas para ter uma, duas ou três salas com computadores para desenvolver a parte da informática com os alunos, porque não fazê-lo? Se tivesse condições para desenvolver actividades que pudessem ser úteis na vida activa dos alunos e futuros adultos, eu acho que devia ter autonomia para isso.

**Paula: O que é que deveria estar na base dessa proposta?**

Professor: As condições físicas da escola e fazer um apanhado geral dos interesses dos alunos ou, porque não, ver aquelas áreas em que, na zona urbana... no meio em que está inserida, se dê mais ênfase!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Mas isso já é estipulado pelo Ministério... Deveria porque era uniforme no País todo, mas por outro lado não porque depende muito das condições da escola, que a escola tem para poder fazer essa flexibilidade!

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: Os grupos disciplinares e o conselho pedagógico.

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Sim.

**Paula: Na sua opinião esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos?**

Professor: Pode.

**Paula: Parece-lhe que permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Sem dúvida!

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola?**

Professor: Sim, porque os professores lidam com os alunos e são as pessoas que melhor conhecem os alunos e podem a partir daí flexibilizar o currículo.

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)?*

Professor: Em todas.

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Não, faz com que o professor adapte essas práticas curriculares.

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Departamentos curriculares, o conselho pedagógico e o órgão de gestão.

### **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Nesta escola funciona como funcionava antes porque o departamento para já ainda é só constituído por um grupo disciplinar do segundo e do terceiro ciclo. Mas já estive numa escola em que o departamento englobava vários grupos disciplinares e não havia uma coordenação bem feita em relação aos assuntos gerais. Digamos assim. Não acho que tenha havido melhorias nesse aspecto. O problema, assim, dos departamentos com vários grupos disciplinares, aconteceu isso na escola onde estive, tivemos um problema no meu grupo e tivemos que convocar todos os professores desse departamento só para tratar assuntos relacionados só com uma disciplina e os colegas mostraram o seu descontentamento, como é óbvio.

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Eu ainda não posso responder muito bem a isso porque aqui continuamos só o nosso grupo.

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim, acho que sim e propõe e depois se for aceite muito bem, se não for aceite muito bem na mesma.

**Paula: *Mas parece-lhe que as escolas têm competência para desenvolver componentes curriculares da sua iniciativa?***

Professor: Sim, nesta escola temos.

**Paula: *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo?***

Professor: Sim.

**Paula: *A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?***

Professor: A nível de grupo.

**Paula: *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?***

Professor: Não. A programação contempla os aspectos... os conteúdos disciplinares única e simplesmente. Agora, a parte das capacidades, as atitudes, à medida que vamos avaliando temos sempre em atenção..., à medida que vamos dando as aulas, avaliando, falando com os alunos, temos sempre em atenção essas... esses itens!

**Paula: *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?***

Professor: Sim, servem sempre como uma referência para elaborarmos o plano anual.

**Paula: *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?***

Professor: Todos os conteúdos que nós introduzimos aqui na escola vêm no programa do Ministério. O que fizemos aqui foi antecipar a abordagem de uma actividade relativamente ao ano em que estava previsto.

**Paula: *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?***

Professor: Que há uma coerência muito grande entre os colegas, conseguimos coordenar as actividades de modo a que não haja ao mesmo tempo aulas com a mesma actividade, porque logo tínhamos limitações a nível de material, estarmos em consonância uns com os outros mesmo em termos de avaliações, sabemos sempre aquilo que estamos a dar, o que os colegas estão a dar e

sabemos que no ano seguinte... sabemos que aquelas turmas que não tinham sido nossas que deram isto, isto, isto... porque foi tudo elaborado em conjunto!

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: Sim.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Não acho muito importante. Já temos o projecto educativo, já temos o regulamento interno, fazemos os projectos curriculares de turma, porquê estar a fazer outro projecto global? Não acho que seja importante.

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: Ora bem, o projecto curricular de turma dá para qualquer pessoa que pegue no projecto curricular de turma e o leia, nem que seja de uma forma... uma leitura na diagonal, consegue ficar com uma ideia geral da caracterização da turma, do que foi feito ao longo do ano lectivo ao nível das disciplinas e no âmbito geral, o que é que se... quais foram as competências que se privilegiaram mais, dá para ter um conhecimento geral da turma.

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Deve ter a participação dos professores da turma e o representante dos encarregados de educação.

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Sim.

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Sem dúvida.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: A do grupo, por unidades didácticas, por período.



**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Depende das actividades, há actividades que eu planifico de forma escrita e outras é mentalmente.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Portanto, eu geralmente utilizo o manual da disciplina como um instrumento de consulta, por vezes as orientações que geralmente vêm no manual, eu não concordo com elas.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Se der aulas teóricas, gosto muito de utilizar fichas, mesmo em aulas práticas gosto muito de utilizar fichas que dêem para os alunos entender melhor o que estamos a dar, geralmente é isso. Geralmente são construídos por mim.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim.

Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?

Professor: Sem dúvida!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve ter alguma liberdade para seguir as suas próprias orientações, dependendo muito da turma que temos, do espaço que temos, dos materiais que temos disponíveis!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: A avaliação diagnóstica, faço sempre... aliás em todas as aulas no fundo faço sempre uma avaliação dos alunos nem que seja mental, ou seja, não preciso de estar a registar as avaliações feitas porque consigo registar mentalmente, mas faço sempre depois a avaliação sumativa.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Na minha disciplina eu acho que até conseguimos fazer essa avaliação formativa. A nível das outras disciplinas acho que é mais difícil, as turmas normalmente são muito heterogéneas, são grandes, os programas são extensos, não há tempo para fazer uma avaliação individual muitas vezes, não digo que esporadicamente não se faça, mas regularmente eu acho bastante difícil!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: A participação, o empenho, a assiduidade, as faltas de material!

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, falo sempre, mesmo antes de fazer uma auto-avaliação digo-lhes sempre as notas que tiveram no que foram avaliados, falo sempre com eles e a partir daí é feita uma avaliação.

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Sim.

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: Sim, costumamos sempre fazer sempre isso no final do ano lectivo, inclusive o que foi menos abordado ao longo do ano lectivo para no ano seguinte as professores que tiverem essas turmas saberem!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P8

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Bom, a ideia que eu tenho de autonomia da escola, é que a escola pode estabelecer, exactamente, projectos diferentes das outras escolas em função das características que a região tem.

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Penso que a escola não tem sido muito arrojada nesses aspectos, não tem ido muito além das directrizes nacionais.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Concordo com a necessidade, pode ser a base estruturada para uma maior autonomia.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Acho que sim, em termos de sistematização de ideias, de matrizes, de organização e funcionamento da escola.

**Paula:** *O Projecto Educativo mudou alguma coisa na escola?*

Professor: Não acho que tenha mudado, pela simples razão de que já existia antes de ter sido criado. O rumo em que estávamos a trabalhar manteve-se, o projecto educativo apenas o sistematizou melhor.

**Paula:** *Parece-lhe, então, que o Projecto Educativo veio apenas sistematizar o que já se fazia?*

Professor: Exactamente, o que já se passava... Aperfeiçoaram-se apenas alguns pormenores. As linhas de fundo mantiveram-se.

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Concordo, embora às vezes peque um pouco por ser demasiado exaustivo!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Acho que sim. É um dos instrumentos da autonomia da escola.

**Paula: Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?**

Professor: Talvez não fosse muito diferente, mas sei que alguns aspectos não foram aprovados.

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: Acho que sim. Seria uma forma de praticar uma autonomia mais eficaz.

**Paula: Não lhe parece que, desse modo, poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?**

Professor: Tem alguma razão. Teria de existir sempre uma base geral, não é, mas cada escola teria a possibilidade de trabalhar mais ou menos determinados temas e conteúdos, mais relacionados com o meio sócio-económico e cultural envolvente. Para zonas diferentes e alunos diferentes, currículos diferentes, respeitando um tronco comum.

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Acho que cada professor exerce a sua autonomia, independentemente do que esteja escrito nos papéis. Individualmente, um professor, na sala de aula, acaba por fazer o que pensa ser melhor para os seus alunos. A adaptação de conteúdos e estratégias sempre se fez, de acordo com o perfil das turmas. Isto é autonomia.

**Paula: Na opinião da colega, a autonomia do professor concretiza-se mais ao nível da sala de aula!**

Professor: Essencialmente.

## **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: O currículo, tal como o entendo engloba as disciplinas curriculares, não curriculares e extra curriculares. Engloba tudo quanto possa contribuir para a aprendizagem!

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: Eu penso que o currículo deve ser concebido em termos nacionais, mas com uma margem para autonomia em termos locais.

**Paula: *Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Para além de algumas vantagens, como por exemplo a criação de Estudo Acompanhado, eu vejo algumas desvantagens na Reorganização Curricular. Acho que há uma grande sobrecarga horária, sobretudo no 3º ciclo... 16 disciplinas é muita coisa. Por outro lado foram criadas possibilidades de opção como por exemplo Música ou Educação Tecnológica ou mesmo Teatro, sem que as escolas tenham condições ou capacidades para corresponderem às expectativas dos alunos que as escolheram. Não interessa escolher Música para se limitar a fazer Biografias de músicos... ou Educação Tecnológica para fazer trabalhos teóricos...

**Paula: *Em relação à forma como estão organizados os blocos, a introdução das áreas curriculares não disciplinares, entre outras, parecem-lhe mudanças positivas?***

Professor: Sim, acho que sim desde que administradas na dose certa, sem exageros e partindo do princípio que os professores receberiam formação adequada para se adaptarem; nota-se alguma desorientação. Esta desorientação também se nota nos alunos, que vêem, muitas vezes, nestas áreas, uma área mais leve, não as levam muito a sério e nem sempre se notam resultados positivos.

**Paula: *Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?***

Professor: Concordo.

**Paula: *Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?***

Professor: Sim. Também concordo, desde que sejam realistas quanto à possibilidade de concretização.

**Paula: *O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?***

Professor: Depende das competências que sejam apresentadas, não é, mas se são básicas parte-se do princípio que qualquer cidadão terá de desenvolver esses conhecimentos, capacidades, atitudes e valores. Nesse sentido concordo perfeitamente que todos os cidadãos têm de estar no mesmo ponto de partida!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Sim, partindo do princípio que é racional, realista, adaptado ao perfil dos seus alunos.

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: O Conselho Pedagógico e os grupos disciplinares.

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Sim, acho que sim.

**Paula: Na sua opinião esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Acho que traz vantagens para os alunos. Se bem que tem de ser trabalhado com cuidado para não nos desviarmos do tal padrão, que não se deverá perder de vista, não é!

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Claro que sim. Portanto, devem gerir o currículo através da representação que têm no pedagógico.

**Paula: A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)**

Professor: A todos os níveis, se bem que com alguma cautela no que diz respeito aos programas.

**Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**

Professor: Cria diferentes níveis de ensino aprendizagem que obrigam a um trabalho mais exigente e criterioso por parte do professor, na preparação das unidades de ensino a privilegiar.

**Paula: *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?***

Professor: A administração, o Conselho Pedagógico, os grupos disciplinares.

### **Práticas Curriculares**

**Paula: *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?***

Professor: Acho que os Departamentos Curriculares não funcionam como processo de uma interligação mais efectiva entre os grupos. Estes continuam a trabalhar de forma estanque, na maioria dos casos. Na minha opinião o processo complicou-se e algumas informações perdem-se pelo caminho.

**Paula: *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?***

Professor: Apenas esporadicamente, a prática do geral dos colegas manteve-se.

**Paula: *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?***

Professor: Sim.

**Paula: *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?***

Professor: Sim. Há uma planificação anual, a longo prazo, feita no início do ano. Período a período, o grupo faz uma planificação a médio prazo, com a selecção de conteúdos e critérios a seguir, sempre com uma margem à tal autonomia do professor que é livre de gerir os conteúdos e estratégias em função do perfil da turma e do plano de trabalhos da turma. No fim do ano, procuramos que a planificação inicial tenha sido cumprida por todos.



**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

Professor: Sim. Penso que é geral em todas as disciplinas.

**Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?**

Professor: Não, não acho que sejam!

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Não é muito costume. Faz-se quando o perfil, as características da turma o exigem, às vezes em consequência de algum acontecimento extraordinário.

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: É a aferição de conteúdos e critérios, às vezes de estratégias.

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: No caso da minha disciplina acho que sim.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Eu penso que traz vantagens para a escola. Tem a vantagem de estabelecer uniformidade de critérios e actuação na escola.

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: A elaboração deve ser de exclusiva responsabilidade dos professores, a não ser nos casos em que se introduzem áreas específicas que exigem a colaboração de instituições específicas, exteriores à escola.

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: O projecto curricular de turma sistematiza o conhecimento que o director de turma vai tendo dos alunos que compõe o grupo, permitindo um diagnóstico mais rigoroso e consequentemente uma aplicação mais eficaz de estratégias e de critérios de actuação.

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Bom, fundamentalmente os professores, mas também os pais como principais interessados no sucesso dos filhos e os próprios alunos para desenvolverem o sentido de responsabilidade. Nalguns casos o apoio dos Serviços de Psicologia é vantajoso.

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: De uma forma geral sim!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Conheço poucas excepções de bons professores que consigam trabalhar sem planificar. Pessoalmente, não consigo trabalhar sem planificar.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: São esses passos todos.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Normalmente planifico as aulas de semana a semana, não ao ponto de especificar muitos objectivos porque os considero inerentes aos conteúdos. Os conteúdos e as estratégias são preparados e reajustados aula a aula. Os planos que faço são escritos.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Sei que há duas correntes antagónicas sobre o assunto. Pessoalmente penso que os manuais escolares são um importante auxiliar na planificação e desenvolvimento do processo. Se os alunos gastam tanto dinheiro em livros e se eles, à partida, foram objecto de uma criteriosa selecção por parte dos professores, não há razões para não se utilizarem. Além disso, vêm enriquecidos com muitos materiais que facilitam a realização do processo de ensino/aprendizagem. Não quer dizer que esporadicamente não se usem materiais extra por diversas razões.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Nas minhas aulas utilizo bastante o quadro, partindo do princípio que os alunos aperfeiçoam a escrita, escrevendo. Utilizo os acetatos que o manual traz, as gravações áudio... não vale a pena inventar o que está inventado... Já tenho utilizado pequenas apresentações em Power Point criadas por mim ou pelo Centro de Recursos da escola.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Ai isso, claro!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que deve dar margem às suas próprias orientações, sem perder de vista o tal tronco comum, básico, que será aferido depois.

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo a avaliação diagnostica, a avaliação directa e contínua, a avaliação formativa e depois a avaliação sumativa.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim, tendo em conta os critérios base definidos pela escola.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Não tenho a certeza de que tenham condições. Isso exige mais tempo gasto com a avaliação em detrimento do avanço relativamente à aquisição de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões. Será necessário um equilíbrio.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: Tenho muito em conta as atitudes, o empenho, a organização, a responsabilidade e o esforço para fazer melhor.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, a planificação anual, prevê um contrato pedagógico de avaliação para cada período. O contrato é negociado com os alunos e no final de cada período podem autoavaliar-se verificando o que cumpriram, o que não cumpriram, consequentemente o que devem melhorar.

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?**

Professor: Acho muito importante, embora ainda não tenhamos conseguido atingir, na minha opinião, um funcionamento pleno entre os vários elementos do conselho de turma, mesmo na construção do plano curricular de turma o professor continua a ter uma participação muito individual. Já se deram, no entanto, passos importantes.

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: Penso que sim, se bem que eu penso que é mais importante em termos de conselho de turma!

**Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.**

## Entrevista – P9

### **Autonomia da Escola**

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: ...?

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Existe sim! Talvez nas práticas curriculares, nomeadamente na introdução da Música no 3º ciclo, por exemplo, é uma opção da escola.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Eu concordo, mas já existe (risos)!

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Eu acho que é necessário, até para termos algumas coordenadas, acho que é necessário!

**Paula:** *O Projecto Educativo mudou alguma coisa na escola?*

Professor: Ai mudou! Eu acho! É assim, isso traduzido em palavras é assim um bocado complicado. Também, eu andei em várias escolas e também de escola para escola varia muito, não é e esta escola é uma das escolas que trabalha muito bem e eu comecei numa escola que talvez não se trabalha-se tão bem e é por isso que eu sinto muito a diferença. Sobretudo em termos de actividades, em trabalho, no fundo, fora da aula, por exemplo, há muito trabalho sempre que... e acho também que vem tudo do projecto da escola!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Claro, tem que haver regras!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Sim, eu acho que sim. É assim, em relação à autonomia sim, tem toda a razão.

**Paula:** *Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?*

Professor: É assim, a autonomia podia ser! Eu acredito que sim, que seria maior se a própria escola fizesse esse regulamento, tudo! Mas talvez fosse um bocado..., como é que eu hei-de explicar, não vou dizer injusto, mas seria um bocado complicado, porque um aluno que saísse de uma escola e entrasse noutra escola e depois noutra escola, não é, tinham sempre regulamentos diferentes e no fundo a educação... haveria alguma desorientação, não é! Portanto, eu acho que tem que haver regras chave da DREN, neste caso e depois a escola também faz umas certas adaptações!

***Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?***

Professor: É muito complicado. É péssimo, isso! Eu digo isto, porquê? Porque se cada escola decidisse o programa que havia de ter, quando um miúdo se mudasse para outra escola podia faltar algumas bases, não é, as exigências iam-lhe sendo diferentes, complicava a integração do aluno na escola, percebe! Tem que haver sempre um órgão superior que dê essas directrizes.

***Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?***

Professor: Não. A que tem já é mais do que suficiente, sinceramente! Eu até acho que já é demasiada, a autonomia! É assim, o professor pode, na sua aula, usar as estratégias que quer, não é! Pode, eventualmente, usar aquelas que não são tão, como é que eu dizer, não são tão adequadas, talvez! Portanto, eu acho que um professor já tem autonomia de fazer o que quer, entes aspas, na sua aula! Eu até achava que de vez em quando devia haver sempre alguém que fosse entrar nas salas fazer uma avaliação do trabalho do professor! Eu sei que isso é muito desagradável e sei que muitos colegas achariam ridículo uma coisa dessas, mas eu acho que os professores já têm muita autonomia, sinceramente!

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: A ideia que eu tenho de currículo é, precisamente... são as disciplinas e tudo aquilo que eles aprendem!

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Talvez para facilitar as coisas, até porque varia de região para região, diria que talvez regional fosse capaz de funcionar.

***Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Realmente essa parte é assim... um bocado complicado falar porque... é assim, eu vejo muitas vantagens, sobretudo aquela parte das áreas não disciplinares, por exemplo, a Formação Cívica, o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto, essas três, mas sobretudo a Formação Cívica e Estudo Acompanhado, eu acho que foi assim uma coisa... uma ideia luminosa que tiveram e é fantástico. Se funciona em pleno..., não funciona, não é, porque nós temos formação, agora trabalhar com os miúdos o que é que podemos fazer...! Eu acho que já está muito melhor, mesmo assim há sempre dúvidas porque aquilo que nós pensávamos...!

***Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?***

Professor: Sim, sim!

***Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?***

Professor: É assim, eu concordo, de acordo com as necessidades dos alunos, eu acho que sim!

***Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?***

Professor: É uma pergunta complicada, não é? (risos) Concordo, acho que sim, que está bem assim!

***Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?***

Professor: Sim.

***Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?***

Professor: Olhe, podia ser o conselho pedagógico que está lá tudo, até, não é?

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: No fundo dá! Isto na prática dá alguma autonomia, mas não se é assim tão importante para o professor ou para uma autonomia do professor!

**Paula:** *Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Essa parte... depende da escola! Eu prefiro dizer assim: depende de cada caso!

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Podem e têm conhecimento para isso.

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)*

Professor: Em todos esses... (risos), pode ser tudo junto? Acho que são esses todos!

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Leva, leva!

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Não sei, talvez... talvez o conselho pedagógico!

### **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Sim, sim há!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*



Professor: É assim, sobretudo entre aqueles que fazem parte do mesmo... departamento, há sempre!

**Paula: Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?**

Professor: Sim, eu acho que sim.

**Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?**

Professor: Sim, faz-se a nível de grupo.

**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

Professor: É assim, não tem estratégias específicas, mas nós depois vamos trabalhando isso nas reuniões.

**Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?**

Professor: São, são!

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Não.

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: É conhecer mais experiências!

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: Permite que faça uma adaptação!

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Sim, traz vantagens e acho que também é necessário!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: (risos) Sim! É assim, eu estava a pensar nos Pais, mas acho que era capaz de ser um bocado confuso na prática, porque depois os Pais, eu estou a pensar nos Pais aqui desta zona, não saberiam o que dizer!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: É assim, dentro de um projecto de turma, temos sempre o cuidado de fazer um trabalho pedagógico que serve também para integrar os alunos que estão mais afastados do ensino ou afastados... o interesse da escola e por isso acaba por ser benéfico! Muito importante aliás!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Será como está, os professores, o representante dos Pais, que às vezes ele acaba por não saber a opinião dos outros, mas no fundo a ideia é essa, ele ter a ideia do que os Pais pensam e o representante dos alunos também!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Deve ter em consideração!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: É sempre!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: A anual que é a do grupo, unidades temáticas e aula a aula, não há outra hipótese!

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: É assim, eu por acaso faço escrito!

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Eu tenho várias experiências, se for um manual que corresponda às minhas expectativas, se o manual for bom... é fundamental, se não corresponder...

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Utilizo material adquirido e material feito por mim, por exemplo, CD, vídeos, acetatos, material em cartão...

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim, sempre.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Ai sempre! Não podia ser de outro modo. Eu já tenho começado com uma aula, passo para outra e depois para outra, porque eu preparo sempre três aulas para a semana.

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: As duas coisas!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, sempre é muito importante!

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: A avaliação diagnostica, sumativa e avalio periodicamente as aprendizagens dos alunos, sobretudo ao nível do domínio instrumental.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Eu sim!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: É a avaliação das atitudes e valores!

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, aliás eu não dou uma nota que não fale com eles.

***Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?***

Professor: É assim, que era interessante, era! Que isso se faz, duvido!

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: É e é engraçado que ao longo dos anos vamos vendo melhorias, mesmo nos nossos colegas! Muitas vezes estamos a dar aulas muito perto uns dos outros e vamos vendo que vão mudando as estratégias e nós próprios também conversamos e acabamos por colher experiências!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P10

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: No projecto educativo.

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Principalmente nas práticas escolares curriculares.

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: ...!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Pronto, nós somos uma comunidade, estamos todos a trabalhar, tem que se saber mais ou menos o rumo que se leva para tentar resolver ou atingir uns determinados objectivos! Eu acho que é preciso regras quer para os subordinados, quer para os chefes, num sítio onde não há regras ninguém sabe aquilo que faz, tudo é permitido ou tudo é penalizado. Acho que as pessoas têm que saber mesmo as regras que existem. Agora também sei que normalmente o regulamento interno não é bem conhecido ou sendo conhecido não é bem levado à prática!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola privilegiava mais a autonomia da escola?*

Professor: Privilegiava, claro, mas acho que isso... onde é que isso nos vai conduzir? Se calhar quando estamos a gerir um País temos objectivos comuns e acho que...

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: A escola sobre o programa da disciplina... o programa em si acho que não, mas adaptar o programa à realidade acho que podia, podia muito bem!

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Não. Os professores têm toda a autonomia, acho é que são um bocado renitente a usá-la.

### **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: Eu englobo todas as aprendizagens.

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: O currículo deve ser nacional. Depois deve ser posto em prática..., eu acho que é o que já existe e as orientações são nesse sentido, só que, normalmente não se faz porque, eu vou dar um exemplo, eu adopto um livro da Porto Editora. É o mesmo que é adoptado em Lisboa, vamos supor, as pessoas dão a mesma coisa, seguem o livro por assim dizer. Não está mal seguir o livro, mas que adaptações é que eu faço daquilo à realidade que me envolve? Nenhuma, não é! Pronto, enquanto houver esta situação, termos que adoptar um livro, os livros são todos iguais para a mesma turma, os alunos têm todos o mesmo livro, o professor aí tem toda a autonomia para por o livro um bocado de consulta e dar o resto, não é, mas as escolas também não têm condições para suportar material de fotocópias para nós estarmos a levar os alunos por outro caminho, percebe! Portanto estamos um bocado agarrados a..., o único material que nós sabemos que todos os alunos têm acesso é o livro, portanto, sujeitamo-nos um pouco àquilo. Mas eu acho que nós temos autonomia para..., é-nos dada, se nós quisermos nós temos autonomia para fazermos o que realmente eu acho que devia ser feito, que é pegar nas ideias que são nacionais, tem que ser, toda a gente tem que ter aquele desenvolvimento, mas com exemplos da minha realidade, da minha vida!

**Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?**

Professor: Tornou-se vantajoso. Por exemplo, uma área que foi criada de novo, que acho que estávamos a precisar dela, que veio substituir a Área Escola, que foi a Área de Projecto. Acho que essa área dá para os alunos trabalharem em grupos, desenvolverem a metodologia do trabalho de projecto, enquadrarem os vários saberes, essa eu acho que vale a pena. Relativamente à Formação Cívica, também acho que é necessária. Relativamente ao Estudo Acompanhado, acho que é uma tolice completa. O Estudo Acompanhado poderá resultar para alunos..., eu concebia o Estudo Acompanhado e a escola poderia nesse aspecto gerir assim, em vez de por no horário Estudo Acompanhado para toda a gente, punha Estudo Acompanhado para toda a gente, sim senhora, mas havia alunos que se escreveriam no Estudo Acompanhado, percebe. Não acho que Estudo Acompanhado deva ser obrigatório para alunos que passam a manhã connosco e de tarde passam-na com o explicador. Realmente o que é que ele está a fazer no Estudo Acompanhado connosco? Nem o aluno tem motivação para estar a ouvir-nos “eu faço isso em casa”, “eu faço isso logo”, “não quero saber, depois alguém me explica”! Pronto, a parte de..., como eu concebo Estudo Acompanhado, acho que não se justifica. Se a Ministra souber o dinheiro que está a perder possivelmente já teria cortado!

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas disciplinares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Acho que sim, tem que haver.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas disciplinares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Acho que deviam ter autonomia para isso, mas acho que já têm!

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Devem ser. Eu acho que devem ser definidas pelo Ministério da Educação para que toda a gente saiba para que anda a trabalhar. Depois, em face da realidade dos alunos, acho que podem ser, por assim dizer,

readaptadas, reformuladas, mas acho que tem que haver a nível nacional uma exigência comum.

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Já tem, já tem! Concordo, acho que sim!

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: Devia ser uma pessoa de cada departamento, um representante de cada departamento.

**Paula: Considera que a gestão curricular (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Sim, acho que sim.

**Paula: Na sua opinião esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Traz! Permite ver, se calhar, quais são as verdadeiras apetências que os miúdos, que alguns alunos trazem e fazer com que eles enveredem por determinadas áreas que consigam progredir alguma coisa em relação..., se não conseguirem dentro do que está definido tentar ver..., porque os alunos são todos capazes, não é, podem é não ser capazes daquilo que nós estamos a exigir. Podem até... terem outras habilidades que nós não conhecemos e serem excelentes nessas áreas que nós não estamos a privilegiar. Poderá, nessa parte, ser muito vantajoso para alguns alunos.

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Devem, acho que sim.

**Paula: A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)**

Professor: Em termos de actividades, acho que nós poderíamos diversificar imenso as actividades.

**Paula: Esta nova gestão curricular leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**



Professor: Há-de levar! Ainda não, mas há-de levar! Seremos obrigados a isso porque os alunos não correspondem..., se formos pelo modelo tradicional não temos alunos daqui a uns tempos!

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: O conselho pedagógico!

### **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Ainda não surgiram, mas eu acredito que vão surgir! É essencial surgirem! Elas existem, os professores é que funcionam um bocado na sua concha ainda, mas hão-de abrir a concha e vão..., levará o seu tempo, mas acho que vão mudar!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Ainda não, mas caminhamos para lá! Olhe é muito difícil! Eu posso contar a experiência que tive este ano, que no início do ano tentamos numa reunião com o grupo mais próximo, tentamos articular conteúdos e não conseguimos, portanto, isso significa que está difícil. Nós temos vontade, queremos mudar, mas nem todos querem e enquanto nem todos quiserem não vai ser fácil. As pessoas funcionam um bocado assim, ainda, “eu dou isto e não quero saber do que é que vocês dão”. Os alunos, inclusive, vão para Físico-química e “ai já falamos de pH” e “ai já falaram em pH? Aonde?”, “em Ciências”, a professora fica surpreendida por eles terem falado! Não deveria ser assim, não é, nós devíamos ter articulado, sabíamos que em Ciências é falado desta maneira, que em Física se dá doutra! Devíamos no início do ano... Mas também dá muito mais trabalho ter que programar uma aula em conjunto do que programar uma aula sozinha, não é? Se eu tiver que programar as minhas actividades todas em colaboração com outros professores estou a

expor-me e as pessoas têm um bocado de dificuldade em expor-se, nesse aspecto!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Acho que tem! Acho que pode!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Faz. Juntamo-nos, fazemos a planificação de acordo com o programa da disciplina, vemos as actividades que em conjunto podemos desenvolver e fazemos uma programação a longo prazo. Depois mais ou menos estabelecemos o que vamos dar dentro de cada período e o que cada um faz..., pronto, as actividades que depois se desenvolvem dentro da aula isso é a nível individual.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Contempla, a planificação contempla, a prática se calhar não, mas a planificação contempla! Discutimos e teoricamente pomos em prática. Só que, é a situação que eu lhe digo, as pessoas..., se as aulas fossem registadas nós podíamos chegar ao fim e dizer assim “afinal isto não foi trabalhado”, como não são registadas... “ai deste isto..., abordaste...”, “sim senhora abordei” e, portanto, o que se diz pode não condizer com o que se faz, não é!

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: São fundamentais! É a nossa base de orientação!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: A título de curiosidade. Por obrigação, para avaliação não! Tipo assim, há uma matéria nós achamos que devemos falar nisto, que não é falado, nós falamos, mas não exigimos como avaliação.

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: De mais positivo? As pessoas saberem mais ou menos o que é que andam a dar e como é que estão a trabalhar. Mas agora, relativamente ao

trabalho de cada um, pela experiência que tenho tido, jamais as coisas mudarão! As pessoas têm a sua experiência de vida, têm a sua personalidade e perante um determinado assunto, pronto, assumem um caminho a percorrer que é muito díspar porque as pessoas têm diversas experiências. Depois há muitas maneiras diferentes de abordar um assunto! O “como lá vamos chegar” é muito pessoal!

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: Possibilitam.

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Traz. Eu acho que... o projecto curricular se realmente considerar a realidade envolvente acho que traz vantagens! Mas o que normalmente se tem verificado..., que eu tenho verificado é que os projectos curriculares são um bocado..., é assim, é fácil dizer as situações, não é, mas depois para concretizar, para resolver essa situação... O que eu tenho verificado, é que se for ver o projecto curricular desta escola e doutra escola e doutra escola, eles basicamente são o mesmo e são o ideal do que se queria, agora do que lá está para a realidade para o que se faz mesmo, eu costumo dizer “se alguém doutro planeta nos visitasse e tivesse... andasse lá nos mesmos trabalhos que nós, eles diziam que as nossas escolas são fabulosas relativamente aos projectos que têm” e, inclusivamente, relativamente à avaliação que se fazem deles. Só quem os vive sabe que, realmente, as coisas não são bem assim!

***Paula: Parece-lhe que não têm em consideração o diagnóstico da escola e da zona onde está inserida ou são muito ambiciosos?***

Professor: São muito ambiciosos, mesmo muito ambiciosos. Faz-se... normalmente temos as dificuldades, queremos fazer o melhor das coisas, mas depois o concretizar para que se atinja determinado objectivo é um bocado difícil, mesmo difícil.

***Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?***

Professor: Não, acho que comunidade educativa... acho que os órgãos, por exemplo, as várias instituições actualmente são fundamentais, a nível de saúde, a câmara, os pais são fundamentais!

**Paula: *Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: É assim, eu na teoria acho espectacular o projecto curricular de turma. É a primeira vez que estou a elaborar um projecto curricular de turma e sinto-me completamente frustrada após dez meses de o ter começado! Acho que não fiz nada do projecto curricular de turma e sou a orientadora de um! Pronto, nesta altura... primeiro é assim, diagnóstico da situação da turma. Há um papel aí para a gente seguir as instruções e é feito o diagnóstico da turma. Toda a gente vai ter em consideração determinado aluno ou determinada situação, depois vai ter, não diz é quando é que vai ter essa consideração e às vezes chega-se ao fim do ano e não se levou em conta determinada situação do aluno, que são situações às vezes familiares catastróficas mesmo, que a gente nem sabe como é que os alunos sobrevivem em determinados ambientes familiares! E isso, normalmente o aluno entra no contingente geral, não é, não se tem em conta o menino ou a menina que tem esses problemas, portanto, o projecto curricular de turma devia existir para isso, não é? Não é! Segundo, quando pergunto na primeira reunião os conteúdos que vão dar, não é, que normalmente é para ver se consegue fazer algum entrosamento entre as várias áreas, as pessoas têm uma certa dificuldade em dizer mesmo aquilo que vão dar. Portanto, vão para essas reuniões e parece que não estão preparadas para dizer “o que é que eu vou dar agora e o que é que eu vou dar a seguir”. Dá a ideia que a preparação já está feita e já esta esquecida e é ir buscar o dossier ou ir ver o que é que eu vou dar amanhã, portanto, não é preparação assim... Acho que está um bocado a trabalhar sozinha, faz muito bem aquilo que está dentro do programa dela, mas para dizer aos outros o que está a dar... tem uma certa renitência. Até encontrei assim um bocado de resistência “estás para aí a perguntar o que é que eu vou dar, mas para é que queres saber o que é que eu vou dar?” Nomeadamente certas disciplinas! É aquilo que eu dizia, acho que os professores não estão preparados para trabalhar em grupo, mas hão-de estar, porque isto obriga-nos mesmo a estar. Depois, o

projecto curricular de turma deve ser reformulado, não é, ...temos um livro, não é, as actividades que propomos para os alunos são daquele livro, se formos perguntar aos diversos professores... “tenho quatro ou cinco alunos com problemas”, se eu lhes for ver o caderno eles não têm fichas de avaliação, fichas de trabalho diferentes! O projecto curricular de turma devia contemplar essa situação! A situação do livro único para estes miúdos, se calhar não devia ser! Há alunos que se calhar nem precisam do livro, têm tantas dificuldades que, se calhar, era preferível usarem outros materiais de trabalho, não é? Também chega ao fim e acho que isso não se verifica! Agora se me disser onde está a culpa, se está nos professores, se está no sistema todo, não faço a mínima ideia! Sei que as pessoas não estão motivadas ainda para trabalhar em grupo, não estão! Acho que isso envolve muita mudança, muita exigência ao professor, muito tempo na escola, que as pessoas têm os seus horários e marcando uma reunião fora do esquema já é muito difícil encontrar toda a gente. Acho que para o projecto curricular de turma funcionar deveria haver uma hora obrigatória no horário, tipo semanal, para as pessoas encontrarem-se e dizerem assim “olha eu estou a fazer assim..., está a resultar...”, porque fora isso, como experiência do projecto curricular de turma é mais um documento!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Eu acho que está bem agora como está. É os professores, os delegados, os representantes dos alunos e os representantes dos pais. Acho que está bem assim!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Deve, acho que deve!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Considero! Muito essencial. É a única maneira de a gente saber o que anda aqui a fazer e saber avaliar-se. Senão fizer planificação o que é que vai dizer no fim? O que é fez e o que não fez, o que é que conseguiu e o que é que não conseguiu?

***Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?***

Professor: A anual está feita, a trimestral também e depois, mais ou menos, planifico por unidade. Dentro da unidade estabeleço, pronto, parâmetros... situações de avaliação que me obrigam a parar em determinadas partes da unidade, mas reconheço que..., e estou a pensar e sinceramente já fiz um esquema de trabalho, que tenho de planificar aula a aula, mesmo. Pronto, tenho que definir..., eu já faço isso por unidade, mas eu acho que o aluno entra na aula e naqueles quarenta e cinco minutos tem que saber o que é lhe é exigido saber, o que ele tem que fazer naquela aula e tem que ter cinco minutos no fim da aula para saber “consegui” ou “não consegui”. Pronto, mas eu só tenho quarenta e cinco minutos e tenho uma certa dificuldade em gerir esse tempo, mas acho que..., este terceiro período fui obrigada a fazer isso porque tinha imensos resultados negativos, portanto, trabalhei mesmo assim aula a aula, com todos, a tentar que todos me dessem logo uma resposta naquela aula de quem é que realmente está a acompanhar e quem não está, e quem não está tem que estar, de qualquer forma, não pode estar lá e cruzar os braços e cheguei ao fim acho que deu resultados e possivelmente irei mudar.

***Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?***

Professor: Não, um plano escrito.

***Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?***

Professor: Eu acho que atendendo às disponibilidades financeiras das escolas, depois dos alunos terem gasto dinheiro no manual, acho que seria um desperdício não o tornar útil. Portanto, o aluno tem aquele livro, é por aquele livro que deve estudar. Agora, acho que a escola tem que ir muito além daquele livro, porque as situações concretas do que se passa à volta, do que vai acontecendo no dia-a-dia, não vem lá porque o livro foi feito há dois ou três anos e há determinados situações que nós levamos para discussão que são da semana passada e isso acho que o professor é que tem que ter, pronto,

instrumentos para fazer chegar esses documentos aos alunos. Só que não é ele que os vai pagar, não é, se a escola não dispuser de verba financeira para determinadas fotocópias, nós ficamos um bocado de “pés atados e de mãos atadas”, não é.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Utilizo fichas de trabalho e depois meus utilizo muito imagens porque a minha disciplina..., os acetatos..., material feito por mim.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: O nível inicial de conhecimentos dos alunos normalmente é muito fraco. Tem que se fazer normalmente sempre uma retrospectiva para trás!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Sim, sempre. Se não o professor não está lá a fazer nada! Se o aluno não acompanhar, o professor não vai estar lá a trabalhar para si próprio!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve ter sempre em consideração o programa oficial, mas tem margem para seguir as suas próprias orientações!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Faço avaliação utilizando o teste, mas em turmas de alunos com dificuldades utilizo uma avaliação mais partida, ou seja, dou duas aulas, por exemplo e faço uma avaliação. Muitas vezes a pergunta é feita oralmente, com a entoação que utilizo nas aulas, porque me parece que eles percebem melhor do que se lerem um pequeno texto ou se pedir para interpretar um gráfico.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Sim, totalmente!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Sim, têm.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: A participação nas aulas, o interesse, a colaboração com os colegas...!

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Eu faço sempre a auto-avaliação, mas parece-me que cada vez mais eles dizem notas mais elevadas para tentarem uma nota melhor. Eu não considero muito as suas opiniões por isso.

**Paula: Mas, no início do ano lectivo, discute com os alunos o processo de avaliação?**

Professor: Sim, sempre. Eles sabem como se processa a avaliação!

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Eu acho que deveria haver, não sei qual era a importância que isso irá ter no funcionamento do trabalho dos colegas, mas acho que era importante haver, principalmente quando uma pessoa se junta. Por exemplo, as pessoas têm necessidade de dizer o que é que se passa... por exemplo há determinados alunos, que lhes foi marcada uma falta disciplinar por exemplo, eu não sei pelo professor o que é que aconteceu àquele aluno! Normalmente se quero resolver o assunto ou se quero ver se o aluno entra na linha, tenho que perguntar ao aluno o que é que aconteceu, só oiço uma versão. Vou tentar resolver de acordo com aquela versão, só vejo o professor daqui a um mês e só daqui a um mês é que ele me conta a situação! Ora uma situação contada a quente ou contada a frio é completamente diferente, as posturas são completamente diferentes. Uma pessoa fica ali um bocado atada! Se as reuniões fossem mais frequentes as pessoas conseguiriam..., se calhar conseguir-se-ia melhor resolver os problemas que vão surgindo no dia a dia porque são imensos, estão sempre aparecer problemas. Depois uns a agir de uma maneira outros agir de outra maneira se calhar não caminhamos todos no



bom caminho. E os alunos têm um bocado esta perspectiva, com este professor faço isto com aquele faço aquilo... Se houvesse essas reuniões mais de grupo possivelmente as atitudes poderiam ser mais consentâneas, todas!

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Seria, seria muito vantajoso. Eu, para mim, tudo o que for trabalho de grupo acho que só temos a aprender com essas experiências, mas tenho uma experiência um pouco negativa porque encontro pessoas que dificilmente trabalham em grupo. E o que eu acho é que os professores vão ser obrigados a trabalhar em grupo porque se trabalharem como estão a trabalhar o insucesso vai ser cada vez maior!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***

## Entrevista – P11

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Isso..., eu dou aulas há pouco tempo!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Acho que deveria ter mais autonomia. Por um lado, acho que sim, que tem alguma autonomia, mas por outro acho que deveria ter mais! Parece-me que sim, que tem capacidade para decidir por si, pelo pouco que conheço!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Sim, sim, é importante. Mais por aí, vantagens para os alunos e para a escola.

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Concordo!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola privilegiava mais a autonomia da escola?*

Professor: Sim, é mais por aí!

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: Parece-me que sim! Em alguns casos sim, em algumas disciplinas sim!

**Paula:** *Não lhe parece que, desse modo, poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?*

Professor: Poderá, mas também as escolas, por outro lado, ouvem muito melhor os professores que estão dentro dessa própria escola. E os professores que estão no terreno sabem melhor o que os alunos precisam ou não!

**Paula:** *Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?*

Professor: Acho que precisam. Um bocadinho sim!

### **Organização e Gestão Curricular**

**Paula:** *Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?*

Professor: Nunca pensei antes sobre isso! Sou sincera, nunca pensei muito sobre isso, portanto...!

**Paula:** *A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)*

Professor: A todos esses níveis!

**Paula:** *Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?*

Professor: Trouxe vantagens! Penso que sim, que trouxe vantagens!

**Paula:** *Quer especificar um pouco mais a que nível trouxe vantagens?*

Professor: Não, mas penso que sim, penso que trouxe vantagens! Eu acho os blocos de noventa minutos importantes porque eu acho que eles aprendem um bocadinho mais. Cinquenta e cinco ou cinquenta minutos como era antigamente acho pouco, sinceramente acho pouco.

**Paula:** *Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?*

Professor: Sim!

**Paula:** *Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?*

Professor: Sim!

**Paula:** *O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?*

Professor: Sim, concordo.

**Paula:** *As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?*

Professor: Mais um bocadinho de autonomia!

*Paula: Quer especificar um pouco mais a que nível?*

Professor: Não!

*Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: Os grupos disciplinares, principalmente os grupos disciplinares.

*Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Pode ser decisivo!

*Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Penso que sim!

*Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Sim, sim.

*Paula: A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)*

Professor: Na avaliação, nas actividades e no acompanhamento dos alunos.

*Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Sim, penso que sim!

*Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: O conselho executivo e os departamentos curriculares!

## **Práticas Curriculares**

*Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Mais ou menos continua como era antes!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Nem por isso! Não, nem por isso! Acho que até há mais confusão e cada um “puxa a brasa para a sua sardinha”, é óbvio.

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim, acho que tem!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo?*

Professor: Sim.

**Paula:** *A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: De grupo. Deveria ser mais de grupo. Às vezes quando a reunião está a ser um bocadinho mais longa leva-se para casa e depois entrega-se, mas acho que devia ser mais a nível de grupo.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Sim, sim!

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: São importantes...! Às vezes não são muito importantes!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Não, não, não...!

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: De mais positivo? Eu acho que é importante, muito importante e porquê? Porque as nossas turmas, das quatro ou cinco pessoas, poderão seguir mais ou menos o mesmo caminho e não ir um por um caminho e outro para outro e outro para outro!

**Paula:** *Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?*

Professor: Eu acho que seguimos o Ministério da Educação. É vontade do grupo seguir os programas do Ministério da Educação.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Sim, parece-me importante!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: Dos professores, sim!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma? Considera importante haver um Projecto Curricular de Turma?**

Professor: Sim, é importante!

**Paula: Quer fundamentar?**

Professor: Não, acho importante!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Os professores!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Penso que sim! Respeitar sim!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Nem sempre!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Por unidades.

**Paula: E a nível micro (diária/semanal) costuma fazer?**

Professor: Não, não costumo.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Por vezes escrito, sou sincera, por vezes mentalmente só.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Importante. É por aí, eu falo por mim, eu sigo pelo manual.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Muito acetatos elaborados por mim. Slides às vezes utilizo, só que tenho preguiça de requisitar o projector, (risos) sou sincera.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Tem!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Com certeza, com certeza, deve-se fazer isso! Lá está, eu falo por mim, se o aluno é fraco eu não vou exigir muito, não vou exigir logo muito, tenho que começar pela base!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve seguir pelo programa e depois também deve ter liberdade, um pouco de liberdade, mas deve seguir!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Diagnostica sempre, sumativa e formativa, também.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Penso que sim!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Sim, sim.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: O empenho, a motivação deles na aula. Eu dou muito valor à motivação e ao empenho de cada aluno.

**Paula: *Prevê a participação dos alunos nesse processo?***

Professor: Não.

**Paula: *Não discute com os alunos o processo de avaliação no início do ano lectivo, auto-avaliação?***

Professor: Só no fim a auto-avaliação.

**Paula: *Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?***

Professor: Sem dúvida.

**Paula: *E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Sem dúvida, também. É muito importante, sem isso nada feito, não é? Podermos trocar ideias eu acho essencial.

**Paula: *Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***



## Entrevista – P12

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Não tenho conhecimentos muito aprofundados sobre isso, mas tentei ler aquelas informações todas acerca da autonomia... Penso que a nível de conhecimento da escola, do funcionamento da escola, nesse aspecto penso que tem autonomia. Agora ao nível das decisões estão sempre à espera que venha alguma coisa do Ministério para avançar com alguma coisa, pelo menos foi o que nos tem acontecido aqui!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Eu acho que pelo menos o conselho executivo tem autonomia dentro da escola. Agora fora da escola não posso dizer porque não estou propriamente ligada a essa parte, mas dentro daquilo que é... dentro da escola penso que sim, espaços sim de autonomia, agora totais acho que não!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Acho que sim. Cada uma das escolas deve ter consoante as suas especificidades. Acho que sim, tem muito a ver com o ambiente que nela se encontra, com o ambiente social, tem a ver um pouco com tudo e acho que cada escola deve ter o seu próprio projecto educativo. Serve para melhorar todas as condições ou tentar melhorar aquilo que tem a ver com a prática lectiva e sobretudo com o ensino/aprendizagem dos alunos.

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Sim, sim. Bem, nesta escola não posso dizer porque só estou aqui este ano, não é, mas penso que de um modo geral, com a experiência que tenho das outras escolas, acho que sim. Pelo menos têm surgido assim..., actividades e acho que o resultado é bom!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Concordo!

**Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?**

Professor: Ajuda!

**Paula: Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?**

Professor: Sim, promovia maior autonomia, mas que a escola, para já, ainda não tem total autonomia em relação ao Ministério, acho eu, é a minha sensação!

E não tem, de facto!

Acho que devemos sempre seguir as normas, no entanto a escola deve ter a possibilidade de, não digo contornar, mas adaptar ao seu meio e ao tipo de alunos, ao tipo de professores, ao tipo de ambiente da escola, porque as escolas não são iguais!

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: A escola? Acho que os programas devem ser realmente pensados, realizados pelo Ministério, mas tendo sempre em conta a especificidade dos alunos dessa escola. Agora se a escola deve realmente ter autonomia para fazer isso? Não sei! Sinceramente não sei!

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Eu acho que, pronto, temos um programa para cumprir. Eu tenho autonomia para alterar as unidades temáticas, tenho a total autonomia para fazer aquilo que quiser, não é, ou para relacionar como eu quiser. Agora mais autonomia... na sala de aula tenho autonomia total, sou eu que mando na minha aula e eu vou gerir... desde o momento que eu siga a planificação que foi feita pelo grupo dentro da escola eu tenho a total autonomia. Mais autonomia só se for... (riso) a nível de conteúdos são decididos a nível do Ministério e nós depois adaptamos em relação aos nossos alunos! A nível de conteúdos acho que é suficiente, agora a nível comportamental e etc. acho que não! Acho que estamos... o Ministério está a facilitar demais a vida aos alunos e a dificultar demais a vida aos professores. Os professores são sempre culpados de alguma coisa, eu acho!

## **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: O currículo, para mim, eu entendo são as disciplinas que fazem parte da... área em que é envolvido o aluno, não é, estamos a falar do currículo nível escolar, não é? O currículo tem a ver com as disciplinas básicas e com aquelas disciplinas Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhado, pronto!

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Acho que deveria ter três etapas. Uma etapa nacional e depois, cada região devia poder adaptar à sua região e depois, cada escola poder adaptar à especificidade da escola. Acho que isso deveria passar por três etapas e por aí é que nós chegamos à autonomia, não é? Portanto, deveria haver, penso eu, a possibilidade de mais tarde haver aquela autonomia para poder depois adaptar consoante o nosso ambiente e consoante os nossos alunos... exactamente, acho que sim! Total autonomia não, acho que seria uma anarquia completa!

***Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Para mim a reorganização e com a integração e o aparecimento de novas disciplinas, as tais áreas curriculares não disciplinares, isto criou uma carga horária aos alunos muito, muito grande. Acho que se devia ter pensado um bocadinho melhor porque eles para além de todas as disciplinas que já têm, tem Área de Projecto que é a antiga Área Escola. Formação Cívica é interessante, acho que todos nós, professores, nas nossas aulas fazemos isso nas nossas disciplinas, portanto, não sei se realmente era necessário existir uma disciplina de Formação Cívica. A outra que é Estudo Acompanhado, acho que é interessante se... funcionar bem. Mas eu acho que os alunos ficaram com uma carga horária muito mais pesada. É assim, eu acho que foram buscar modelos ao estrangeiro, mas deveriam ter adaptado melhor ao nosso País.

***Paula: Em relação à forma como estão organizados os blocos, entre outras alterações, parecem-lhe mudanças positivas?***

Professor: Olhe, eu acho que, blocos de noventa minutos, é bastante pesado tanto para o aluno como para o professor. Eu acho que estava bem como estava, cinquenta minutos. Noventa minutos é assim, os alunos ao fim de sessenta minutos já estão a ficar cansados. Pronto, o professor também tem que utilizar várias estratégias e obriga a mudar constantemente e a verificar... pronto, a fazer uma planificação da aula muito bem organizada, muito diferente do que fazia antes e a aula tem que ter uma parte mais calma e depois um pico... Exige do professor uma maior planificação, uma maior organização! Isso é bom, acho que é bom! Agora acho que os noventa minutos é muito pesado, eles chegam ao fim de sessenta minutos o aluno já não está atento! Reduzir de cinquenta minutos para os quarenta e cinco também não tem jeito nenhum, não dão para nada!

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Eu acho que deve haver um tronco comum.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Eu acho que deve haver um tronco comum e depois a partir das diferenças dos alunos e das opções dos alunos, deveria haver mais opções a nível de disciplinas para os alunos escolherem as disciplinas que tenham mais a ver com eles.

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Concordo, sim!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Está a falar das disciplinas, eu ia dizer que não (riso). Ora bem, há um problema, por exemplo na minha disciplina... nós no sétimo ano temos 90' mais 45', no oitavo ano temos 90' apenas e no nono ano temos novamente 90' mais 45'. No oitavo ano noventa minutos uma vez por semana não é suficiente.

Acho que a escola... lá está, mas também não há espaço naquilo que é definido pelo Ministério na carga horária total para poder aumentar e então, aqui na escola, escolheu-se por reduzir no oitavo ano.

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: O conselho pedagógico juntamente com os departamentos curriculares... acho que devia ser feito por todos.

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Eu acho que continuo a ter autonomia curricular... Eu tenho autonomia na minha aula, mas curricular, não sou eu que decido os programas, porque se fosse eu a decidir decidia isto de maneira diferente. Essencial não sei se será, mas importante acho que sim!

**Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Claro que vai trazer porque se nós abordamos assuntos que têm mais a ver com eles se formos mais flexíveis..., aquilo que se vai ensinar, a forma como vai ser avaliado, isto envolve tudo não é, claro que os alunos podem vir a ser beneficiados. Só que eu vou-lhe ser sincera, eu acho que os alunos estão a ser, no meu entender, beneficiados demais e continua a haver uma protecção enorme do aluno e está-se cada vez a exigir menos (risos), não se está a exigir aquilo que se deveria exigir do aluno. Está-se a ser muito condescendente e acho que isso pode prejudicar essa flexibilidade de que me está a falar, porque se formos flexíveis demais chegamos a um ponto em que não se está a exigir nada!

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Poderá ter. Os professores já fazem tudo e mais alguma coisa, não é? Poderá sugerir alguns caminhos, agora estar ali sempre em tudo, acho que já se exige muito, muito de nós!

**Paula: A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)**

Professor: Todos. Atenção com o acompanhamento dos alunos, isso é uma parte que diz também muito respeito aos pais, não só aos professores.

**Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**

Professor: Sim, estamos sempre a adaptarmo-nos a situações e a alunos novos e eles também a nós... Eu penso que isso vai acontecer sempre!

**Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?**

Professor: Acho que deveria ter o pedagógico, que por sinal é constituído por professores e pelo órgão de gestão e para além dos professores, que geralmente são os coordenadores de disciplina, poderia haver outros professores que também poderiam sugerir ideias interessantes. Muitas vezes nas reuniões de departamento não há tempo suficiente para se pensar minimamente, nem no momento surgem as ideias oportunas. Acho que aqui deveria haver um maior levantamento das opiniões e das propostas de todos os professores!

### **Práticas Curriculares**

**Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?**

Professor: Não, surgiram mudanças no aspecto em que nas reuniões de departamento, por exemplo aqui, é muita gente. É bom estarmos a trocar as nossas ideias e as nossas opiniões com os nossos colegas. Isso é importante! Agora sinceramente eu acho que continua a haver ainda o grupo A, o grupo B e o grupo C, em que as coisas são preparadas em conjunto, as actividades extra curriculares e isso, mas no entanto à última da hora surge sempre alguma coisa que os outros colegas não estavam ao corrente.

**Paula: Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?**

Professor: Isto tem a ver com aquilo que eu acabei de dizer, não é, acho que aos poucos vai acontecendo, para já está ainda um bocadinho frio. Não, houve mudanças, mas acho que deve haver ainda mais, maior troca de ideias, de materiais, etc.

**Paula: Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?**

Professor: Sim.

**Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?**

Professor: Sempre. É sempre a nível de grupo disciplinar e depois o professor tem autonomia para adaptar à sua turma.

**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

Professor: Sim. Vamos reunindo e estão sempre a rever essa matéria e a conversar e a discutir a mudança de estratégias, pelo menos no nosso grupo funciona assim.

**Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?**

Professor: Fundamentais? Podem indicar algum caminho, agora fundamental não!

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Eu faço isso muitas vezes porque eu tenho uma experiência mais alargada de um País onde vou muitas vezes e tenho um conhecimento, digamos, mais actual de alguns costumes, hábitos e quando estou a dar as aulas paro muitas vezes para fazer referências de aspectos que eu conheço e que não vêm nos manuais!

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: É o conseguirmos cruzar ou... coordenar melhor aquilo que estamos a dar sobretudo não “fugirmos”... termos uma orientação comum, acho que é

importante. No entanto, havendo, por parte de cada professor, espaço para abordar assuntos que não são abordados pelos meus colegas!

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: As escolas não são iguais, os alunos não são iguais, não tem a ver com o meio...! A partir daquele programa o grupo depois adapta isso tem liberdade e autonomia do grupo para adaptar aos seus alunos.

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Projecto Curricular de Turma é uma coisa, Projecto Curricular de Escola outra e Projecto Educativo outra... São tantos projectos que isto é uma confusão incrível. Projecto Curricular de Escola ... eu acho que sim. Eu acho que pode trazer vantagens, mas se for muito bem elaborado.

***Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?***

Professor: Isto tem a ver com toda a comunidade escolar, Pais ou Associação de Pais, tem a ver com o Conselho Pedagógico, acho que a gestão também devia lá estar, acho que devia haver representantes de cada uma das partes da comunidade escolar!

***Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: É importante e é complicado a elaboração desse projecto curricular de turma. Eu não sou directora de turma este ano, mas vejo os meus colegas e vejo o número de reuniões que nós tivemos para o projecto curricular de turma. É bastante complicado. O projecto é elaborado tendo sempre em conta e como aspecto central o aluno, sempre para melhorar. Pronto, todos nós, professores, nos conselhos de turma estamos a tentar com que os alunos, realmente, melhorem. Mas é o que eu digo, nós fazemos o nosso papel, mas os alunos não fazem a parte deles. O projecto curricular é importante, todos nós devemos cumprir e devemos participar, claro é a nossa obrigação, agora se o resultado final vai ser positivo ou se alterou alguma coisa em termos de resultado final... eu tenho as minhas dúvidas! Agora, que é importante é, não sei se o resultado final será o esperado.



**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Fundamentalmente os professores!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: De uma certa forma tem que respeitar!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Claro que é importante!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Todas! Eu tenho uma anual, depois faço por período e depois ainda vou dividindo e vou planificando sempre as minhas aulas. Muitas vezes não respeito, isto foi uma coisa que eu aprendi no estágio, não respeito totalmente a minha planificação diária pelo seguinte, porque surgem temas ou surgem questões dos alunos que me fazem sair daquilo que eu tinha previsto e depois, claro, vou ter que continuar e acabar a minha planificação na aula seguinte!

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Utilizo um plano escrito!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim, sempre!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Ai isso, claro!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que deve seguir às suas próprias orientações, sem perder de vista o tal tronco comum!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo a diagnostica, depois a seguir a todas as mini unidades, unidades intermédias, faço sempre uma ficha de recapitulação para ver se os alunos entenderam ou não, antes do teste fazem sempre uma ficha, chamo-lhe a ficha formativa, com todos os aspectos que demos naquela unidade, que geralmente vão sair depois no teste ou na ficha de avaliação sumativa. Não utilizo aquela parte de revisões, eles trabalham muito por fichas, muitos exercícios. Por isso, tenho a avaliação de diversos tipos, a diagnostica a formativa e depois aquilo a que nós chamamos a sumativa.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: É assim, autónomos, autónomos não somos porque nós temos indicações do projecto da escola, temos três indicações, temos três pontos para avaliar os alunos, temos as atitudes e valores, as competências e os conhecimentos. Portanto, a partir daí, a percentagem dada a cada uma delas já está definida pelo conselho pedagógico. No entanto, eu posso valorizar mais um aspecto em relação a um aluno, põe exemplo um aluno bem comportado, esforçado, mas que não obteve resultados assim tão bons e vou valorizar mais os outros aspectos. Aqui sim, tenho mais autonomia, no entanto, nalguns casos gostaria que fosse um bocadinho diferente, mas mesmo assim, nesse aspecto eu acho que tenho autonomia! Embora os aspectos que nós devemos avaliar sejam pré-definidos, mas depois o professor tem alguma autonomia aí, mas eu privilegio os aspectos em relação do tipo de aluno, não é!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: As minhas avaliações formativas nunca têm classificação! Eles fazem a ficha, muitas vezes ou eles trocam entre si, o que é muito interessante porque eles são muito exigentes em relação uns aos outros, depois da

correção entregamos cada ficha ao seu dono e ele vai realmente verificar aquilo que está mal. Eu acho que só assim e a classificação, aí na formativa, não é o meu objectivo, o meu objectivo é mesmo que eles saibam onde eles têm problemas. A partir daí fazer aquilo que chamamos revisões ou pelo menos tentar explicar novamente até conseguir chegar à aprendizagem. Eu falo por mim e penso que se consegue fazer!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: Privilegio muito as atitudes, o material, a postura na sala de aula, a linguagem utilizada, se interrompem ou não interrompem a aula, é assim, se não levantam o dedo, se falam todos ao mesmo tempo, faço de conta que não ouço, não vejo, para eles perceberem que têm de levantar o dedo para participar! Isso também faz parte da avaliação.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sempre. Eles fazem auto e hetero-avaliação, sempre. Há uma aula, agora no final..., eu faço assim, faço por itens a auto-avaliação, não é. No início do ano eu já lhes digo como é que eu os vou avaliar, sempre, como é que os vou avaliar e como vão ser as minhas aulas, sempre, que é para depois não haver problemas. Não há um contrato pedagógico, mas no início do ano acho que as primeiras aulas são muito importantes!

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Nós fazemos isso e considero que é importante!

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: É, é importante! Ao nível de grupo é mais fácil porque somos menos. Ao nível de departamento talvez não seja tão rigorosa porque somos muitos.

**Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.**

## Entrevista – P13

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: A ideia que eu tenho de autonomia da escola, é que a escola pode estabelecer projectos diferentes das outras escolas em função das suas características!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: A forma como cada grupo disciplinar, como o próprio executivo planeia as actividades, os grupos fazem a ordenação do currículo, acho que basicamente reflecte-se mais nesse campo, ao nível das práticas escolares curriculares e da administração e gestão do currículo!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Concordo. Porque acho que é um fio condutor, acho que um projecto educativo serve para que..., porque somos muitos e depois há professores com ideias diferentes, umas melhores outras piores, umas mais ambiciosas outras menos e o projecto educativo faz com que trabalhem todos com o mesmo sentido, o mesmo objectivo, portanto, concordo!

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Se ele fosse aplicado como é previsto sim. Por exemplo, nesta escola acho que até é uma vantagem. Definiu-se aquela linha tendo em conta os alunos, é assim que ele tem de ser definido, não é e desde que seja respeitado eles são sempre os mais beneficiados. Concordo que isso nem sempre acontece, em muitas escolas não passa daquilo mesmo...!

**Paula:** *O Projecto Educativo mudou alguma coisa na escola?*

Professor: Muda essencialmente isso, numa escola que não há projecto educativo cada um trabalha muito para si, se calhar em áreas muito diferentes. Agora, se houver uma linha no projecto educativo cada um faz, mas dentro

daquele sentido, a escola trabalha toda para o mesmo, numa área ou noutra, mas toda no mesmo sentido!

**Paula: Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?**

Professor: Sim, concordo!

**Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?**

Professor: Na minha opinião, basicamente o regulamento interno ajuda a definir as regras da escola, a definir o que é que tem de ser feito e como. Agora se isso propriamente dito beneficia a autonomia da escola?

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: Parece-me que não! Por uma questão simples, os meninos que andam aqui hoje podem não andar amanhã e, portanto, se a escola por si só decidisse, íamos ter uma disparidade muito grande. Tem que haver um fio condutor de alguma forma! As escolas de diferentes localidades iriam ter uma visão muito diferente, até pela comunidade, etc. e ia ser muito limitativo, a meu ver!

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Acho que não! Contra mim falo, mas acho que não! Acho que... pelo menos no ponto de vista curricular, dos conteúdos, das aulas, das práticas... Poderiam até ter alguma autonomia no sentido de gerir, mas isso era se fosse sempre o mesmo professor durante um ciclo, não é? Actualmente até já temos, já podemos deixar uma parte da matéria para o ano a seguir e o outro colega..., mas nem sempre isso é muito funcional. Agora do ponto de vista administrativo, penso que não!

**Paula: Na opinião da colega, a autonomia do professor concretiza-se mais ao nível da sala de aula!**

Professor: Da sala de aula, acho que ao nível da sala de aula.

## **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: Não tenho assim, propriamente dita, uma opinião muito formada a esse respeito. Se calhar nunca me debrucei muito... Para estar agora a dizer defendendo este, defendendo aquele...!

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: Penso que nacional deve ser. Agora, ele pode ser depois trabalhado, lá está, pela parte do projecto educativo, etc., pode ser trabalhado atendendo à localidade. Agora que ele deva ser nacional, para não gerar desigualdades, penso que sim.

**Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?**

Professor: Lá está, uma das vantagens é deixarmos de ter o incumprimento, se é que se pode dizer assim, do programa porque deixa-se aquele bocadinho e pode-se dar continuidade no ano a seguir. Isto, eu considero que era uma vantagem se realmente o professor, do ano a seguir, tiver sempre o cuidado de ir ver o que é que ficou para trás por dar. Nem sempre isso é feito, portanto, pode-se tornar uma desvantagem. Claro, se o professor não tem isso em conta, fica ali uma lacuna. Enquanto que anteriormente havia a obrigatoriedade e quando não era dado..., no ano a seguir ou tinham mesmo a noção que não tinham dado ou então não recuperavam, recuperavam se o professor tivesse essa consciência. Daí acho que não... trará se estiver sempre com o mesmo professor, se não... penso que não. Em termos de adaptação dos currículos, da parte pedagógica, dos conteúdos, houve alguma alteração, em algumas disciplinas pode ter sido proveitosa, na minha disciplina penso que não foi!

**Paula: Em relação à forma como estão organizados os blocos, a introdução das áreas curriculares não disciplinares, entre outras, parecem-lhe mudanças positivas?**

Professor: Os blocos de 45' não dão para nada. Os de 90' realmente são bons, mas isso era se toda a gente tivesse blocos de 90'. Pronto, os professores queixam-se que os meninos ficam mais irrequietos, mas é uma questão de programar a aula de outra maneira, começar por dar a parte que interessa e depois eles fazerem exercícios, já não estão tão parados, não têm que estar ali com tanta atenção. Os de 45 rendem-me pouquíssimo, para disciplinas, por exemplo, que só tenham blocos de 45 rende muito pouco, nota-se isso. Porque

eles entram, sentam-se, estão irrequietenos, portanto, acaba por se ter alguma perda de tempo. Em relação às novas áreas curriculares acho que o Estudo Acompanhado está mal equacionado, não funciona, pelo menos por aquilo que eu tenho visto, o Estudo Acompanhado acho que... são poucos, há miúdos que aproveitam, mas são poucos porque aos restantes aquilo não lhes diz absolutamente nada! Da parte da Formação Cívica acho que é muito útil, acho que tem que ser trabalhada, acho que dá espaço para debater, dá espaço para lhes dar formação noutros assuntos que são, ao fim e ao cabo, aquilo que está definido para aquela disciplina. Na Área de Projecto, acho que é uma substituição da Área Escola, que não tem grande lógica porque regra geral, é o que eu digo, se para uns que aproveitam bem até terá..., para outros miúdos não lhes diz absolutamente nada, aquilo não os motiva, não os incentiva a participar e, portanto, é um tempo perdido! Se calhar devia ser reequacionada a maneira com está a ser aplicada!

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Sim, sim. Concordo!

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Penso que sim, que podia. Claro que isso poderia levar a que umas escolas fossem mais preteridas que outras, mas podia!

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Eu... quando me fala em Ministério da Educação, penso no Ministério da Educação, mas penso sempre na colaboração com os professores, com os docentes, coisa que nem sempre é feito! É feito por quem está lá, por quem, se calhar, deu aulas ao ensino superior e, portanto, não tem a mínima noção do que é lidar com miúdos desta idade e com estas dificuldades que eles apresentam. Portanto, quando eu digo que sim, digo que sim no sentido de que devia ser com a colaboração desses professores e

assim ser extremamente proveitoso. Agora, só por eles, Ministério da Educação, pessoas que... não lhes tiro qualquer valor não é, mas que não têm vivência no dia-a-dia da escola, se calhar não (risos)!

**Paula:** *As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?*

Professor: Devem!

**Paula:** *Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: É complicado! Depois é assim, nos departamentos cada um defende o seu, não é, portanto, cada um puxaria a brasa para a sua sardinha (riso), tem que haver sempre alguém que faça o... digamos que a moderação das partes, portanto, o conselho pedagógico é o órgão mais competente.

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Penso que sim.

**Paula:** *Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Traz, eu acho que traz! Eu acho que traz porque é assim, a partir do momento em que se pode gerir e que nós conhecemos os meninos e que vemos as dificuldades que eles têm, nós também podemos adaptar melhor os conteúdos e ver como é que eles vão progredir, penso que sim!

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Devem ter esse papel?*

Professor: Devem ter esse papel, exactamente.

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)*

Professor: Eu acho que todas essas devem ter..., eu acho que têm essa obrigação, já está quase que inerente, cada um dos professores ter essa função!

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*



Professor: Leva. (risos) A partir do momento em que deixamos de nos guiar por um programa, por um manual que está organizado e somos nós a gerir como vamos dar e quando, e com que base em quê... Penso que sim, que leva a um esforço diferente. Isso até para o professor pode ser benéfico porque, digamos que é pouco estimulante andarmos todos os anos a repetir a mesma coisa, da mesma forma. Eles são todos diferentes, isso é óbvio, mas ao fim de uns anos a gente cai naquele rambe rambe e eu acho que isso, quanto mais não seja, é estimulante para um professor.

***Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?***

Professor: Eu penso que o conselho pedagógico onde estão reunidos todos os departamentos e, portanto, penso que será o órgão mais indicado!

### **Práticas Curriculares**

***Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?***

Professor: Eu acho que não surgiram mudanças muito significativas! (risos)

***Paula: Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?***

Professor: Também tenho a impressão que não! Digamos que, por exemplo, em termos de actividades se calhar até se conseguiu, a nível curricular penso que não! Eu acho que até se deveria caminhar nesse sentido, agora para já... também é assim, as mudanças nunca são rápidas nem imediatas, é preciso tempo para implementarem-se! Se calhar com o passar de um, dois anos ou três, até as pessoas acabam por se adaptar e pensar que é assim, agora para já acho que não. Depois, lá está, tudo isso implica um esforço que é se nós juntarmos num departamento vários grupos, o interesse seria que do ponto de vista curricular houvesse ali uma coordenação, eu dizer assim “eu vou dar ‘isto’ aqui e dava-me jeito que tu desses ‘isso’ antes...”, mas isso para já não funciona. Não funciona essencialmente porque “eu trato das minhas coisas, tu

tratas das tuas e ele trata das dele”, portanto falta aqui isso! A essa articulação ainda não chegamos!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Acho que sim!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Fazemos a programação no início, mas não para todo o ano lectivo! Fazemos a programação por período, porque pensamos que é mais adequado.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Exacto!

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: Não! Quer dizer, não são fundamentais podem ser, quando muito, uma orientação, mas fundamentais não!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Sim! Porque isto... nomeadamente o ano passado e este ano com a reforma, lá está, não sei quem dividiu, mas deve ter sido alguém entendido no assunto, suponho eu, mas dividiram os conteúdos e quer dizer aquilo cai-lhes tudo assim um bocado do céu! Portanto, temos que arranjar uma forma de lhes dar um enquadramento daquilo tudo, muitas vezes temos que ir buscar coisas que não estão para eles perceberem! Se não, não há seguimento e depois, no ano seguinte, continua a não ter seguimento e aquilo vai-lhes aparecer muito descontextualizado.

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: Essencialmente em termos de actividades que desenvolvemos, dos conteúdos que leccionamos, estarmos todas em sintonia, mais ou menos nunca há grandes atrasos, nunca há grandes disparidades de umas para as outras! Em termos de actividades é proveitoso, porque se todas tivermos a fazer... implica muito material, etc., portanto estará tudo muito mais preparado

do que andar cada uma a remar para seu lado! Porque a nossa disciplina tem muita prática, portanto temos aulas no laboratório que é para eles fazerem experiências, é de todo o interesse que as turmas estejam mais ou menos coordenadas para aproveitarmos a preparação dos materiais, os esquemas de montagem, etc.

***Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?***

Professor: São ambiciosos! E depois, é assim, nem sempre temos materiais para executar o que eles nos pedem! Portanto, a partir desse momento deixam de ser flexíveis porque depois não há orçamento, não conseguimos fazer e a maior parte das coisas não são dadas a experimentar como deveriam ser, principalmente numa disciplina tão pouco concreta, são dadas muito teoricamente!

***Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?***

Professor: Sim, sim, é pertinente! Lá está, digamos que um projecto curricular de escola é útil no sentido, por exemplo, depois todos os outros que dali possam advir são subordinados ao que está definido!

***Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?***

Professor: Não... penso que deve ter outros parceiros, exactamente! A partir do momento que, por exemplo, o projecto de turma pode ser feito na comunidade, acho que tem todo o interesse em ter parceiros na comunidade!

***Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?***

Professor: Se ele é feito para desenvolver mais valias nos alunos no sentido de lhes despertar o interesse por pesquisar..., lá está, ser com a comunidade e não para dentro da escola, acho que é uma mais valia, acho que é importante! Se é para ser confinado à sala de aula e para eles trabalharem sozinhos, penso que isso... eles fazem em qualquer altura! (risos)

***Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)***

Professor: Partindo do princípio que o projecto curricular de escola tinha vários parceiros, não é, depois o de turma teria precisamente... hoje nenhuma turma tem que seguir aquilo à risca, não é, são derivações daquilo que está, mas acho que deve ser definido pelos alunos com orientação dos professores da turma e não só do director de turma, muitas vezes acaba por acontecer e depois precisamente indo aos tais parceiros e vendo a proposta, se há abertura, se é possível ou não...!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Penso que tem que se abranger mais ao projecto educativo e ao projecto curricular de escola, no caso do projecto curricular de turma!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: (risos) Eu não sou grande exemplo lá disso porque eu não sou pessoa que faça grandes planificações! Agora, assim levado ao extremo, não! Agora, uma planificação pelo menos para sabermos a quantas andamos, acho que sim!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: A pessoal? A minha é mais semanal!

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Mentalmente!

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: É muito útil! É importante! O manual acho que é útil! Sirvo-me dele para depois muitas vezes... tem as imagens que eu não consigo projectar se não mostrando o que está lá, não é, tem exemplos, basicamente é do que me sirvo nos manuais.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Projecção em Power Point, em acetato e muito materiais de laboratório. O Power Point regra geral é preparado por mim, mas os outros nem todos são preparados porque hoje em dia há já tanta coisa!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Fundamental!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que deve liberdade para seguir as suas orientações, até porque é a única maneira de eu tornar mais atractivo para os meninos. Porque nem todos têm os mesmos interesses, temos que nos adaptar ao meio, portanto, acho que se houver ali margem para manobra acho que é importante!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim, também!

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Utilizo muito a avaliação de aula, portanto, do dia-a-dia, da participação, da postura, do interesse, do empenho, muito e depois acabo... porque muitas vezes são todos muito participativos tem que haver ali algum ponto onde eles concretizem mais isso e então têm os testes.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Se calhar não porque nós acabamos por estar sempre obrigados àqueles momentos da avaliação, não é, e se calhar essa altura até não será a melhor para o aluno, mas tem que ser, tem que se classificar!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Não, as turmas são muito grandes, tem muitos alunos e torna-se bastante complicado. Ou se tem uma capacidade mental muito grande ou então estar a fazer os registos todos é complicado.

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: As atitudes, os valores!

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Sim, é sempre discutido com eles. No início é-lhes... é discutido com eles como é que se faz, muitas das vezes até o número de testes que eles acham mais conveniente, que acham menos, os trabalhos de casa, isso... normalmente, há uma abertura para discussão e depois todos contam com o que têm até ao fim. Todos sabem que é assim, há aquelas normas estabelecidas de parte a parte, nunca são por mim e, portanto, que funciona com regras!

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?**

Professor: Penso que é importante. Sempre que se faz os conselhos de turma nós apercebemo-nos de que o aluno A tem um comportamento completamente diferente em certas disciplinas do que na minha, que nós até nem conhecíamos e que às vezes, se calhar, parte de uma postura também nossa e, portanto acho que isso é benéfico!

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: Se as pessoas estiverem dispostas a isso, acho que sim, se não tiverem medo de expor o que fazem, acho que sim, que é válido!

**Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.**

## Entrevista – P14

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Portanto, como se pode manifestar a autonomia na escola, portanto, depende da percepção que se tem de autonomia, mas é evidente que o Ministério deu-nos autonomia, mas esta autonomia se não for bem gerida, não é, temos sempre bloqueios na escola... pronto, o que é certo é que essa autonomia é encarada... eu para mim acho que noutra escola... sentimo-nos bastante autónomos em termos do serviço docente, eu estou a falar da parte que me toca a mim como profissional nesta escola, não é, agora da parte administrativa já não serei eu, mas sim mais o conselho executivo que pode informar sobre esse assunto!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Onde penso terem surgido espaços de autonomia curricular... mais na parte escolar porque na parte de administração e gestão da escola já é mais um sector que, pronto, a gente sente que está a ser mais ou menos bem gerido, mas não está dentro dele, está mais dentro das práticas escolares curriculares. Agora, nós coordenadores de departamento temos uma..., como é que hei-de dizer, podemos mover mais ou menos aquilo que a gente pretende, vamos fazer isto... planificamos e conseguimos. Nunca nos é recusado. Também temos a preocupação quando fazemos com tudo como deve ser, bem planificado, sempre no interesse do aluno, sempre. Qualquer actividade ou prática curricular é sempre na base da necessidade que o aluno tem, não é?

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Nós temos um projecto educativo! Eu concordo que é importante, aliás acho que deviam e isso faz parte... de uma parte profissional de cada um de nós, nós devíamos ter conhecimento de que existe um projecto educativo porque ainda temos, infelizmente, muitos profissionais que não sabem o que é

um projecto educativo, nem sabem que ele existe na escola. Como o regulamento interno, isto é tudo uma regra que eu acho importante existir na escola.

**Paula: Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?**

Professor: Porque no projecto educativo são lá que regem determinadas situações que a gente às vezes..., lá está, é a tal regra que a gente sabe que está lá... e acho que tudo o que nos dirija a nossa profissão, ou seja, que nos leva o caminho..., a nossa orientação, é mais fácil haver um documento que eu procure e sei que está ali isto, aquilo, aqueloutro! Embora eu ache que muitos profissionais pouco o procuram!

**Paula: O Projecto Educativo mudou alguma coisa na escola?**

Professor: Eu acho que sim. Lá está, veio mudar em termos de organização, portanto, acho que ali nós conseguimos perceber... nós mesmo profissionais, por muito que a gente perceba, temos o caso do projecto educativo que é um documento e temos alguma coisa que nós queremos saber, está ali, não precisamos de ir procurar a uma lei nem a uma portaria!

**Paula: Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?**

Professor: Concordo! Porque este regulamento interno é que nos vai direccionar, ou seja, nós todos trabalhamos da mesma forma porque, por exemplo, eu sou bastante rigorosa na entrada da sala, na postura dos alunos dentro da sala de aula, não mastigar “chicletes”, os bonés, essas coisas todas, isto está no regulamento interno e isto é uma das fórmulas que fazemos depois sempre! Portanto, ele é importante para o bom funcionamento.

**Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?**

Professor: Sim. De certa forma sim, porque nós no regulamento interno se estamos a por que não é permitido usar o telemóvel isto, ao fim e ao cabo, acaba por ser uma autonomia, ou seja, estamos todos a trabalhar em sintonia numa coisa que é decisão da escola.

**Paula: Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola, parece-lhe que teria mais autonomia?**



Professor: Não sei! Eu aí já não posso... se calhar haver uma orientação para que isso seja comum em todas as escolas, portanto, haver coisas comuns em todas as escolas porque, ao fim e ao cabo, é isso mesmo, não é! Porque se não isto também faz um bocado de confusão a quem é encarregado de educação e tem filhos em escolas diferentes! Se há um regulamento interno muito desfasado entre um e outro, nas conversas que eles têm “ah! na minha eu posso fazer isto ou fazer aquilo” e o outro “na minha não!” quer dizer, depois um sente-se diminuído. Coisas que eles depois acham que deviam ser comum em todas. Porque há pontos comuns em todas que eu já verifiquei e depois há aqueles pontos específicos de cada escola, que é normal. E, portanto, eu acho que isso dá uma certa... quem é aluno e conversa com alunos doutra escola sente que afinal a sua escola não é diferente das outras, tem algumas coisas diferentes porque também os alunos são diferentes, mas em termos daquelas normas principais é comum a todas. Portanto eu acho que isso é importante, haver uma orientação.

***Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?***

Professor: Também acho que o Ministério tem aí um papel importante, porque se não nós aqui achamos que era muito importante darmos esta matéria e outra escola achar que outra matéria também é importante e, então, acontece como aconteceu o ano passado com a minha filha, quer dizer, muda de escola e nada é igual, não sabe, já deu e, pronto, houve ali um certo desencaixe... Tem que haver aqui, tem que haver qualquer coisa em comum a nós todos!

***Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?***

Professor: Eu, por exemplo, sinto-me autónoma nesta escola! Não sei, pronto, os colegas poderão ter outras ideias, noutras escolas, aqui na minha escola eu sinto-me como coordenadora, porque aqui nesta escola dá-se um papel muito importante aos cargos que se tem e se houver alguma responsabilidade, são sempre esses que vão à frente! Se houver alguma coisa que não está bem dentro da minha disciplina, não interessa se foi o “Joaquim” ou o “Manuel”, eu é que vou lá, pronto, porquê? Porque eu tenho que cumprir o meu dever e saber..., portanto eu aí sinto-me autónoma. Portanto, sei as regras que eu tenho de saber e daí se chegar ao conselho executivo e disser preciso disto ou

daquilo para fazer esta actividade, ...nós resolvemos fazer uma visita de estudo aqui porque é importante, nunca nos foi bloqueado, portanto... Mas lá está, isto é muito subjectivo em termos de outras escolas...!

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: Ora bem, eu... currículo na escola ... O currículo, eu para mim, o currículo vejo sempre como estão as nossas planificações, tudo aquilo que nós planificamos, nos organizamos, em termos do nosso grupo, não é, grupo e depois também em termos dos outros grupos. Por isso, além de sair o plano de actividades, que sai logo no início do ano, antes nós temos que nos organizar, temos tudo isso no currículo! Sempre, sempre com atenção à programação que temos, em relação ao tempo que temos, como sabe a nossa disciplina foi reduzida num bloco de 45', tivemos que realmente, dentro da nossa programação, dentro do nosso currículo, também não estendermos em determinadas situações para podermos nesse currículo por as coisas que nós achamos mais importantes!

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: Eu acho que na programação como estávamos a trabalhar no ano anterior e que vinha do Ministério igual para todas as escolas, tudo bem, agora o currículo é da escola, cada escola deveria adaptar o currículo à sua situação!

***Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Olhe, vantagens... Não posso falar muito em relação às outras disciplinas todas! Nós fomos prejudicados em termos de blocos porque é assim, esses 45' desse bloco era importante porque era onde nós reuníamos a parte mais teórica e a parte dos 90 dava perfeitamente para a gente ver, desenhar... Agora não, temos que gerir e o que é que acontece? E como há um tempo muito longo porque tivemos aqui 90' e vamos ter na outra semana outros 90', só passados oito dias é que eu tenho os mesmos alunos. O que é que acontece, há uma necessidade e um desgaste do professor de no início de

cada aula em retomar a aula anterior, porque isto tem que ser mesmo assim, retomar os conteúdos e, além de haver o desgaste, acho que há uma quebra no rendimento dos nossos alunos. Isto em relação à minha disciplina, em termos de blocos, fomos prejudicados! Pronto, em termos de vantagens foi criado o Estudo Acompanhado, o Trabalho de Projecto..., mas também acho que os alunos... e mais disciplinas foram criadas, Música... depende das condições da escola...! Acho que cada vez ocupa mais a carga horária dos alunos! É isso que eu sinto! Acabou por ter... há um excesso de horas na escola dos alunos, é só isso que eu acho!

***Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?***

Professor: Sim, acho que sim.

***Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?***

Professor: Sim, sim, até porque, por exemplo, esta escola gostaria muito da dança só que nós não temos espaço para ter uma sala só para a dança. A dança implica ter espelhos ter uma sala só própria para a dança, portanto, eu acho que cada escola tem que... acho que está correcto, não é, devia ter essa possibilidade!

***Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?***

Professor: Acho bem porque é assim, lá está, aquilo que eu estou a fazer na minha também faz na sua, no final do nono ano todos têm as mesmas atitudes..., porque senão isto também é capaz de criar diferenças entre... que há sempre diferenças entre escolas e nota-se quando se faz mudanças de uma escola para outra!

***Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?***

Professor: Sim.

Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?

Professor: Para mim é o conselho pedagógico.

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: Eu acho que sim.

Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?

Professor: Se eu aqui acho que sim, aqui também acho que tem que ter vantagens porque é neles que eu penso sempre, não é!

**Paula: Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?**

Professor: Quer dizer, nós já temos..., no fundo eu acho que sim!

**Paula: A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)**

Professor: Eu acho que todos!

**Paula: Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?**

Professor: Eu acho que sim! É obrigado a mudar!

**Paula: Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?**

Professor: Eu acho que todas ajudam um pouco, não é! Todas estas partes são importantes para depois chegarmos a este projecto!

### **Práticas Curriculares**

**Paula: Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?**

Professor: Não, houve, houve! Houve mudanças em termos de coordenação muito mais e houve em termos de departamentos, houve mais... as disciplinas

entre si ligam-se mais, organizam-se mais, porque estamos todos, há um todo, não é, há uma maior sequência dos conteúdos, por exemplo, entre os quintos e sextos anos. Entre grupos não há tanto, mas também há! Mas também acho que devia haver, não é!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Sim, houve, houve bastante!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim, têm!

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Sim. A nível de grupo.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Sim, contempla.

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: São importantes, mas não fundamentais!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Não!

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: A troca de opiniões entre os elementos do grupo e haver uma orientação comum.

**Paula:** *Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?*

Professor: Sim são, pelo menos os nossos! Dos outros não posso dizer...!

**Paula:** *Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?*

Professor: Não, não acho absolutamente necessário!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: Uma vez que se trata de um projecto curricular deve... Acho que a elaboração deve ser da responsabilidade dos professores!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: Portanto, acho importante devido às linhas teóricas que se tem com a turma, com o conselho de turma e também todo o conselho de turma acaba por perceber das situações da turma que são importantes! Acho que é importante!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Todos, os professores da turma, todos os intervenientes no projecto de turma, pais, alunos e os professores do conselho de turma!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Sim!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Ai, sim, sim, muito importante!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Normalmente é por período, este ano faço até diária, por estar a orientar estágio.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Plano escrito, com os objectivos, conteúdos, essas coisas todas!

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: O manual utilizo na planificação e também para... Portanto, como o nosso manual não é de carácter obrigatório, visto as condições sócio-

económicas dos alunos, é optativo, portanto, eles não tem e isso leva a que eu tire do manual por vezes acetatos, fotocópias, que são importantes para eles visualizar!

**Paula: Este material é elaborado pela colega?**

Professor: É feito por mim. Cada professor faz o seu material, nós temos um crédito... cada professor tem um crédito e vai gerindo para fotocópias e essas coisas assim.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Sim, sim. Aliás, os alunos que são meus no nono já foram meus no sétimo e no oitavo.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Ah, sim, sim! Muitas vezes trago o plano de aula e fico a meio porque há outras situações que são criadas ou por dúvidas ou por situações que se tem que esclarecer, que enriquecem a aula de alguma forma, mas não foi cumprida a planificação totalmente! Isso... tem que ser flexível nesse sentido!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que tem que ter liberdade para seguir as suas próprias orientações, embora seguindo aquela programação!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Deve.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: A avaliação é assim... a diagnostica é aquela que eu utilizo, também faço... os alunos também fazem a auto-avaliação quando acabamos uma actividade, no final da actividade cada um vai-se auto-avaliar no trabalho que fez, portanto, também faço este tipo individual aluno a aluno e recolho e depois comparo com a minha. Faço também a avaliação, por exemplo, de trabalhos,

quando são trabalhos mais artísticos, exponho os trabalhos todos e ponho patamares em dizer como vou classificar e os alunos fazem a escolha dois trabalhos por patamar!

**Paula:** *Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?*

Professor: Eu acho que sim, pelo menos... eu para mim tenho!

**Paula:** *Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)*

Professor: Eu faço, mas penso que a maior parte dos colegas não fazem!

**Paula:** *Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?*

Professor: Todos os que... desde a entrada na sala, a postura, as atitudes que eles tem, tudo! A assiduidade, a pontualidade, isto tudo faz parte!

**Paula:** *Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?*

Professor: Sim, sim!

**Paula:** *E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?*

Professor: Ai, também!

**Paula:** *Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.*



## Entrevista – P15

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?

Professor: ...!

**Paula:** *Quando me refiro a autonomia é em relação à tutela, ao Ministério da Educação. A escola tem capacidade para decidir?*

Professor: Eu acho que deve estar dependente da tutela!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia?*

Professor: Pouca!

**Paula:** *Onde pensa que podem ter surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Eu não sei!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Parece-lhe importante para a vida da Escola a existência de um Projecto Educativo?*

Professor: Acho que sim!

**Paula:** *Tem alguma ideia de para que serve um Projecto Educativo?*

Professor: (risos) Não! Dar uma orientação tendo em conta a comunidade...!

Acho que é importante, acho que sim, agora em que medida é que...

**Paula:** *Parece-lhe que com o Projecto Educativo se pode mudar alguma coisa na escola?*

Professor: Acho que se pode mudar alguma coisa...!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Concordo!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Um pouco! Talvez um pouco!

**Paula:** *Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?*

Professor: Não, a escola não deve decidir tudo.

**Paula:** *A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?*

Professor: Acho que não! Acho que..., não é, isto agora estamos a caminhar para a Europa..., para haver equivalências, não é, para haver mobilidade tem de haver uma lei geral... comum!

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Acho que está bem como está!

### **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: O currículo é... é os conteúdos que temos de leccionar.

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: Todos esses... acho que sim. A base deve ser Nacional, depois nas áreas de projecto e assim noutras disciplinas adaptar um pouco!

**Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?**

Professor: Poucas, poucas ou nenhuma! Estas áreas curriculares não disciplinares acho que não vieram acrescentar nada!

**Paula: Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?**

Professor: Concordo.

**Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?**

Professor: Eu penso que isso poderá ser abordado em Área de Projecto, uma vez que agora está implementado. Para além disso, eu acho que é um bocado complicado porque eles já estão muito sobrecarregados com muitas disciplinas!

**Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?**

Professor: Eu ainda não percebi bem isso das competências! Antigamente eram os objectivos, não é? Eu não vejo muita diferença porque eu acho que a maior parte dos professores ainda se refere aos objectivos! Acho que pode ser assim!

**Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?**

Professor: Eu, se calhar, ainda sou um bocadinho antiquada! Mas, por exemplo, agora no sétimo ano a Físico-Química só tem dois tempos e eu acho isso muito mau. Antigamente tinham só no oitavo penso que eram quatro... acho que era mais benéfico! Acho que era melhor mais carga horária..., talvez menos anos e mais carga horária nos anos em que se tem! Ao fim e ao cabo eles têm muito mais disciplinas e eu penso que ficam a saber pouco de cada disciplina e, no fim do ano, eu acho que vão na mesma saber pouco!

**Paula: Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?**

Professor: O conselho pedagógico!

**Paula: Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?**

Professor: (risos) É difícil! Eu não sei até que ponto..., não é, temos que ter certos limites, mas acho que pode ser importante!

**Paula: Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?**

Professor: Se tivermos em conta os gostos deles e os interesses, mas acho que não podemos ir por aí, não podemos só atender aos gostos e aos interesses, não é, acho que há

coisas básicas que eles têm que aprender! Eles também têm que se motivar a eles próprios e acho que é muito isso que falta, acho que os pais têm que participar na motivação, acho que eles têm que crescer e acho que isso não acontece, fazemos muitos projectos, muitas coisas e... não chega só o esforço da parte dos professores!

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Acho que sim, sim!

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)*

Professor: Acho que pode em todos esses!

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Alguma, alguma...!

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Os grupos e os departamentos!

### **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Nós quase nunca... (risos)! Este ano não senti, mas acho que pode ser importante!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores e nas práticas curriculares? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?)*

Professor: Não, ainda não!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Talvez! Em algumas circunstâncias!

**Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?**

Professor: Fizemos alterações na ordem dos conteúdos... Quando eu cheguei cá já estava feito, mas eu acho que foi feito a nível de grupo!

**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

**Professor: Não sei!**

Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?

Professor: Não, fundamentais não! São orientações!

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Não!

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: Acho que há uma maior coordenação!

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: Eu também na minha disciplina não sei bem que flexibilidade podia haver!

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que pode trazer vantagens para a escola?**

Professor: Algumas! Eu não conheço muito bem...!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: Acho que é importante ter a participação da comunidade!

**Paula: Considera importante a construção de um Projecto Curricular de Turma?**

Professor: Nem por isso (risos)! As dificuldades, na minha opinião, é tudo falta de interesse pela escola! Vão ali para os computadores para jogar (risos) e sentam-se ali, muitas vezes, para ver o jornal, a Bola, não é para ler livros!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Os professores da turma e os pais!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Acho que devem ter em conta!

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Acho que sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Todas. A anual é a de grupo e as outras são minhas.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: É um plano escrito, mas que não contempla objectivos.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: É importante! Utilizo na planificação e, depois, durante as aulas. Portanto, o meu manual tem muitos exercícios e quase nunca faço fichas de trabalho porque não é necessário, tem muita variedade de exercícios!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Tem. Faço um teste diagnóstico.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Sim!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Muitas vezes é preciso ensinar outras coisas para eles aprender... é preciso lembrar muitas coisas e fazemos isso! É isso que eu penso nesta liberdade..., muitas vezes é preciso recordar matérias anteriores que já esqueceram e que podem até não ter dado e fazemos isso vendo as questões que eles fazem, as dificuldades que estão a ter!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim. Acho que não faço muito isso, mas consoante as disciplinas, acho que há umas que conseguem mais facilmente!

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: A diagnostica, a sumativa, a formativa sem registo! Observação directa, a gente vai-se apercebendo quem está a fazer os exercícios e quem não está, quem está a fazer certo e quem não está!

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Tem autonomia!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: Acho que com tantos alunos é um bocado complicado!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: ...!

**Paula: As atitudes, os valores, as capacidades, têm algum peso na avaliação dos alunos?**

Professor: Tem algum! (risos)

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: Faço uma auto-avaliação com eles! Eu acho que eles à partida já sabem como é que é feita habitualmente a avaliação! Por exemplo, nessa avaliação eles não são verdadeiros, muitos deles, especialmente os que têm negativa, estão sempre “que nota mereço ter?” querem sempre um três menos (risos), não é! Acho que, actualmente, é mesmo... estamos num tempo em que

eles estão sempre... são teimosos, estão sempre a pedir, embora conscientemente sabem que não merecem ter isso, mas estão sempre a tentar a ver se conseguem!

***Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?***

Professor: Acho que é importante para conhecimento dos alunos, saber as dificuldades, podem ter problemas que só discutindo com o director de turma é que temos conhecimento!

***Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?***

Professor: Sim! Acho que é importante!

***Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.***



## Entrevista – P16

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?

Professor: Não tenho uma ideia...!

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: É mais importante ir ao nível da gestão mesmo com os colegas porque acho que é aí que falta! Esse novo modelo..., porque isto não é seguido à regra, não é, à risca e acho que aí é que nós devemos investir um bocadinho mais! Na gestão, mas ligada à profissão docente, deviam intervir mais, muito mais!

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola?*

Professor: Acho que sim! Parece-me muito importante! Que se trabalhe, mas que se trabalhe em conjunto para esse projecto educativo!

**Paula:** *Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola?*

Professor: Sobretudo para os alunos, não é, mas desde que trabalhemos todos em conjunto! Porque eu continuo a achar, eu acho isto porque também sinto isso, é que na falta de informação e fala-se de determinadas coisas, conceitos, que sabemos que são importantes, só que acho que ainda há falta de informação!

**Paula:** *Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?*

Professor: Sem dúvida!

**Paula:** *Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?*

Professor: Acho que sim! Completamente, desde que... isso é que é mais complicado. Ele pode existir, mas nem toda a gente o segue pelo menos como devia, não se cumpre determinadas coisas!

**Paula:** *Mesmo seguindo as orientações do M.E. e estando sujeito à aprovação da DREN? E se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?*

Professor: Eu acho que é mais importante haver uma parte comum a todas as escolas!

**Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?**

Professor: Isso depois seria complicado! Se calhar poderia, se calhar já o faz! É uma pergunta complicada! Se houvesse bom senso, se calhar poderia!

**Paula: Parece-lhe que, desse modo, poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?**

Professor: Pois era isso que eu estava a pensar, se calhar era isso que acontecia! É preciso bom senso para gerir isso..., mas é complexo!

**Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?**

Professor: Muito maior mesmo. Na sala de aula principalmente porque estamos muito condicionados. Estamos agora nas avaliações e o que vemos? É que miúdos que não adquirem as competências, não adquirem os conteúdos e acabam sempre por passar porque o existe obriga-nos, conduz-nos a... E dentro da sala de aula também. É difícil lidar com eles em determinadas situações! Se tivéssemos mais autonomia se calhar é mais fácil! Se calhar também faltam serviços aqui na escola! Em termos de disciplina, principalmente, porque antes de tomarmos uma decisão temos que pensar várias vezes! Porque não podemos por lá fora porque não tem onde estar, temos que ficar com eles lá dentro a perturbar... é um bocadinho complicado!

### **Organização e Gestão Curricular**

**Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?**

Professor: Os conteúdos programáticos, neste caso também as competências, a carga horária, são várias coisas!

**Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)**

Professor: Se calhar a componente Nacional e a Regional! Local seria demasiado! Nacional para haver uma componente comum, Regional porque deveriam haver adaptações!

***Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Eu não sou apologista desta nova reorganização! A maior desvantagem que eu encontro, no meu caso concreto, passa a ser um maior número de alunos por professor para mim é isso a maior desvantagem! Veio tornar o ensino uma coisa muito mecanizada! É assim que eu vejo as coisas! Aquela relação que existia entre professor/aluno vai ter de desaparecer porque passamos a ter onze turmas... nós somos quase como robôs que despejamos a matéria, pomos a trabalhar um bocadinho e depois vem outra turma, depois vem outra, isto é um aspecto muito negativo!

***Paula: Concorde com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?***

Professor: Sim, um mínimo comum deve existir!

***Paula: Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?***

Professor: Se calhar era o ideal porque sabemos que existem alunos que não se enquadram, não se dão muito bem com este tipo de currículo. Seria uma alternativa principalmente em alguns lugares, em algumas localidades! Seria uma forma de chamar os alunos à escola!

***Paula: O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?***

Professor: Se fossem as escolas os resultados iriam variar muito de escola para escola, eu acho! Seriam os rankings, uma espécie de rankings, não é? Aquelas que conseguem atingir, as que não conseguem, não sei se seria muito vantajoso! A nível de escola seria sem dúvida, mas... porque poderia fomentar a competição dentro da escola, não é! Acho que deve ser como está!

***Paula: As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?***

Professor: Eu aí dizia que não, que não porque há disparidade! Há escolas, como no nosso caso, em que a componente será de cerca de seis horas,

noutras são sete, se eles são avaliados no fim por causa disso vai haver disparidades muito grandes e a culpa não é deles porque determinadas escolas optaram por privilegiar outra área qualquer!

**Paula:** *Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: Os departamentos! Penso que deviam ouvir um bocadinho mais os departamentos!

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Sim, acho que sim.

**Paula:** *Na sua opinião esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: À partida deveria, mas eu até agora não vi grandes vantagens!

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? Os professores devem ter uma participação activa na gestão do currículo?*

Professor: Já o faz! Eu penso que sim!

**Paula:** *A que nível devem fazê-lo? (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)*

Professor: Em todas essas áreas. Já começa a fazê-lo!

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Deveria, mas não está a acontecer da forma que se esperava, não é! Mas acho que já há professores que começaram a mudar as estratégias no sentido de facilitar as aulas aos alunos!

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: Ai, os mesmos que já referi! Acho que sim!

## **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Com a experiência do ano passado funcionou muito bem, nós articulamos mesmo tudo, fizemos tudo em conjunto. Este ano não, absolutamente, nada, nada! Portanto, isto varia um bocadinho!

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Não, mudou! Eu acho que começa-se a trabalhar ao nível de um grupo maior, o grupo/departamento! Numas escolas melhor, noutras pior, mas o grupo/departamento já começa a trabalhar!

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Sim.

**Paula:** *O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?*

Professor: Sim, ao nível de grupo sempre.

**Paula:** *A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?*

Professor: Sim, contempla.

**Paula:** *As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?*

Professor: Não serão fundamentais, mas dão uma boa ajuda!

**Paula:** *Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?*

Professor: Sim, temas actuais, por exemplo, no caso de estudos de caso...! Mesmo nos manuais vêem estudos de caso do País, o que nós tentamos fazer muitas vezes é pegar nesse estudo e adaptá-lo!

**Paula:** *O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?*

Professor: É muito melhor porque surgem novas ideias, por exemplo, para actividades dentro ou fora da sala de aula!

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: Sim.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Não tenho opinião! É melhor por que não tenho opinião!

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: Eu acho que se calhar era conveniente que houvesse outros intervenientes porque nem sempre nós conhecemos bem a realidade onde está a escola!

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: Eu acho que é muito importante haver, não é, desde que se adapte às necessidades da própria turma!

**Paula: Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Professores, não é, director de turma, pode ser também os encarregados de educação!

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Sim! E é o que se faz, não é?

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Ai, eu acho que sim!

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: A que utilizo mais é por unidades e faço muito semanal!

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Faço sempre mentalmente, mas tenho sempre de passar para o papel determinadas coisas. Se forem actividades mais simples não é necessário, mas... obriga sempre a que passe para o papel!

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Eu dou muita importância ao manual porque é um instrumento que os alunos têm, não é e devem-se servir dele. Já dei mais importância do que a que dou, mas tento partir sempre do manual.

**Paula: Utiliza outros materiais na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Sim. Isso depende do manual adoptado e depois através de outras estratégias... utilizo o Power Point essencialmente!

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Tem, sem dúvida!

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Tem que o fazer, é obrigado a isso!

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Eu acho que deve ter em consideração o programa oficial, não é, mas ter um bocadinho de liberdade para seguir... mas não de todo, sem alterar o programa!

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: É assim, eu agora estou a mudar um bocadinho o meu processo de avaliação! Tento avaliar muito mais o espaço de aula, essencialmente formativa! Acho que é melhor para eles! Faço sumativa, mas começo a dar muito peso à formativa!

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Eu acho que sim! Pelo menos eu sinto isso!

**Paula: Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)**

Professor: É mais complicado! Aula a aula... temos que gerir muito bem tudo, mas eu acho que é possível!

**Paula: Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?**

Professor: Por exemplo, o aspecto da atitude, o empenho, o interesse, a iniciativa, acho que são muito importantes.

**Paula: Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?**

Professor: No início do ano falo sobre quais são os parâmetros mais importantes, como são avaliados!

**Paula: Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didácticas?**

Professor: Muito importante. Há sempre coisas que nos passam ao lado, mesmo casos pontuais ou individuais e com o conselho de turma há sempre mais uma coisa ou outra que nos ajuda!

**Paula: E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?**

Professor: Já fazemos e acho que isso é mesmo muito bom.

**Paula: Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.**



## Entrevista – P17

### Autonomia da Escola

**Paula:** *A autonomia das escolas é um dos aspectos fundamentais de uma nova organização da educação.*

**Na opinião do colega, como se pode manifestar a autonomia da escola?**

Professor: Depende, antes de mais, do entendimento que se faça do próprio conceito de autonomia. Pode ser a capacidade da instituição de construir projectos, opções curriculares; pode ser autonomia financeira com um suporte mais reduzido por parte da administração central; pode ser a gestão dos dinheiros públicos da forma que, pedagogicamente, se constitua como a mais adequada...

**Paula:** *A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular? (práticas escolares curriculares, administração e gestão da escola, sector administrativo)*

Professor: Tem alguma autonomia. Alguma possibilidade de gerir, dentro do currículo nacional, as “oportunidades” temporais para a sua explicitação. Selecciona o ingresso de funcionários, quando lhe dão oportunidade para o fazer; recebe bem os professores que aqui são colocados (não tem competência para seleccionar, mas tem para receber e tratar bem ou menos bem...). Nas opções consideradas fundamentais e estruturais, tem a autonomia que lhe confere o “direito” de aceitar, mesmo que resignada ou constrangida, aquilo que a administração decide...

**Paula:** *Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Justifique.*

Professor: Penso que cada escola deve definir, claramente, uma ideia, uma qualquer ideia estruturante, mobilizadora do trabalho de todos os seus agentes e, designadamente, de alunos e professores. Penso que essa orientação deverá exprimir, de algum modo, o sentir da escola, das suas necessidades e carências, bem como a vontade de os ultrapassar. Penso, por outro lado, que não faz sentido impor carências para justificar a existência de um qualquer Projecto Educativo, assente numa suposta “área problemática” que o justifique. Penso que o importante seria haver um claro projecto educativo nacional, algo

que parece não existir. Transfere-se, em consequência, a responsabilidade criativa, o projecto, para as escolas. Qualquer escola tem metas, objectivos, mesmo que implícitos e tentará alcançá-los. E tal parece ser mais importante que os aspectos formais, por vezes, artificiais e até mesmo artificiosos, e que não conduzem a mudanças sustentadas, significativas, porque não assumidas e devidamente partilhadas.

***Paula: Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?***

Professor: Concordo com a existência de um Regulamento Interno da Escola.

***Paula: Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola?***

Professor: Este ajuda a escola a organizar-se, de forma a ter presente, sempre que necessário, as normas pelas quais ela própria se rege, bem como os direitos e deveres de quem frequenta o espaço escolar. Por outro lado, julgo que o mesmo, por efeito perverso, eventualmente bem pensado, se constitui como um excelente meio através do qual, a administração, em nome da autonomia, controla as opções da escola, por um lado, e consegue impor as normas legais, na sua própria interpretação, por outro. E, tudo isto, em nome da autonomia...

***Paula: A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas? Parece-lhe que, desse modo, poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?***

Professor: Esta é uma questão complexa. E se é verdade que, ocasionalmente (compreende-se, por exemplo, que em Miranda do Douro a escola não passe à margem do mirandês; mas, dificilmente se compreenderia que os alunos de Miranda fossem tratados como se mais nada houvesse, lembrando a história de el-rei Tadinho...), possam existir vantagens em alguma capacidade de decisão quanto aos programas das disciplinas, designadamente na introdução de componentes regionais ou locais, não parece ser menos verdade a vantagem que poderá existir com a existência de currículos definidos a nível central. É certo que tudo isto poderá não ser mais que uma questão de moda, um valor relativo. Parece politicamente incorrecto, defender a centralização, porque a moda é descentralizar (mesmo que na prática, tal mais não signifique que desconcentrar), não se ser, militante, defensor de processos de

autonomização ou de flexibilização. No entanto, não se percebe muito bem, porque é que numa “aldeia”, cada vez considerada mais global, num mundo cada vez mais “pequeno”, mas mais individualista e competitivo, a garantia da aplicação de um mesmo currículo, num país com uma população equivalente à de uma grande metrópole possa constituir-se, à partida, descabida de algum sentido...

***Paula: Na sua opinião, os professores necessitam de uma margem maior de autonomia?***

Professor: Os professores necessitam que, quem de direito, lhes diga, claramente, o que pretende deles, o que deseja com o seu trabalho. Precisam de estabilidade no seu trabalho, precisam de poder acreditar que as metodologias, as estratégias educativas, são algo de merecedor de alguma confiança, alguma certeza, resultante de investigação aprofundada e séria, porque experimentada e devidamente comprovada. E receiam que o mundo das ciências humanas, designadamente o das pedagogias (o termo “pedagogias” e não “pedagogia” é intencional...) possa reflectir a efervescência de múltiplos e contraditórios interesses investigativos. Os professores não gostam de ser cobaias de experiências ditas pedagógicas e sabem que, em investigação orientada, cada um descobre ou comprova aquilo (quase) que à partida, se propôs comprovar...

### **Organização e Gestão Curricular**

***Paula: Como sabe o conceito currículo abrange diversas perspectivas e é alvo de muitos significados. Enquanto professora, pode dizer-me o que entende por currículo?***

Professor: Enquanto professor entendo que currículo é tudo o que a escola faz em benefício dos seus alunos, por forma a que estes se tornem indivíduos mais conhecedores e melhor cidadãos.

***Paula: A que nível julga dever ser concebido o currículo? (Nacional, Regional, Local)***

Professor: A nível nacional.

***Paula: Que vantagens, lhe parece, que trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?***

Professor: Nenhuma, na minha opinião.

**Paula:** *Concorda com a definição de um currículo mínimo comum (conjunto de disciplinas/áreas curriculares comuns) para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?*

Professor: Concordo em absoluto. Mais, julgo indispensável.

**Paula:** *Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?*

Professor: Não.

**Paula:** *O conjunto de aprendizagens e competências básicas (conhecimentos, capacidades, atitudes, valores) a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?*

Professor: Sem dúvida.

**Paula:** *As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?*

Professor: Alguma autonomia, mas regulamentada a nível central.

**Paula:** *Em termos curriculares (projecto curricular, gestão curricular, definição de competências), que estruturas da escola devem ter maiores competências?*

Professor: As que existem no momento.

**Paula:** *Considera que a gestão curricular flexível (ao nível da articulação e contextualização dos saberes) é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?*

Professor: Repito: os professores, em minha opinião, não querem, não precisam, nem reivindicam mais autonomia curricular. De tanto se falar até parece que alguém quer impor... São os teóricos quem, na defesa das suas teses e das suas investigações, fazem tal defesa. Naturalmente para, via legislação regulamentadora, imporem essas mesmas teses. Incluídas nestas, as da autonomia curricular.

**Paula:** *Na sua opinião esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?*

Professor: Se traz vantagens, que estas sejam mostradas, publicamente, através dos seus resultados. Após a análise desses resultados, estruturarei a minha própria opinião.

**Paula:** *Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? A que nível devem fazê-lo (programas, actividades educativas, avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos)?*

Professor: Os professores sempre foram gestores de tudo isto e desde há muito o fazem a todos estes níveis.

**Paula:** *Esta nova gestão curricular flexível leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?*

Professor: Desconheço...

**Paula:** *Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?*

Professor: As que estão criadas em sede própria e que constam de lei. Só que a questão, a verdadeira questão, não é uma questão de lei, mas de formação. Se se quer as pessoas a trabalhar de uma certa maneira, há que as preparar para esse trabalho. A propósito, é isso que fazem os centros de informação e formação, nomeadamente os centros de formação por excelência, ou seja, as universidades?

### **Práticas Curriculares**

**Paula:** *Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?*

Professor: Surgiram mudanças, na medida em que toda a coordenação curricular se tornou mais difícil...

**Paula:** *Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? (Há mais troca de experiências? Reflectem mais em conjunto?) E nas práticas curriculares?*

Professor: Os professores são os mesmos. À partida não se percebe porque é que mudando o nome a uma estrutura as práticas e as atitudes deveriam mudar... (mais um equívoco).

**Paula:** *Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?*

Professor: Se a escola optar por essa direcção e de acordo com o permitido, sim.

**Paula: O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?**

Professor: Faz. Em grupo, sob orientação do Coordenador da disciplina.

**Paula: A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?**

Professor: Contempla.

**Paula: As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo Grupo Disciplinar?**

Professor: Com certeza que sim.

**Paula: Costumam introduzir conteúdos que não vêm nos programas?**

Professor: Por vezes, se se justificar e, designadamente, se estes conteúdos contribuírem para a aquisição daqueles que vêm nos programas.

**Paula: O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de grupo?**

Professor: É o facto de se trocarem ideias e saber-se que embora os ritmos e formas de abordagem padeçam de alguma subjectividade, todos trabalham numa orientação comum, em inter subjectividade.

**Paula: Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?**

Professor: São flexíveis, no sentido em que permitem uma abordagem que, em termos de tempo para o seu tratamento, pode divergir de turma para turma.

**Paula: Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?**

Professor: Se é necessário não me apercebi ainda. Logo, quanto a vantagens...

**Paula: O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores ou deve ter outros agentes a intervir?**

Professor: A sua elaboração? Se contempla o currículo e se se considerar que nele trabalham, essencialmente, alunos e professores, porque não? Já quanto à sua aprovação... isso depende da Assembleia de Escola.

**Paula: Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma?**

Professor: A importância que o Projecto Curricular de Turma merecer. Merecerá muita?

**Paula: Especifique um pouco melhor, referindo, também, quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação? (diagnóstico, participação na previsão de actividades e experiências educativas a realizar com os alunos)**

Professor: Os professores da turma. Será que o aluno e o encarregado de educação, representante, na prática, de si próprio, têm um papel tão determinante? Ou será que podem, de algum modo, constituir-se, mesmo que só com a sua presença, como impedimentos? Será que estão preparados para este tipo de trabalho? Ou será que este tipo de trabalho pode ser desenvolvido por qualquer pessoa? O estatuto de pai conferirá competências para desenvolver projectos curriculares de turma? Será democracia? Será demagogia?

**Paula: O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?**

Professor: Pelo menos não se lhes deverá opor...

**Paula: Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?**

Professor: Obviamente que sim.

**Paula: Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?**

Professor: Qualquer uma destas é essencial e complementam-se. Logo, utilizadas de um modo geral.

**Paula: Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?**

Professor: Geralmente escrito.

**Paula: Enquanto instrumento pedagógico/didáctico, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Para a planificação tem alguma importância, uma vez que se sabe ser quase a única referência para os alunos. Naturalmente que o professor tem outras referências. Para a realização do processo de ensino/aprendizagem é

essencial, pois é o instrumento constantemente utilizado pelos alunos, que, deste modo, justificam a sua aquisição.

**Paula: Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?**

Professor: Textos, fichas de trabalho, acetatos. Quem os elabora? Ou são materiais do Departamento, elaborados no passado ou pelo Coordenador actual, ou materiais elaborados por mim ou, então, seleccionados de outros materiais, livros variados.

**Paula: A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?**

Professor: Certamente.

**Paula: Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?**

Professor: Com certeza. Não vale a pena fazer o contrário.

**Paula: A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?**

Professor: Deve, na minha opinião, fazer integrar orientações próprias, sempre que complementam ou não contrariam as orientações do Ministério da Educação.

**Paula: A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?**

Professor: Sim.

**Paula: Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos (tipos de avaliação) que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?**

Professor: Avaliação formativa reguladora e auto-reguladora e avaliação sumativa.

**Paula: Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?**

Professor: Considero que, em nome de um maior rigor e objectividade, tudo o que promover dispersões de natureza subjectiva, deveria ser reduzido ao máximo.



**Paula:** *Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa? (carácter contínuo e sistemático, mais individualizado, visa a regulação do ensino e da aprendizagem, utiliza uma maior variedade de instrumentos de recolha de informação)*

Professor: Vão criando algumas condições.

**Paula:** *Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?*

Professor: O que a própria legislação determina.

**Paula:** *Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?*

Professor: Sim, através da auto-avaliação formativa.

**Paula:** *Por último, considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?*

Professor: Absolutamente, essencial.

**Paula:** *E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão (transversalidade de conhecimento), ao nível de departamento curricular?*

Professor: Também.

**Paula:** *Muito obrigada pelo tempo que me dispensou e, sobretudo, por partilhar as suas opiniões.*

## **Anexo 5**

---

Categorização da informação através da análise de conteúdo

**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Conceito de Autonomia****Subcategoria: Representações dos professores**

	Unidades de registo
	<i>Como se pode manifestar a autonomia da escola?</i>
P1	“Não sei... Não tenho uma opinião bem formada”
P2	“Eu acho que, sobretudo, devia ter capacidade de se adaptar às necessidades da própria escola, dos alunos, dos interesses deles, respeitando sempre o currículo nacional.”
P3	“Sei lá! Não faço ideia!”
P4	“Escola autónoma seria aquela que pudesse sugerir, o seu percurso, o seu futuro ou pudesse fazer adaptações relativamente aos alunos e aos currículos!”
P5	“A autonomia da escola pode manifestar-se através do Projecto Educativo de Escola e do Projecto Curricular de Escola que devem ser elaborados de acordo com a zona em que a escola está inserida, ...”
P6	“Na organização do currículo, do projecto educativo, na organização dos próprios tempos lectivos, tudo o que é decidido pela escola.”
P7	“...quem tem aqui a palavra em autonomia é a direcção da escola. Para mim está bem assim, agora sei que se fala nos gestores e no novo modelo de gestão da escola que aí eu acho que poderá trazer desvantagens para a escola no geral e para os professores, o corpo docente. Agora, neste momento, em termos de autonomia não tenho qualquer opinião.”

P8	“...a ideia que eu tenho de autonomia da escola, é que a escola pode estabelecer, exactamente, projectos diferentes das outras escolas em função das características que a região tem.”
P10	“ [ <i>manifesta-se</i> ] No Projecto Educativo”
P11	“...eu dou aulas há pouco tempo!”
P12	“...Penso que a nível de conhecimento da escola, do funcionamento da escola, nesse aspecto penso que tem autonomia. Agora ao nível das decisões estão sempre à espera que venha alguma coisa do Ministério para avançar com alguma coisa, pelo menos foi o que nos tem acontecido aqui!”
P13	“A ideia que eu tenho de autonomia da escola, é que a escola pode estabelecer projectos diferentes das outras escolas em função das suas características!”
P14	“...depende da percepção que se tem de autonomia, mas é evidente que o Ministério deu-nos autonomia, mas esta autonomia se não for bem gerida, não é, temos sempre bloqueios na escola [...] sentimo-nos bastante autónomos em termos do serviço docente, eu estou a falar da parte que me toca a mim como profissional nesta escola, não é, agora da parte administrativa já não serei eu, mas sim mais o conselho executivo que pode informar sobre esse assunto.”
P15	“Eu acho que [ <i>a escola</i> ] deve estar dependente da tutela”
P16	“Não tenho uma ideia...!”
P17	“Depende, antes de mais, do entendimento que se faça do próprio conceito de autonomia. Pode ser a capacidade da instituição de construir projectos, opções curriculares; pode ser autonomia financeira com um suporte mais reduzido por parte da administração central; pode ser a gestão dos dinheiros públicos da forma que, pedagogicamente, se constitua como a mais adequada...”

**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Conceito de Autonomia****Subcategoria: Instrumentos de Autonomia**

	Unidades de registo			
	<i>Concorda com a necessidade de se construir um Projecto Educativo na escola? Porquê?</i>	<i>Reconhece que há vantagens para os alunos, que o Projecto Educativo trouxe benefícios para a escola? Quais?</i>	<i>Concorda com a existência de um Regulamento Interno na escola?</i>	<i>Na sua opinião, este ajuda a construir a autonomia da escola? E se este não seguisse as orientações do M.E., nem estivesse sujeito à aprovação da DREN, se fosse decidido apenas em função dos interesses da escola?</i>
P1	“Sim. Porque tem em consideração as necessidades dos alunos.”	“Sim, principalmente para os alunos.”	“Sim. Define regras próprias, porque penso que a escola tem a sua identidade, a sua identidade própria.”	“Penso que haveria um maior reajuste à realidade que a escola tem.”
P2	“Em teoria concordo, mas acho um bocadinho difícil por em prática ou então eu ainda não sei	“Acho que é ainda muito cedo [...] ou ainda não se foi ao encontro daquilo que é	“Concordo, [...]. Acho que há uma uniformização. [...] Fundamental para os miúdos	“Eu acho que é necessário virem orientações. Se andarmos 10 km para a frente, estando numa

	<p>exactamente o que é que se pretende ou o que é o Projecto Educativo!"; "Para essa autonomia que é pretendida ser muito mais concreta e não ser só no papel é preciso tomar mais decisões em aspectos mais concretos e não só naqueles burocráticos."</p>	<p>pretendido..."; "O Projecto Educativo era importante para poder adequar às necessidades e às motivações dos alunos, da escola e do meio onde eles estão inseridos. Deveria ser o principal objectivo a atingir!"</p>	<p>perceberem realmente que há regras a cumprir, há direitos, há deveres, que é assim que eles também têm que fazer lá fora."</p>	<p>escola ou estando noutra, poderemos ter coisas completamente diferentes. Eu acho que não, deve haver um tronco comum a nível nacional e depois são pequenos ajustamentos associados às condições físicas da escola, à personalidade das pessoas que estão à frente da escola, ao tipo de alunos que frequentam a escola, é assim que devem ser feitas as flutuações."</p>
P3	<p>"...eu acho que sim. Se é um projecto é um documento e o documento tem sempre utilidade. É lá que tem regras, leis, acho ... é sempre importante!"</p>	<p>"Claro..."</p>	<p>"...sim, tem que haver um regulamento!"</p>	
P4	<p>"...É importante, são bases que têm de ser seguidas, nas quais temos que nos apoiar ..."</p>	<p>"Para a escola em si trouxe, para nós professores também. Os alunos muitas vezes esquecem-se que há um Projecto Educativo nas escolas e que têm direitos e</p>	<p>"Ajuda em determinadas decisões, noutras é relativo!"</p>	<p>"Se calhar sim, porque nós estamos um pouco limitados relativamente a isso. Daí que nós apelamos muitas vezes à autonomia das escolas, mas é-</p>

		deveres, e que têm de cumprir determinadas normas.”; “Eu não notei, assim, uma alteração muito grande a não ser ter ficado uma base legal no papel, [...] para resolver determinados problemas que possam surgir na escola.”		nos barrada essa autonomia com as ordens que vêm precisamente da DREN ou de órgãos superiores!”
P5	“Acho que sim, porque ao ficar no papel a caracterização da escola e do meio envolvente, bem como o Regulamento Interno, facilita o funcionamento global da mesma e ainda a aferição de critérios adaptados à realidade. Numa escola tudo deve funcionar a partir do Projecto Educativo.”	“...um Projecto Educativo, se for bem elaborado, retrata de modo fiel a escola e o meio socio-económico em questão. Sendo assim, todos saem a ganhar principalmente os alunos. O Projecto Educativo é o B.I. de uma escola.”; “Qualquer instituição, seja ela qual for, funciona com muito mais eficiência se tiver algo concreto, uma directriz pela qual se deixe guiar.”	“Concordo. Acho mesmo que é imprescindível!”	“...acho que ajuda. O Regulamento Interno, inserido no Projecto Educativo, pode ser definido de acordo com a escola em questão.”; “Há padrões que devem ser respeitados e cumpridos de Norte a Sul do país. Sim à autonomia, mas tendo sempre em conta o tal tronco comum. Um regulamento é um conjunto de regras dirigido a alguém. Parece-me que essas regras não devem ser muito diferentes de escola para escola a noção de o que está certo e o

				que está errado não pode mudar muito de escola para escola!”
P6	<p>“Sim, porque cada escola tem uma realidade social que tem que se ter em conta, depois, em termos de práticas de ensinar e de aprender. Eu como já passei por outras escolas e há coisas que se podem fazer em escolas que estão num determinado meio que fazem muito sentido para aqueles alunos, mas que não fazem sentido ou não há necessidade de as realizar noutras escolas, noutros meios, em que os alunos são diferentes!”</p>	<p>“...vantagens para os alunos, porque eu considero que ele é feito tendo em conta o tipo de alunos que temos!”</p>	<p>“Concordo.”</p>	<p>“Eu acho que o Regulamento Interno ajuda numa série de coisas. A escola como instituição tem que ter um mínimo de normas e estas normas não são só normas de bom comportamento para os meninos, são normas de funcionamento que seja uma referência para caminharmos todos mais ou menos no mesmo sentido. Portanto, seria isso mesmo uma referência para todas as pessoas, principalmente os professores, terem mais ou menos o mesmo tipo de objectivo, não é bem objectivos que eu quero dizer, de actuação em relação aos miúdos, os miúdos saberem com o que podem contar, não andarmos um</p>



				<p>bocado às escuras!"; "...poderia haver uma maior autonomia da escola, mas por outro lado se o corpo docente é obrigado a andar de escola para escola, a mudar de escola para escola, se se verificar uma diferença muito grande de escola para escola torna-se ainda mais difícil para cada professor integrar-se numa escola e começar a desenvolver um trabalho. Também tem que haver uma base, acho eu, comum a todas as escolas..."</p>
P7	<p>"Acho [...] Porque ao construir um Projecto Educativo está a contemplar uma série de coisas que são fundamentais para que a escola funcione melhor."</p>	<p>"Traz, nem que seja para os alunos estarem cientes que existem regras, que sabem que estão ali para serem cumpridas..."</p>	<p>"Concordo."</p>	<p>"Ajuda."; "Acho que seria mais complicado porque é difícil, [...] de agradar a tudo e a todos. [...] ter linhas orientadoras para elaborar o Regulamento Interno ajuda e é preferível que essas linhas venham do Ministério e termos sempre, como eu disse à</p>

				bocado, aquele espaço de manobra e podermos adaptar consoante as condições espaciais, do pessoal da escola e de alunos.”
P8	“Concordo com a necessidade, pode ser a base estruturada para uma maior autonomia.”	“Acho que sim, em termos de sistematização de ideias, de matrizes, de organização e funcionamento da escola.”; “Não acho que tenha mudado ( <i>alguma coisa na escola</i> ), pela simples razão de que já existia antes de ter sido criado. O rumo em que estávamos a trabalhar manteve-se, o Projecto Educativo apenas o sistematizou melhor.”	“Concordo, embora às vezes peque um pouco por ser demasiado exaustivo!”	“...É um dos instrumentos da autonomia da escola.”; “Talvez não fosse muito diferente, mas sei que alguns aspectos não foram aprovados.”
P9	“Eu concordo...”	“Eu acho que é necessário, até para termos algumas coordenadas...”; “... mudou! [...] andei em várias escolas e também de escola para escola varia muito [...] Sobretudo em termos de actividades, em trabalho, no	“Claro, tem que haver regras!”	“Sim, [...] em relação à autonomia sim, ...”; “... Eu acredito que sim, que seria maior se a própria escola fizesse esse regulamento, tudo! [...] mas seria um bocado complicado, porque um aluno que saísse de uma

		fundo, fora da aula, por exemplo, há muito trabalho sempre que... e acho também que vem tudo do projecto da escola!”		escola e entrasse noutra escola e depois noutra escola, [...] tinham sempre regulamentos diferentes e no fundo a educação... haveria alguma desorientação, não é! Portanto, eu acho que tem que haver regras chave da DREN, neste caso e depois a escola também faz umas certas adaptações!”
P10			“...nós somos uma comunidade, estamos todos a trabalhar, tem que se saber mais ou menos o rumo que se leva para tentar resolver ou atingir uns determinados objectivos! Eu acho que é preciso regras quer para os subordinados, quer para os chefes, num sítio onde não há regras ninguém sabe aquilo que faz, tudo é permitido ou tudo é penalizado. Acho que as pessoas têm que saber mesmo as	“Privilegiava, claro, mas acho que isso... onde é que isso nos vai conduzir?...”

			regras que existem. Agora também sei que normalmente o Regulamento Interno não é bem conhecido ou sendo conhecido não é bem levado à prática!	
P11	“Sim, é importante...”	“...vantagens para os alunos e para a escola.”	“Concordo!”	“Sim.”
P12	“Acho que sim. Cada uma das escolas deve ter consoante as suas especificidades. [...] tem muito a ver com o ambiente que nela se encontra, com o ambiente social, tem a ver um pouco com tudo e acho que cada escola deve ter o seu próprio Projecto Educativo. Serve para melhorar todas as condições ou tentar melhorar aquilo que tem a ver com a prática lectiva e sobretudo com o ensino/aprendizagem dos alunos.”	“...nesta escola não posso dizer porque só estou aqui este ano, [...] mas penso que de um modo geral, com a experiência que tenho das outras escolas, acho que sim. Pelo menos têm surgido assim..., actividades e acho que o resultado é bom!”	“Concordo!”	“Ajuda!”; “...promovia maior autonomia...”; “Acho que devemos sempre seguir as normas, no entanto a escola deve ter a possibilidade de, não digo contornar, mas adaptar ao seu meio e ao tipo de alunos, ao tipo de professores, ao tipo de ambiente da escola, porque as escolas não são iguais!”
P13	“Concordo. Porque acho que é	“Se ele fosse aplicado como é	“Sim, concordo!”	“...o Regulamento Interno ajuda

	<p>um fio condutor, [...] porque somos muitos e depois há professores com ideias diferentes, umas melhores outras piores, umas mais ambiciosas outras menos e o Projecto Educativo faz com que trabalhemos todos com o mesmo sentido, o mesmo objectivo...”; “...numa escola que não há Projecto Educativo, cada um trabalha muito para si, se calhar em áreas muito diferentes... Agora, se houver uma linha no Projecto Educativo [...] a escola trabalha toda [...] no mesmo sentido!”</p>	<p>previsto sim. [...] Definiu-se aquela linha tendo em conta os alunos [...] e desde que seja respeitado, eles são sempre os mais beneficiados...”</p>		<p>a definir as regras da escola, a definir o que é que tem de ser feito e como. Agora se isso propriamente dito beneficia a autonomia da escola?”</p>
P14	<p>“...Eu concordo que é importante, [...] nós devíamos ter conhecimento de que existe um projecto educativo porque ainda temos, infelizmente, muitos profissionais que não sabem o</p>	<p>“...veio mudar em termos de organização, [...] temos o caso do Projecto Educativo que é um documento e temos alguma coisa que nós queremos saber, está ali, não precisamos de ir</p>	<p>“Concordo! Porque este Regulamento Interno é que nos vai direccionar, ou seja, nós todos trabalhamos da mesma forma porque, por exemplo, eu sou bastante rigorosa na entrada</p>	<p>“De certa forma sim, porque [...] estamos todos a trabalhar em sintonia numa coisa que é decisão da escola.”; “...se calhar haver uma orientação para que isso seja comum em todas as</p>

	que é um Projecto Educativo, nem sabem que ele existe na escola...”	procurar a uma lei nem a uma portaria!”	da sala, na postura dos alunos dentro da sala de aula, não mastigar <i>chicletes</i> , os bonés, essas coisas todas, isto está no Regulamento Interno e isto é uma das fórmulas que fazemos depois sempre! Portanto, ele é importante para o bom funcionamento.”	escolas, portanto, haver coisas comuns em todas as escolas porque, ao fim e ao cabo, é isso mesmo, não é! [...] há pontos comuns em todas, que eu já verifiquei e depois há aqueles pontos específicos de cada escola, que é normal. E, portanto, eu acho que isso dá uma certa... quem é aluno e conversa com alunos doutra escola sente que afinal a sua escola não é diferente das outras, tem algumas coisas diferentes porque também os alunos são diferentes, mas em termos daquelas normas principais é comum a todas. Portanto eu acho que isso é importante, haver uma orientação.”
P15	“Acho que sim”	“Dar uma orientação tendo em conta a comunidade...”	“Concordo!”	“Não, a escola não deve decidir tudo”

P16	<p>“Acho que sim! Parece-me muito importante! Que se trabalhe, mas que se trabalhe em conjunto para esse Projecto Educativo!”</p>	<p>“Sobretudo para os alunos, não é, mas desde que trabalhemos todos em conjunto...”</p>	<p>“Sem dúvida!”</p>	<p>“Acho que sim! [...] Ele pode existir, mas nem toda a gente o segue pelo menos como devia, não se cumpre determinadas coisas!”; “Eu acho que é mais importante haver uma parte comum a todas as escolas!”</p>
P17	<p>“Penso que cada escola deve definir, claramente, uma ideia, uma qualquer ideia estruturante, mobilizadora do trabalho de todos os seus agentes e, designadamente, de alunos e professores. Penso que essa orientação deverá exprimir, de algum modo, o sentir da escola, das suas necessidades e carências, bem como a vontade de os ultrapassar. Penso, por outro lado, que não faz sentido impor carências para justificar a existência de um qualquer Projecto Educativo, assente</p>		<p>“Concordo com a existência de um Regulamento Interno da Escola”</p>	<p>“Este ajuda a escola a organizar-se, de forma a ter presente, sempre que necessário, as normas pelas quais ela própria se rege, bem como os direitos e deveres de quem frequenta o espaço escolar. Por outro lado, julgo que o mesmo, por efeito perverso, eventualmente bem pensado, se constitui como um excelente meio através do qual, a administração, em nome da autonomia, controla as opções da escola, por um lado, e consegue impor as normas legais, na sua própria inter-</p>

	<p>numa suposta “área problemática” que o justifique. Penso que o importante seria haver um claro projecto educativo nacional, algo que parece não existir. Transfere-se, em consequência, a responsabilidade criativa, o projecto, para as escolas. Qualquer escola tem metas, objectivos, mesmo que implícitos e tentará alcançá-los. E tal parece ser mais importante que os aspectos formais, por vezes, artificiais e até mesmo artificiosos, e que não conduzem a mudanças sustentadas, significativas, porque não assumidas e devidamente partilhadas.”</p>		<p>pretação, por outro. E, tudo isto, em nome da autonomia...”</p>
--	--	--	--



**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Autonomia Curricular****Subcategoria: Conceito de Currículo**

	Unidades de registo			
	<i>Enquanto professor, pode dizer-me o que entende por currículo?</i>	<i>A que nível julga dever ser concebido o currículo?</i>	<i>Concorda com a definição de um currículo mínimo comum para todos os alunos do Ensino Básico, pelo Ministério da Educação?</i>	<i>O conjunto de aprendizagens e competências básicas a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico devem ser definidas pelo Ministério da Educação?</i>
P1	“Eu não estou muito preocupado com o currículo em termos se estou a dar o currículo ou não. [...] O aluno é que vai dando as informações relativamente à sua produção.”		“Sim. Acho que é mais fiel a nível nacional, como está. Depois a própria escola é que faz a alteração consoante a actividade escolar.”	“... As competências mais específicas devem estar no projecto educativo da escola, agora as gerais penso que devem ser definidas ao nível do Ministério da Educação!”
P2	“O currículo da escola é tudo o que é dado aos alunos formalmente, todas as aprendizagens.	“Eu acho que o currículo da escola devia partir de um currículo nacional em que devia,	“Sim,...”	“Sim, elas devem ser definidas pelo Ministério da Educação. Agora, se me perguntar se

	Tudo o que eles aprendem no recreio não faz parte do currículo. Do currículo faz parte todas as aprendizagens que ele faz dentro das áreas disciplinares ou não disciplinares, orientadas pelo professor, dentro da sala de aula. O resto é aprendizagem, mas não faz parte do currículo!"	se calhar, depois regional e depois dentro da localidade. Deveria haver o tal tronco comum, eu acho importante, a nível nacional, depois haveria, eventualmente, a regionalização em alguns aspectos e depois, eventualmente, nas escolas haver nova adaptação que tenha a ver com a gestão autónoma das escolas. Concordo que a partir do currículo nacional passe haver uma contextualização!"		concorda com a forma como elas estão definidas, se calhar não! [...] Parecem-me que estão exageradamente amplas, difíceis de concretizar!"
P3	"Não tenho opinião!"		"Sim, concordo."	"Se calhar a escola, porque conhece melhor os alunos!"
P4	"O currículo é o percurso a seguir virado para a realidade que temos!";	"Para bem seria uma intervenção de todos, numa questão de lógica que depois vai conduzir a um determinado tipo de situação em que teria que haver uma uniformidade, não é? Mas já não era muito mau se o currículo fosse, portanto, a nível das	"Se calhar era bom!"	"Eu acho que sim! Concordo."

		necessidades de cada escola. Umas terão mais necessidades que outras!”		
P5	“O meu conceito de currículo engloba todas as disciplinas e áreas curriculares não disciplinares. Temos ainda as actividades extracurriculares, que mesmo sendo extracurriculares não as vejo desvinculadas do currículo.”	“Temos de evitar a ideia de que possa haver portugueses de primeira e portugueses de segunda, devendo levar o essencial a todos (o tal tronco comum). No entanto o currículo pode ser adaptado, dentro da medida do possível às características das regiões.”	“Concordo.”	“Penso que sim. As competências básicas devem ser direccionadas para os alunos de todo o país; devem ser um ponto de partida, uma referência. É claro que, à partida, acreditamos que as pessoas indicadas pelo Ministério da Educação para definir esse conjunto de aprendizagens e competências têm a noção real das nossas escolas, dos nossos alunos.”
P6	“Tenho a ideia de currículo [...] que para mim corresponde ao conjunto de competências que nós queremos ou podemos ou devemos desenvolver nos alunos. Depois daí passaríamos para os conteúdos..., não tenho nenhuma ideia assim definida	“Acho que deveria de ser a escola [...] a definir o currículo uma vez que nós já temos programas, que são ditados pelo Ministério, comuns a todas as escolas, que fazem parte do currículo. Da forma como eu entendo o currículo, acho que	“Sim, [...] se fosse completamente ao critério da escola, poderia haver alunos com acesso mais a isto ou àquilo, que outros não têm, por outro lado isso também permitia que, se a escola fosse completamente autónoma nestas	“A maioria das escolas funciona em agrupamento. Eu acho que a escola podia perfeitamente definir isso, definir as vantagens e desvantagens que isso pode trazer. Se calhar o maior entrave a isso é a mobilidade dos professores, porque se os

	sobre: isto é o currículo!”	pode ser a escola a defini-lo. As competências que devem ser desenvolvidas podem ser definidas pela escola. Eu não sei se a minha concepção de currículo está correcta e eu lembro-me bem de várias definições de currículo, do currículo oculto, currículo real, currículo formal, essas coisas todas, mas a forma como eu entendo agora quando estou a trabalhar é esta e eu acho que isso pode ser definido pela escola!”	decisões, os alunos poderiam decidir... escolher mesmo, ir para esta ou para aquela escola conforme a sua vocação. Claro que isto torna-se muito difícil, depois pelas áreas onde eles moram, há uma série de dificuldades [...] e pelo menos assim todos os alunos têm acesso ao mínimo!”	professores estivessem afectos a uma escola durante anos o compromisso dos professores seria maior e acho que a definição de competências e de tudo o resto tornava-se mais vantajosa!”
P7	“...o currículo [...] comporta as actividades e experiências que vamos tendo ao longo, neste caso, da vida escolar, quer sejam alunos quer sejam professores e que nos ajudam..., que nos ajudam a desenvolver em várias áreas e que nos preparam para a	“Eu acho que o currículo deve ser concebido a nível nacional, agora dentro deste grande currículo deve haver sub..., deve estar dividido ou mais específico para o local onde a escola está inserida!”	“Concordo, digamos que é a formação base.”	

	vida activa.”			
P8	“O currículo, tal como o entendo engloba as disciplinas curriculares, não curriculares e extra curriculares. Engloba tudo quanto possa contribuir para a aprendizagem!”	“Eu penso que o currículo deve ser concebido em termos nacionais, mas com uma margem para autonomia em termos locais.”	“Concordo.”	“Depende das competências que sejam apresentadas, não é, mas se são básicas parte-se do princípio que qualquer cidadão terá de desenvolver esses conhecimentos, capacidades, atitudes e valores. Nesse sentido concordo perfeitamente que todos os cidadãos têm de estar no mesmo ponto de partida!”
P9	“A ideia que eu tenho de currículo [...] são as disciplinas e tudo aquilo que eles aprendem!”	“Talvez para facilitar as coisas, até porque varia de região para região, diria que talvez regional fosse capaz de funcionar.”	“Sim, sim!”	“Concordo, acho que sim, que está bem assim!”
P10	“Eu englobo todas as aprendizagens.”	“O currículo deve ser nacional. Depois deve ser posto em prática..., eu acho que é o que já existe e as orientações são nesse sentido, só que, normalmente não se faz porque, eu vou dar um exemplo, eu adopto um	“Acho que sim, tem que haver.”	“...Eu acho que devem ser definidas pelo Ministério da Educação para que toda a gente saiba para que anda a trabalhar. Depois, em face da realidade dos alunos, acho que podem ser, por assim dizer, readaptadas, refor-

	<p>livro da Porto Editora. É o mesmo que é adoptado em Lisboa, vamos supor, as pessoas dão a mesma coisa, seguem o livro por assim dizer. Não está mal seguir o livro, mas que adaptações é que eu faço daquilo à realidade que me envolve? Nenhuma, não é! Pronto, enquanto houver esta situação, termos que adoptar um livro, os livros são todos iguais para a mesma turma, os alunos têm todos o mesmo livro, o professor aí tem toda a autonomia para por o livro um bocado de consulta e dar o resto, não é, mas as escolas também não têm condições para suportar material de fotocópias para nós estarmos a levar os alunos por outro caminho, percebe! Portanto estamos um bocado agarrados a..., o único material que nós</p>	<p>muladas, mas acho que tem que haver a nível nacional uma exigência comum.”</p>
--	---	---

		sabemos que todos os alunos têm acesso é o livro, portanto, sujeitamo-nos um pouco àquilo...”		
P11	“Nunca pensei antes sobre isso!”	“A todos esses níveis!”	“Sim!”	“Sim, concordo.”
P12	“O currículo [...] são as disciplinas que fazem parte da... área em que é envolvido o aluno, não é, estamos a falar do currículo nível escolar, não é? O currículo tem a ver com as disciplinas básicas e com aquelas disciplinas Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhados”	“Acho que deveria ter três etapas. Uma etapa nacional e depois, cada região devia poder adaptar à sua região e depois, cada escola poder adaptar à especificidade da escola. Acho que isso deveria passar por três etapas e por aí é que nós chegamos à autonomia, não é? [...] Total autonomia não, acho que seria uma anarquia completa!”	“Eu acho que deve haver um tronco comum.”	“Concordo, sim!”
P13	“Não tenho assim, propriamente dita, uma opinião muito formada a esse respeito...”	“Penso que nacional deve ser. Agora, ele pode ser depois trabalhado, lá está, pela parte do projecto educativo, etc., pode ser trabalhado atendendo à localida-	“Sim, sim. Concordo!”	“...quando me fala em Ministério da Educação, penso no Ministério da Educação, mas penso sempre na colaboração com os professores, com os

		de. Agora que ele deva ser nacional, para não gerar desigualdades, penso que sim.”		docentes, coisa que nem sempre é feito! É feito por quem está lá, por quem, se calhar, deu aulas ao ensino superior e, portanto, não tem a mínima noção do que é lidar com miúdos desta idade e com estas dificuldades que eles apresentam. Portanto, quando eu digo que sim, digo que sim no sentido de que devia ser com a colaboração desses professores e assim ser extremamente proveitoso. Agora, só por eles, Ministério da Educação, pessoas que... não lhes tiro qualquer valor não é, mas que não têm vivência no dia-a-dia da escola, se calhar não!”
P14	“...o currículo vejo sempre como estão as nossas planificações, tudo aquilo que nós planificamos, nos organizamos, em termos do nosso grupo [...] e depois	“Eu acho que na programação como estávamos a trabalhar no ano anterior e que vinha do Ministério igual para todas as escolas, tudo bem, agora o	“Sim, acho que sim.”	“Acho bem porque [...] aquilo que eu estou a fazer na minha também faz na sua, no final do nono ano todos têm as mesmas atitudes..., porque senão isto



	<p>também em termos dos outros grupos. Por isso, além de sair o plano de actividades, que sai logo no início do ano, antes nós temos que nos organizar, temos tudo isso no currículo! Sempre com atenção à programação que temos, em relação ao tempo que temos, [...] a nossa disciplina foi reduzida num bloco de 45', tivemos que [...] dentro da nossa programação, dentro do nosso currículo, [...] não estendermos em determinadas situações para podermos nesse currículo por as coisas que nós achamos mais importantes!"</p>	<p>currículo é da escola, cada escola deveria adaptar o currículo à sua situação!"</p>		<p>também é capaz de criar diferenças entre... que há sempre diferenças entre escolas e nota-se quando se faz mudanças de uma escola para outra!"</p>
P15	<p>"O currículo é... é os conteúdos que temos de leccionar."</p>	<p>"Todos esses [...] A base deve ser Nacional, depois nas áreas de projecto e assim noutras disciplinas adaptar um pouco!"</p>	<p>"Concordo."</p>	<p>"Eu ainda não percebi bem isso das competências! Antigamente eram os objectivos, não é? Eu não vejo muita diferença porque eu acho que a maior parte dos professores ainda se refere aos</p>

				objectivos! Acho que pode ser assim!"
P16	"Os conteúdos programáticos, neste caso também as competências, a carga horária, são várias coisas!"	"Se calhar a componente Nacional e a Regional! Local seria demasiado! Nacional para haver uma componente comum, Regional porque deveriam haver adaptações!"	"Sim, um mínimo comum deve existir!"	"Se fossem as escolas os resultados iriam variar muito de escola para escola, eu acho! [...] Acho que deve ser como está!"
P17	"Enquanto professor entendo que currículo é tudo o que a escola faz em benefício dos seus alunos, por forma a que estes se tornem indivíduos mais conhecedores e melhor cidadãos."	"A nível nacional."	"Concordo em absoluto. Mais, julgo indispensável."	"Sem dúvida."

**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Autonomia Curricular****Subcategoria: Conceito de Autonomia Curricular**

	Unidades de registo	
	<i>A sua escola tem autonomia? Onde pensa terem surgido espaços de autonomia curricular?</i>	<i>Os professores necessitam de uma margem maior de autonomia? Porque?</i>
P1	“Houve uma autonomia das escolas nomeadamente na administração e gestão da escola. Está a acontecer devagarinho, está a ser um processo lento na gestão ...”	“Não. Penso que a que tem é suficiente.”
P2	“Penso que sim, tem alguma autonomia. Eu penso que essa autonomia tem a ver um bocadinho com as práticas curriculares. Na gestão dos programas curriculares, apesar de terem um tronco comum, penso que em algumas disciplinas se está a ir ao encontro dos interesses dos alunos e das necessidades deles.”	“Eu acho que tem alguma autonomia. Mais autonomia se calhar depois acabava por estarem as situações fora de controlo. Não sei até que ponto isso seria bom. Por outro lado, às vezes os professores querem fazer mais actividades, por exemplo agora veio um ofício -circular da DREN a regulamentar visitas de estudo, torna-se muito complicado fazer uma visita de estudo com os miúdos neste momento. Assim estamos a perder autonomia, se calhar há turmas que mereciam serem aproveitadas também nessas formas alternativas de aprender...”

P3	<p>“...julgo que ela tem alguma autonomia, [...] ainda no último pedagógico, pelo que me apercebi, falou-se no desenho curricular e lembro-me que, pronto, o presidente até nos pediu para que a gente pensa-se sobre o desenho curricular propriamente do 9º ano. Portanto, é porque tem autonomia!”</p>	<p>“Acho que tem autonomia suficiente, por isso mesmo é que deve haver um programa e toda a gente deve seguir aquele programa. Não obrigatoriamente seguindo a mesma ordem, eu posso alterar, em vez de dar o 2º capítulo a seguir ao 1º, dou o 4º ou o 5º conforme eu achar que deva fazer.”</p>
P4	<p>“Alguma autonomia tem, a nível de gerir os departamentos e os próprios grupos. Relativamente a outros aspectos, acho que não, que essa autonomia ainda não nos foi dada. É muito proclamada a autonomia nas escolas, mas na realidade somos confrontados que ela nos é cortada quando muitas vezes precisaríamos dela!”; “Cada grupo é autónomo, pode gerir o seu programa, fazer ou propor alterações, sempre de acordo com os outros grupos que pertencem ao departamento.”</p>	<p>“Eu acho que o professor neste momento devia ter mais autonomia.”</p>
P5	<p>“Sim, embora não em todos os aspectos. Acho, inclusivamente que nem toda a autonomia interessa à escola.”; “Por exemplo, no que diz respeito ao desenho curricular, a minha escola contemplou uma das disciplinas que lecciono apenas com um bloco e meio, o que considero muito pouco, tendo em conta que o Programa Nacional não sofreu qualquer alteração. É impossível ensinar os mesmos conteúdos em menos tempo.”</p>	<p>“Se tivéssemos autonomia para reformular os programas..., mas essa reforma teria de ser a mesma para todas as escolas!”</p>
P6	<p>“Considero que sim.”; “Mais nas práticas escolares curriculares, porque nas outras áreas não sei dizer se realmente tem autonomia</p>	<p>“...eu nunca me deparei com nenhuma situação em que eu quisesse desenvolver algum projecto, decidir alguma coisa, que não me fosse</p>

	ou não. Ao nível da gestão da escola também, no que está relacionado directamente connosco. Tudo o que passa através das reuniões que o conselho executivo faz, [...] eu posso dizer que sim que há uma autonomia...”	permitido, por isso não lhe posso responder nem sim nem não. [...] eu acho que a margem de autonomia que nós temos em prática de sala de aula que é suficiente.”
P7	“...Nesta escola eu sinto, por exemplo, que o meu grupo tem um bom poder de decisão..., embora tenha que passar pela comissão executiva, temos autonomia para decidir muitas coisas relacionadas com o grupo, a nível curricular e a nível de actividades feitas ao longo do ano, que fazem parte do plano anual de actividades.”	“...nesta escola eu e todo o grupo sentimos que temos essa autonomia. Noutras escolas onde estive não senti, era tudo muito condicionado, era tudo regido às regras mais mesquinhas que pudesse haver. Não havia autonomia, nós não podíamos dar uma ideia, um palpite simplesmente não era aceite...”
P8	“Penso que a escola não tem sido muito arrojada nesses aspectos, não tem ido muito além das directrizes nacionais.”	“Acho que cada professor exerce a sua autonomia, independentemente do que esteja escrito nos papéis. Individualmente, um professor, na sala de aula, acaba por fazer o que pensa ser melhor para os seus alunos. A adaptação de conteúdos e estratégias sempre se fez, de acordo com o perfil das turmas. Isto é autonomia.”; “Essencialmente [ao nível da sala de aula].”
P9	“Existe sim [autonomia]! Talvez nas práticas curriculares, nomeadamente na introdução da Música no 3º ciclo, por exemplo, é uma opção da escola.”	“Não. A que tem já é mais do que suficiente, sinceramente! Eu até acho que já é demasiada, a autonomia! É assim, o professor pode, na sua aula, usar as estratégias que quer, não é! Pode, eventualmente, usar aquelas que não são tão, como é que eu dizer, não são tão adequadas, talvez! Portanto, eu acho que um professor já tem autonomia de fazer o que quer, entre aspas, na sua aula! Eu

		até achava que de vez em quando devia haver sempre alguém que fosse entrar nas salas fazer uma avaliação do trabalho do professor! Eu sei que isso é muito desagradável e sei que muitos colegas achariam ridícula uma coisa dessas, mas eu acho que os professores já têm muita autonomia, sinceramente!”
P10	“Principalmente nas práticas escolares curriculares.”	“Não. Os professores têm toda a autonomia, acho é que são um bocado renitentes a usá-la.”
P11	“Acho que deveria ter mais autonomia. Por um lado, acho que sim, que tem alguma autonomia, mas por outro acho que deveria ter mais! Parece-me que sim, que tem capacidade para decidir por si, pelo pouco que conheço!”	“Acho que precisam. Um bocadinho sim!”
P12	“Eu acho que pelo menos o conselho executivo tem autonomia dentro da escola...”	“...temos um programa para cumprir. Eu tenho autonomia para alterar as unidades temáticas, tenho a total autonomia para fazer aquilo que quiser, não é, ou para relacionar como eu quiser. Agora mais autonomia... na sala de aula tenho autonomia total, sou eu que mando na minha aula e eu vou gerir... desde o momento que eu siga a planificação que foi feita pelo grupo dentro da escola eu tenho a total autonomia. Mais autonomia só se for a nível de conteúdos, são decididos a nível do Ministério e nós depois adaptamos em relação aos nossos alunos! A nível de conteúdos acho que é suficiente ...”
P13	“A forma como cada grupo disciplinar, como o próprio executivo planeia as actividades, os grupos fazem a ordenação do currículo,	“Acho que não! [...] pelo menos no ponto de vista curricular, dos conteúdos, das aulas, das práticas... Poderiam até ter alguma

	<p>acho que basicamente reflecte-se mais nesse campo, ao nível das práticas escolares, isto é, da administração e gestão do currículo!”</p>	<p>autonomia no sentido de gerir, mas isso era se fosse sempre o mesmo professor durante um ciclo, não é? Actualmente até já temos, já podemos deixar uma parte da matéria para o ano a seguir e o outro colega..., mas nem sempre isso é muito funcional. Agora do ponto de vista administrativo, penso que não!”; “[concretiza-se mais] acho que ao nível da sala de aula.”</p>
P14	<p>“Onde penso terem surgido espaços de autonomia curricular... mais na parte escolar porque na parte de administração e gestão da escola já é mais um sector que, pronto, a gente sente que está a ser mais ou menos bem gerido, mas não está dentro dele, está mais dentro das práticas escolares curriculares. Agora, nós coordenadores de departamento, [...] podemos mover mais ou menos aquilo que a gente pretende, vamos fazer isto... planificamos e conseguimos. Nunca nos é recusado. Também temos a preocupação quando fazemos com tudo como deve ser, bem planificado, sempre no interesse do aluno, sempre...”</p>	<p>“Eu, por exemplo, sinto-me autónoma nesta escola! [...] eu sinto-me como coordenadora, porque aqui nesta escola dá-se um papel muito importante aos cargos que se tem e se houver alguma responsabilidade, são sempre esses que vão à frente! Se houver alguma coisa que não está bem dentro da minha disciplina, não interessa se foi o ‘Joaquim’ ou o ‘Manuel’, eu é que vou lá, pronto, porquê? Porque eu tenho que cumprir o meu dever e saber..., portanto eu aí sinto-me autónoma...”</p>
P15	<p>“Pouca. Eu não sei”;</p>	<p>“Acho que está bem como está.”</p>
P16	<p>“É mais importante ir ao nível da gestão mesmo com os colegas porque acho que é aí que falta! Esse novo modelo..., porque isto não é seguido à regra [...] e acho que aí é que nós devemos investir um bocadinho mais! Na gestão, mas ligada à profissão docente, deviam intervir mais, muito mais!”</p>	<p>“Muito maior mesmo [<i>margem de autonomia</i>]. Na sala de aula principalmente porque estamos muito condicionados. Estamos agora nas avaliações e o que vemos? É que miúdos que não adquirem as competências, não adquirem os conteúdos e acabam sempre por passar porque o existe obriga-nos, conduz-nos a... E dentro da sala</p>

		de aula também. É difícil lidar com eles em determinadas situações! Se tivéssemos mais autonomia se calhar é mais fácil! Se calhar também faltam serviços aqui na escola! Em termos de disciplina, principalmente, porque antes de tomarmos uma decisão temos que pensar várias vezes! Porque não podemos por lá fora porque não tem onde estar, temos que ficar com eles lá dentro a perturbar... é um bocadinho complicado!"
P17	<p>"Tem alguma autonomia. Alguma possibilidade de gerir, dentro do currículo nacional, as 'oportunidades' temporais para a sua explicitação. Selecciona o ingresso de funcionários, quando lhe dão oportunidade para o fazer; recebe bem os professores que aqui são colocados (não tem competência para seleccionar, mas tem para receber e tratar bem ou menos bem...). Nas opções consideradas fundamentais e estruturais, tem a autonomia que lhe confere o 'direito' de aceitar, mesmo que resignada ou constrangida, aquilo que a administração decide..."</p>	<p>"Os professores necessitam que, quem de direito, lhes diga, claramente, o que pretende deles, o que deseja com o seu trabalho..."</p>



**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Autonomia Curricular****Subcategoria: Projecto Curricular**

	Unidades de registo				
	<i>Que estruturas da escola devem ter maiores competências para organizar o projecto curricular de escola?</i>	<i>Parece-lhe absolutamente necessária a elaboração de um Projecto Curricular de Escola? Que vantagens pode trazer?</i>	<i>O Projecto Curricular de Escola deve ser da competência exclusiva dos professores?</i>	<i>Que importância atribui à construção do Projecto Curricular de Turma? Quem deve participar na sua construção, gestão e avaliação?</i>	<i>O Projecto Curricular deve respeitar as finalidades e os objectivos dos programas em vigor?</i>
P1	“Nesta questão, não é quem deve ter, é quem tem. Penso que o director de turma, cada vez mais, é uma peça fundamental nesta gestão flexível do currículo e na organização da escola. O director de turma está em com-	“...o convergir do mesmo pensar da escola, fundamentalmente é a identificação da própria escola, o que é que a escola nos diz, o que é que a escola nos transmite, o que é que	“Penso que os alunos também! É para eles que é feito.”	“É a tal autonomia. Se temos autonomia na escola, se temos autonomia nos currículos, devemos ter autonomia na construção do projecto curricular de turma, não é?”  “Eu vejo aqui nesta escola houve uma melhoria na participação dos pais, os pais participam nalgumas	“Sim, já falamos disso.”

	tacto com os alunos, o director de turma está em contacto com os encarregados de educação, o director de turma está em permanente contacto com a realidade, com o que se passa na escola. [...] o director de turma [...] não é só o professor que tira faltas... Tem um papel mais amplo em termos de controlo de tudo o que se passa na turma, tem um maior conhecimento devido às outras áreas que tem que dar relativamente a trabalhos de grupo, projectos de área de projecto, está em maior contacto com eles...”	a escola dá aos alunos!”		reuniões, os pais colaboram com os directores de turma...!”	
P2	“Eu penso que até agora o conselho pedagógico	“O projecto curricular de escola talvez não		“...eu acho, que em teoria, [...] o projecto curricular de turma justi-	“Deve ir ao encontro.”

[...] Eu penso que todas as estruturas estão representadas no conselho pedagógico, penso que é um grupo de trabalho relativamente ...o mais pequeno possível, mas também o mais diversificado ao nível das disciplinas! “

seja fundamental. Tem vantagens, mas não acho que seja assim uma coisa imprescindível!”

fica-se. Para já, parece-me, que o que está a ser conseguido ainda não vai ao encontro do que seria positivo no projecto curricular de turma. A avaliação diagnostica que se pretende no início do ano ainda é muito cedo, por exemplo em meados de Outubro ou início de Novembro, nós ainda não conhecemos aquela turma ou o que achamos necessário para aquela turma, a melhor forma de trabalhar ... Se calhar quando conhecemos a turma acaba o ano lectivo e tem a ver com a rotatividade dos professores e dos alunos, torna-se muito complicado fazer um verdadeiro projecto de turma que tenha continuidade ao longo dos anos!”

“A forma como está a ser feito é a forma ideal, portanto, é o conselho de turma, todos os professores da turma, o representante dos pais, o

				professor do ensino especial que eventualmente faça o acompanhamento com o director de turma.”	
P3	“Eu penso que deve ser o pedagógico...”	“...eu não sei se traz vantagens, não noto!”		<p>“O projecto curricular de turma é diferente. É importante porque é através dele que nós conhecemos os problemas reais da turma, se há casos de doenças, quais são as actividades que eles fazem fora da escola, portanto, permite um melhor conhecimento dos alunos, sem dúvida!”</p> <p>“O director de turma com a ajuda de todos os professores.”; “Não, não me parece importante [a participação dos pais, alunos...]. Só os professores.”</p>	“Claro.”
P4	“Aqui na escola, por exemplo, há um órgão próprio. Um coordenador de projectos que elabora o projecto de acordo com	“Eu acho que sim! Dá-nos um fio condutor!”	“Eu acho que dos professores e de toda a comunidade escolar.”	“O projecto curricular de turma, portanto, leva, de facto, a um desenvolvimento dos alunos a outros níveis permite-lhes adquirir outras competências, logo no	“Pode não respeitar. Quer dizer, podem ter temáticas diferentes, tendo em consideração os interes-

	as sugestões de toda a comunidade escolar. Cada um emite os seus pareceres – grupos ou departamentos – afim de se proceder às devidas alterações do anterior.”			<p>quinto ano, portanto, eles tem outra visão e outra maneira de ver e amanhã poder tratar outros temas, pesquisar ou desenvolver outras actividades. Têm que ir bem preparados para isso. O projecto curricular de turma abrange várias aulas, várias áreas. São mesmo preparados para desenvolver esses temas e vir a tirar algum proveito disso.”</p> <p>“Para mim todos os professores que fazem parte do conselho de turma. Os alunos também têm a sua palavra, são sempre eles os primeiros a dizer aquilo que pensam. Aos pais é-lhes dado a conhecer todo o trabalho dos alunos e tudo aquilo que eles fizeram.”</p>	<p>ses dos alunos, aliás nós damos várias áreas em que... podemos proporcionar, sobretudo aos alunos do quinto ano, vários temas e eles depois podem escolher dentro aquilo que querem tratar. Tenho que dar uma certa orientação, eles são pequeninos ...”</p>
P5	“Todas as estruturas devem ser ouvidas.”	“Sim, acho muito importante, pois desse modo a escola fun-	“Sim, competência é dos professores.”	“É muito importante. Para mim talvez o mais importante de todos os projectos. É fundamental que	“Sim, deve.”

		ciona segundo os mesmos critérios.”		<p>todos os elementos de um conselho de turma conheçam com rigor a turma com que trabalharam.”</p> <p>“O conselho de turma, liderado pelo director de turma.”</p>	
P6	“Os departamentos!”	“Acho que sim, que traz vantagens!”	“Basicamente!”	<p>“É muito importante na medida em que para aquela turma, para aqueles alunos precisam que sejam desenvolvidas determinadas competências, todos os professores trabalhem no mesmo sentido, haja, inclusive, interdisciplinaridade!”</p> <p>“Os professores. O conselho de turma tem sempre um representante dos encarregados de educação que pode também contribuir, tem sempre dois alunos que também estão presentes nas reuniões que fazemos para o efeito, por isso, acho que estão todos representados os professores os alunos e os encarregados de educação.”</p>	“Deve respeitar, mas não tem, necessariamente, que estar só condicionado aos programas, mas deve respeitar uma vez que eles são uma base para todas as escolas.”

P7	<p>“Departamentos curriculares, o conselho pedagógico e o órgão de gestão.”</p>	<p>“Não acho muito importante. Já temos o projecto educativo, já temos o regulamento interno, fazemos os projectos curriculares de turma, porquê estar a fazer outro projecto global? Não acho que seja importante.”</p>		<p>“...o projecto curricular de turma dá para qualquer pessoa que pegue no projecto curricular de turma e o leia, nem que seja de uma forma... uma leitura na diagonal, consegue ficar com uma ideia geral da caracterização da turma, do que foi feito ao longo do ano lectivo ao nível das disciplinas e no âmbito geral [...] quais foram as competências que se privilegiaram mais, dá para ter um conhecimento geral da turma.”</p> <p>“Deve ter a participação dos professores da turma e o representante dos encarregados de educação.”</p>	<p>“Sim.”</p>
P8	<p>“A administração, o Conselho Pedagógico, os grupos disciplinares.”</p>	<p>“Eu penso que traz vantagens para a escola. Tem a vantagem de estabelecer uniformidade de critérios e actuação na</p>	<p>“A elaboração deve ser de exclusiva responsabilidade dos professores, a não ser nos casos em que se introduzem áreas espe-</p>	<p>“O projecto curricular de turma sistematiza o conhecimento que o director de turma vai tendo dos alunos que compõe o grupo, permitindo um diagnóstico mais rigoroso e consequentemente uma</p>	<p>“De uma forma geral sim!”</p>

		escola.”	cíficas que exigem a colaboração de instituições específicas, exteriores à escola.”	aplicação mais eficaz de estratégias e de critérios de actuação.”  “Bom, fundamentalmente os professores, mas também os pais como principais interessados no sucesso dos filhos e os próprios alunos para desenvolverem o sentido de responsabilidade. Nalguns casos o apoio dos Serviços de Psicologia é vantajoso.”	
P9	“...talvez o conselho pedagógico!”	“Sim, traz vantagens e acho que também é necessário!”	“Sim! É assim, eu estava a pensar nos Pais, mas acho que era capaz de ser um bocado confuso na prática, porque depois os Pais, eu estou a pensar nos Pais aqui desta zona, não saberiam o que dizer!”	“...dentro de um projecto de turma temos sempre o cuidado de fazer um trabalho pedagógico que serve também para integrar os alunos que estão mais afastados do ensino ou afastados... o interesse da escola e por isso acaba por ser benéfico! Muito importante aliás!”  “Será como está, os professores, o representante dos Pais, que às vezes ele acaba por não saber a	“Deve ter em consideração!”



				opinião dos outros, mas no fundo a ideia é essa, ele ter a ideia do que os Pais pensam e o representante dos alunos também!”	
P10	“O conselho pedagógico!”	“Traz. Eu acho que... o projecto curricular se realmente considerar a realidade envolvente acho que traz vantagens! [...] O que eu tenho verificado, é que se for ver o projecto curricular desta escola e doutra escola e doutra escola, eles basicamente são o mesmo e são o ideal do que se queria, agora do que lá está para a realidade para o que se faz mesmo, eu costumo dizer “se alguém doutro planeta	“Não, acho que comunidade educativa... acho que [...] as várias instituições actualmente são fundamentais, a nível de saúde, a câmara, os pais são fundamentais!”	“...na teoria acho espectacular o projecto curricular de turma. É a primeira vez que estou a elaborar um projecto curricular de turma e sinto-me completamente frustrada após dez meses de o ter começado! Acho que não fiz nada do projecto curricular de turma e sou a orientadora de um! [...] primeiro é assim, diagnóstico da situação da turma. Há um papel aí para a gente seguir as instruções e é feito o diagnóstico da turma. Toda a gente vai ter em consideração determinado aluno ou determinada situação, [...] não diz é quando é que vai ter essa consideração e às vezes chega-se ao fim do ano e não se levou em conta [essa]	“Deve, acho que deve!”

nos visitasse e tivesse... andasse lá nos mesmos trabalhos que nós, eles diziam que as nossas escolas são fabulosas relativamente aos projectos que têm” e, inclusivamente, relativamente à avaliação que se fazem deles. Só quem os vive sabe que, realmente, as coisas não são bem assim!”

situação do aluno [...] o aluno entra no contingente geral [...] não se tem em conta o menino ou a menina que tem esses problemas, portanto, o projecto curricular de turma devia existir para isso [...] Segundo, quando pergunto na primeira reunião os conteúdos que vão dar, [...] para ver se consegue fazer algum entrosamento entre as várias áreas, as pessoas têm uma certa dificuldade em dizer mesmo aquilo que vão dar. Portanto, vão para essas reuniões e parece que não estão preparadas para dizer “o que é que eu vou dar agora e o que é que eu vou dar a seguir”. [...] Acho que está um bocado a trabalhar sozinha, faz muito bem aquilo que está dentro do programa dela, mas para dizer aos outros o que está a dar... tem uma certa renitência. Até encontrei assim um bocado de resistência “estás para

aí a perguntar o que é que eu vou dar, mas para é que queres saber o que é que eu vou dar?” Nomeadamente certas disciplinas! [...] acho que os professores não estão preparados para trabalhar em grupo [...] Depois, o projecto curricular de turma deve ser reformulado, [...] as actividades que propomos para os alunos são daquele livro, se formos perguntar aos diversos professores... “tenho quatro ou cinco alunos com problemas”, se eu lhes for ver o caderno eles não têm fichas de avaliação, fichas de trabalho diferentes! O projecto curricular de turma devia contemplar essa situação! A situação do livro único para estes miúdos, se calhar não devia ser! Há alunos que se calhar nem precisam do livro, têm tantas dificuldades que, se calhar, era preferível usarem outros materiais

			<p>de trabalho, não é? Também chega ao fim e acho que isso não se verifica! Agora se me disser onde está a culpa, se está nos professores, se está no sistema todo, não faço a mínima ideia! Sei que as pessoas não estão motivadas ainda para trabalhar em grupo, não estão! Acho que isso envolve muita mudança, muita exigência ao professor, muito tempo na escola, que as pessoas têm os seus horários e marcando uma reunião fora do esquema já é muito difícil encontrar toda a gente. Acho que para o projecto curricular de turma funcionar deveria haver uma hora obrigatória no horário, tipo semanal, para as pessoas encontrarem-se e dizerem assim "olha eu estou a fazer assim..., está a resultar...", porque fora isso, como experiência do projecto curricular de turma é mais um</p>	
--	--	--	---	--

				<p>documento!”</p> <p>“Eu acho que está bem agora como está. É os professores, os delegados, os representantes dos alunos e os representantes dos pais...”</p>	
P11	<p>“O conselho executivo e os departamentos curriculares!”</p>	<p>“Sim, parece-me importante!”</p>	<p>“Dos professores, sim!”</p>	<p>“Sim, é importante!”</p> <p>“Os professores!”</p>	<p>“Penso que sim! Respeitar sim!”</p>
P12	<p>“Acho que deveria ter o pedagógico, que por sinal é constituído por professores e pelo órgão de gestão e para além dos professores, que geralmente são os coordenadores de disciplina, poderia haver outros professores que também poderiam sugerir ideias interessantes. Muitas vezes nas reuniões de departamento não há</p>	<p>“Projecto Curricular de Turma é uma coisa, Projecto Curricular de Escola outra e Projecto Educativo outra... São tantos projectos que isto é uma confusão incrível. Projecto Curricular de Escola ... eu acho que sim. Eu acho que pode trazer vantagens, mas se for muito bem elaborado.”</p>	<p>“Isto tem a ver com toda a comunidade escolar, Pais ou Associação de Pais, tem a ver com o Conselho Pedagógico, acho que a gestão também devia lá estar, acho que devia haver representantes de cada uma das partes da comunidade escolar!”</p>	<p>“É importante e é complicado a elaboração desse projecto curricular de turma. Eu não sou directora de turma este ano, mas vejo os meus colegas e vejo o número de reuniões que nós tivemos para o projecto curricular de turma. [...] O projecto é elaborado tendo sempre em conta e como aspecto central o aluno, sempre para melhorar. [...] Mas é o que eu digo, nós fazemos o nosso papel, mas os alunos não fazem a parte deles. O projecto curricular é</p>	<p>“De uma certa forma tem que respeitar!”</p>

	tempo suficiente para se pensar minimamente, nem no momento surgem as ideias oportunas. Acho que aqui deveria haver um maior levantamento das opiniões e das propostas de todos os professores!”			importante, todos nós devemos cumprir e devemos participar, [...] agora se o resultado final vai ser positivo ou se alterou alguma coisa em termos de resultado final... eu tenho as minhas dúvidas...”  “Fundamentalmente os professores!”	
P13	“Eu penso que o conselho pedagógico onde estão reunidos todos os departamentos...”	“Sim, sim, é pertinente! Lá está, digamos que um projecto curricular de escola é útil no sentido, por exemplo, depois todos os outros que dali possam advir são subordinados ao que está definido!”	“Não... penso que deve ter outros parceiros, exactamente! A partir do momento que, por exemplo, o projecto de turma pode ser feito na comunidade, acho que tem todo o interesse em ter parceiros na comunidade!”	“Se ele é feito para desenvolver mais valias nos alunos no sentido de lhes despertar o interesse por pesquisar..., lá está, ser com a comunidade e não para dentro da escola, acho que é uma mais valia, acho que é importante! Se é para ser confinado à sala de aula e para eles trabalharem sozinhos, penso que isso... eles fazem em qualquer altura!”  “...acho que deve ser definido pelos alunos com orientação dos professores da turma e não só do	

				director de turma, muitas vezes [...] indo aos tais parceiros e vendo a proposta, se há abertura, se é possível ou não...!”	
P14	" Eu acho que todas ajudam um pouco, não é! Todas estas partes são importantes para depois chegarmos a este projecto!"	"Não, não acho absolutamente necessário!"	"Uma vez que se trata de um projecto curricular deve... Acho que a elaboração deve ser da responsabilidade dos professores!"	"...acho importante devido às linhas teóricas que se tem com a turma, com o conselho de turma e também todo o conselho de turma acaba por perceber das situações da turma que são importantes!"  "Todos, os professores da turma, todos os intervenientes no projecto de turma, pais, alunos e os professores do conselho de turma!"	"Sim!"
P15	"Os grupos e os departamentos!"	"Algumas! Eu não conheço muito bem...!"	"Acho que é importante ter a participação da comunidade!"	"Nem por isso! As dificuldades, na minha opinião, é tudo falta de interesse pela escola!"  "Os professores da turma e os pais!"	"Acho que devem ter em conta!"
P16	"...os mesmos que já referi! Acho que sim!"	"Não tenho opinião!..."	"Eu acho que se calhar era conveniente que houvesse outros in-	"Eu acho que é muito importante haver, não é, desde que se adapte	"Sim!..."

			tervenientes porque nem sempre nós conhecemos bem a realidade onde está a escola!"	às necessidades da própria turma!" "Professores, não é, director de turma, pode ser também os encarregados de educação!"	
P17	"As que estão criadas em sede própria e que constam de lei..."	"Se é necessário não me apercebi ainda. Logo, quanto a vantagens..."	"A sua elaboração? Se contempla o currículo e se se considerar que nele trabalham, essencialmente, alunos e professores, porque não? Já quanto à sua aprovação... isso depende da Assembleia de Escola."	"A importância que o Projecto Curricular de Turma merecer. Merecerá muita?" "Os professores da turma. Será que o aluno e o encarregado de educação, representante, na prática, de si próprio, têm um papel tão determinante? Ou será que podem, de algum modo, constituir-se, mesmo que só com a sua presença, como impedimentos? Será que estão preparados para este tipo de trabalho? Ou será que este tipo de trabalho pode ser desenvolvido por qualquer pessoa? O estatuto de pai conferirá competências para desenvolver projectos curriculares de turma?..."	"Pelo menos não se lhes deverá opor..."



**Dimensão: Autonomia da Escola****Categoria: Autonomia Curricular****Subcategoria: Decisões Curriculares**

	Unidades de registo
	<p><i>A escola deveria poder decidir sobre os programas das disciplinas?</i></p> <p><i>Se assim fosse não lhe parece que poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes?</i></p>
P1	<p>“Se calhar a escola não, mas o grupo sim [...] Mas, pronto, isso poderia criar um desnível em relação a outras escolas...”; “Ao sair daqui para outras escolas o aluno A de uma escola contra o aluno B de outra escola, se calhar o conhecimento não é igual. Se calhar a alternância dos conteúdos não é a mesma [...] o seguimento da programação, o seguimento dos conteúdos... não é dada no primeiro período do mesmo modo em todo o lado [...]”</p>
P2	<p>“...poder-se-ia decidir qualquer coisa, dar mais ênfase ou menos ênfase a determinada parte do programa, mas realmente o tronco comum devia ser nacional.”</p>
P3	<p>“Não, acho que não!”</p>
P4	<p>“Sim! Podemos fazer as adaptações ao que vamos leccionar; nós podemos transpor unidades! Mas temos o problema dos manuais. Ninguém se preocupa muito se a matéria é difícil, se o programa é grande, se está a contemplar aquilo que poderia ou deveria, de modo a dar uma certa continuidade!”; “Se calhar teria que haver uma base também comum [...] havendo exames tem que haver um programa comum para todos. Teria que haver sempre uma linha de orientação em que aqueles conteúdos fossem ensinados, fossem desenvolvidas</p>

	aquelas competências até aos anos finais de cada ciclo.”
P5	“Acho que deve haver um tronco comum [nacional] e a partir daí, as escolas poderiam decidir sobre o que consideram mais importante para os seus alunos, mas com muito, muito cuidado! Com este tipo de liberdade corre-se o risco de criarem situações de desigualdade, de injustiça perante os alunos. Por exemplo, pensemos nas provas aferidas, globais, exames... se as provas são elaboradas para todo o país, todos os alunos têm, obrigatoriamente, o mesmo direito à mesma preparação.”
P6	“Eu acho que sim, [...] seria o ideal!”; “...poderia acontecer as duas coisas ou por outra seria bom por um lado e seria mau por outro, mas desde que a escola tenha autonomia, o programa pode ser o mesmo, mas desde que se possa decidir o que abordar, que competências desenvolver mais ou menos, já nos permite ter alguma autonomia, suponho eu!”
P7	“Não porque isso iria gerar uma polémica muito grande, porque ia ser muito divergente. Num País destes com tantas escolas e cada escola a escolher os programas de certeza que criava desigualdades ou então aí até os exames tinham que ser também por escola e feitos por escola. Se não depois havia escolas que tinham dado algumas matérias e outras escolas que não deram.”
P8	“Acho que sim. Seria uma forma de praticar uma autonomia mais eficaz.”; “...Teria de existir sempre uma base geral, não é, mas cada escola teria a possibilidade de trabalhar mais ou menos determinados temas e conteúdos, mais relacionados com o meio sócio-económico e cultural envolvente. Para zonas diferentes e alunos diferentes, currículos diferentes, respeitando um tronco comum.”
P9	“É muito complicado. É péssimo, isso! [...] Porque se cada escola decidisse o programa que havia de ter, quando um miúdo se mudasse para outra escola podia faltar algumas bases, [...] as exigências iam-lhe sendo diferentes, complicava a integração do aluno na escola, percebe! Tem que haver sempre um órgão superior que dê essas directrizes.”
P10	“A escola sobre o programa da disciplina... o programa em si acho que não, mas adaptar o programa à realidade acho que podia, podia muito bem!”

P11	“Em alguns casos sim, em algumas disciplinas sim!”; “Poderá [poderiam criar-se situações de desigualdade entre alunos de escolas diferentes], mas também as escolas, por outro lado, ouvem muito melhor os professores que estão dentro dessa própria escola. E os professores que estão no terreno sabem melhor o que os alunos precisam ou não!”
P12	“Acho que os programas devem ser realmente pensados, realizados pelo Ministério, mas tendo sempre em conta a especificidade dos alunos dessa escola. Agora se a escola deve realmente ter autonomia para fazer isso? Não sei!”
P13	“Parece-me que não! Por uma questão simples, os meninos que andam aqui hoje podem não andar amanhã e, portanto, se a escola por si só decidisse, íamos ter uma disparidade muito grande. Tem que haver um fio condutor de alguma forma! As escolas de diferentes localidades iriam ter uma visão muito diferente, até pela comunidade, etc. e ia ser muito limitativo, a meu ver!”
P14	“Também acho que o Ministério tem aí um papel importante, porque se não nós aqui achamos que era muito importante darmos esta matéria e outra escola achar que outra matéria também é importante e, então, acontece como aconteceu o ano passado com a minha filha, quer dizer, muda de escola e nada é igual, não sabe, já deu e, pronto, houve ali um certo desencaixe... Tem que haver aqui, tem que haver qualquer coisa em comum a nós todos!”
P15	“Acho que não! [...] estamos a caminhar para a Europa..., para haver equivalências, não é, para haver mobilidade tem de haver uma lei geral... comum!”
P16	“Isso depois seria complicado! Se calhar poderia, se calhar já o faz! [...] Se houvesse bom senso, se calhar poderia!”; “...se calhar era isso que acontecia [criarem-se situações de desigualdade]! É preciso bom senso para gerir isso..., mas é complexo!”
P17	“Esta é uma questão complexa. E se é verdade que, ocasionalmente [...] possam existir vantagens em alguma capacidade de decisão quanto aos programas das disciplinas, designadamente na introdução de componentes regionais ou locais, não parece ser menos verdade a vantagem que poderá existir com a existência de currículos definidos a nível central. [...] Parece politicamente incorrecto, defender a centralização, porque a moda é descentralizar (mesmo que na prática, tal mais não signifique que desconcentrar), não se ser,

militante, defensor de processos de autonomização ou de flexibilização. No entanto, não se percebe muito bem, porque é que numa 'aldeia', cada vez considerada mais global, num mundo cada vez mais 'pequeno', mas mais individualista e competitivo, a garantia da aplicação de um mesmo currículo, num país com uma população equivalente à de uma grande metrópole possa constituir-se, à partida, descabida de algum sentido..."

**Dimensão: Organização e Gestão Curricular****Categoria: Gestão Flexível****Subcategoria: Reorganização Curricular**

	Unidades de registo
	<i>Que vantagens trouxe a recente Reorganização Curricular ao Ensino Básico?</i>
P1	<p>“Aqui nesta escola começou há pouco tempo... a nível disciplinar, a nível de... dos alunos principalmente, a nível de disciplina em termos de... a questão das horas e da definição dos blocos, penso que houve uma melhoria em termos de distribuição... e, pronto, questões a nível de disciplina... A questão da Educação Cívica muito importante, dentro das novas áreas, penso que com a Educação Cívica que há uma maior identificação com o meio, o saber estar, o saber presenciar, o saber fazer, o saber estar em grupo, isso veio dar uma mais valia ao aluno.”</p>
P2	<p>“Eu acho que as ideias à partida eram boas, nomeadamente as áreas curriculares não disciplinares. [...] Não estou a ver ser aproveitadas na sua plenitude, nomeadamente o estudo acompanhado. Lançou-se para as escolas as áreas curriculares não disciplinares, mas não houve muita orientação sobre o que se deve fazer ao nível dos professores, é um bocado a lei do desenrasca, não é? Todos os professores, qualquer que seja a sua área de formação podem dar essas áreas curriculares, mas realmente não tiveram nenhuma orientação. O estudo acompanhado enquanto há professores que estudam para os testes com os alunos, há outros que fazem outras actividades, outros dão acesso à informática. [...] Acho interessante a área de projecto, fazerem o trabalho de projecto, mas, por exemplo ao nível do 5º ano os alunos são pouco autónomos, não é um trabalho dos alunos, torna-se um trabalho muito do professor ajudante dos alunos, não é. Em relação à formação cívica, pronto, ainda assim acho que talvez seja a área curricular que tenha sido, pelo menos nas escolas e pela minha experiência, talvez seja a que tenha sido mais bem conseguida. Acho que seja a que está mais de acordo com o que se pretendia. Apesar de tudo acho positivo, que são aspectos positivos.”</p>

P3	“Não sei!”
P4	“Creio que a reorganização curricular em termos de horário não teria sido a melhor opção porque foi reduzido o tempo... e se calhar é capaz de se tornar mais difícil de gerir, na medida em que, por exemplo, os alunos estariam mais vezes durante a semana com o professor do que aquelas que passam a estar. Eu, por exemplo, já tive dois blocos em que um é no início da semana e outro é no fim da semana. O aluno do início da semana ao fim da semana perde o contacto com o professor. [...] Para os alunos, noventa minutos torna-se um bocadinho mais massacrante, temos que gerir de outra maneira, estava estruturado de uma determinada maneira e agora tem de ser doutra. Acho que conseguia transmitir mais conhecimentos porque sempre que o professor falta, está a ver, falta logo a dois blocos!”
P5	“Na minha opinião a Reorganização Curricular não trouxe só vantagens, também trouxe desvantagens. A carga disciplinar dos alunos do 3º ciclo é demasiado pesada (são 16 disciplinas). Além disso e relativamente às áreas curriculares não disciplinares, penso que nem sempre atingem os objectivos à partida estabelecidos, em parte devido à falta de formação dos professores. Valorizo a área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado. Relativamente à Área de Projecto e à Formação Cívica penso que deveriam ser tratadas transversalmente, compensando com esses tempos disciplinas base como Língua Portuguesa e Matemática.”
P6	“Na minha prática, enquanto professora, a principal vantagem foi a passagem dos cinquenta para os noventa minutos. Na minha organização de tarefas de sala de aula parece-me muito bem, eu adaptei-me bem e acho que tenho mais rendimento. [...] Depois há disciplinas que perderam horas lectivas e outras ganharam, o Estudo Acompanhado não sei se dá muito resultado, eu como nunca fui professora de Estudo Acompanhado não tenho uma opinião muito formada sobre o assunto, mas acho que a maioria das turmas não dá muito resultado, mesmo a Área de Projecto, estas novas áreas curriculares não disciplinares não sei até que ponto elas serão produtivas, eu nunca tive nenhuma dessas áreas, mas pelo que eu ouço os colegas comentarem!”
P7	“...ao nível da [minha disciplina] eu prefiro muito mais aulas de noventa minutos mais quarenta e cinco, mesmo que os quarenta e cinco a nível prático seja pouco significativo, mas para aulas teóricas acho que é bastante bom. [...] Eu acho que a esse nível é um aspecto positivo na minha disciplina. [...] Nas outras disciplinas em que os miúdos têm de estar noventa minutos sentados, concentrados, a olhar para o quadro, a ouvir o professor... os professores têm que mudar algumas estratégias para conseguir captar a atenção dos miúdos durante noventa minutos sem

	<p>intervalo. O facto de não haver intervalos também é uma grande vantagem e quando há intervalos, eles serem maiores é muito bom, acho que nesse aspecto melhorou! [...] das áreas curriculares não disciplinar o Estudo Acompanhado acho que é uma área que dá bastante jeito, que dá sempre para reforçar aspectos pouco desenvolvidos nos miúdos, nas turmas. Agora, realmente, a área curricular não disciplinar Formação Cívica não acho muito útil, aliás eu acho que é uma opinião geral dos colegas quando falamos entre nós, que é a Formação Cívica, às vezes, acaba mais por tratarmos de problemas relacionados com a nossa direcção de turma do que propriamente trabalhar competências a esse nível. A Área de Projecto, é relativo, tanto pode dar para se fazer um magnífico trabalho se a turma colaborar como não [...] o grande problema [...] é que no terceiro ciclo era eu sozinha, portanto, enquanto que no segundo ciclo há dois professores, é o tal par pedagógico, eu por mais que quisesse sair com metade da turma para a biblioteca para ajudá-los a pesquisar no computador, a trabalhar com computador na Internet, não tinha essa hipótese porque eu não podia deixar metade da turma na sala e metade na biblioteca, nem podia trazer a turma toda para a biblioteca porque não há condições físicas para tal. [...] Considero que há alguns aspectos positivos. A Formação Cívica é que, continuo a dizer, não vejo muita utilidade porque os valores e atitudes, principalmente, que é uma das competências que se tenta dar sempre ênfase em Formação Cívica, conseguimos fazer isso nas outras disciplinas todas, até nos intervalos conseguimos nós contornar esses aspectos.”</p>
P8	<p>“Para além de algumas vantagens, como por exemplo a criação de Estudo Acompanhado, eu vejo algumas desvantagens na Reorganização Curricular. Acho que há uma grande sobrecarga horária, sobretudo no 3º ciclo... 16 disciplinas é muita coisa. Por outro lado foram criadas possibilidades de opção como por exemplo Música ou Educação Tecnológica ou mesmo Teatro, sem que as escolas tenham condições ou capacidades para corresponderem às expectativas dos alunos que as escolheram. Não interessa escolher Música para se limitar a fazer Biografias de músicos... ou Educação Tecnológica para fazer trabalhos teóricos...”</p>
P9	<p>“...eu vejo muitas vantagens, sobretudo aquela parte das áreas não disciplinares, por exemplo, a Formação Cívica, o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto...”</p>
P10	<p>“Tornou-se vantajoso. Por exemplo, uma área que foi criada de novo, que acho que estávamos a precisar dela, que veio substituir a Área Escola, que foi a Área de Projecto. Acho que essa área dá para os alunos trabalharem em grupos, desenvolverem a metodologia do trabalho de projecto, enquadrarem os vários saberes, essa eu acho que vale a pena. Relativamente à Formação Cívica, também acho que é necessária. [...]”</p>

	eu concebia o Estudo Acompanhado e a escola poderia nesse aspecto gerir assim, em vez de por no horário Estudo Acompanhado para toda a gente, punha Estudo Acompanhado para toda a gente, sim senhora, mas havia alunos que se escreveriam no Estudo Acompanhado, percebe. Não acho que Estudo Acompanhado deva ser obrigatório para alunos que passam a manhã connosco e de tarde passam-na com o explicador...”
P11	“...penso que trouxe vantagens! Eu acho os blocos de noventa minutos importantes porque eu acho que eles aprendem um bocadinho mais.”
P12	“Para mim a reorganização e com a integração e o aparecimento de novas disciplinas, as tais áreas curriculares não disciplinares, isto criou uma carga horária aos alunos muito, muito grande. Acho que se devia ter pensado um bocadinho melhor porque eles para além de todas as disciplinas que já têm, tem Área de Projecto que é a antiga Área Escola. Formação Cívica é interessante, acho que todos nós, professores, nas nossas aulas fazemos isso nas nossas disciplinas, portanto, não sei se realmente era necessário existir uma disciplina de Formação Cívica. A outra que é Estudo Acompanhado, acho que é interessante se... funcionar bem. Mas eu acho que os alunos ficaram com uma carga horária muito mais pesada. [...] blocos de noventa minutos, é bastante pesado tanto para o aluno como para o professor. Eu acho que estava bem como estava, cinquenta minutos. Noventa minutos é assim, os alunos ao fim de sessenta minutos já estão a ficar cansados. Pronto, o professor também tem que utilizar várias estratégias e obriga a mudar constantemente e a verificar... pronto, a fazer uma planificação da aula muito bem organizada, muito diferente do que fazia antes e a aula tem que ter uma parte mais calma e depois um pico... Exige do professor uma maior planificação, uma maior organização! [...] Reduzir de cinquenta minutos para os quarenta e cinco também [...] não dão para nada!”
P13	“...uma das vantagens é deixarmos de ter o incumprimento, se é que se pode dizer assim, do programa porque deixa-se aquele bocadinho e pode-se dar continuidade no ano a seguir. Isto, eu considero que era uma vantagem se realmente o professor, do ano a seguir, tiver sempre o cuidado de ir ver o que é que ficou para trás por dar. [...] Claro, se o professor não tem isso em conta, fica ali uma lacuna. [...] Em termos de adaptação dos currículos, da parte pedagógica, dos conteúdos, houve alguma alteração, em algumas disciplinas pode ter sido proveitosa, na minha disciplina penso que não foi! Os blocos de 45’ não dão para nada. Os de 90’ realmente são bons, mas isso era se toda a gente tivesse blocos de 90’. Pronto, os professores queixam-se que os meninos ficam mais inquietos, mas é uma questão de programar a aula de outra maneira, [...] para disciplinas, por exemplo, que só tenham blocos de 45 rende muito pouco, nota-se isso. [...] Em relação às novas áreas



	curriculares acho que o Estudo Acompanhado está mal equacionado, não funciona, pelo menos por aquilo que eu tenho visto, [...] há miúdos que aproveitam, mas são poucos porque aos restantes aquilo não lhes diz absolutamente nada! Da parte da Formação Cívica acho que é muito útil, acho que tem que ser trabalhada, acho que dá espaço para debater, dá espaço para lhes dar formação noutros assuntos que são, ao fim e ao cabo, aquilo que está definido para aquela disciplina. Na Área de Projecto, acho que é uma substituição da Área Escola, que não tem grande lógica porque regra geral, é o que eu digo, se para uns que aproveitam bem até terá..., para outros miúdos não lhes diz absolutamente nada, aquilo não os motiva, não os incentiva a participar e, portanto, é um tempo perdido!...”
P14	“Olhe, vantagens... Não posso falar muito em relação às outras disciplinas todas! Nós fomos prejudicados em termos de blocos porque é assim, esses 45' desse bloco era importante porque era onde nós reuníamos a parte mais teórica e a parte dos 90 dava perfeitamente para a gente ver, desenhar... Agora não, temos que gerir [...] como há um tempo muito longo porque tivemos aqui 90' e vamos ter na outra semana outros 90', só passados oito dias é que eu tenho os mesmos alunos. [...] há uma necessidade e um desgaste do professor de no início de cada aula em retomar a aula anterior, [...] acho que há uma quebra no rendimento dos nossos alunos. [...] em termos de vantagens foi criado o Estudo Acompanhado, o Trabalho de Projecto [...] e mais disciplinas foram criadas, Música... depende das condições da escola...! Acho que cada vez ocupa mais a carga horária dos alunos! [...] há um excesso de horas na escola dos alunos...”
P15	“...poucas ou nenhuma! Estas áreas curriculares não disciplinares acho que não vieram acrescentar nada!”
P16	“Eu não sou apologista desta nova reorganização! A maior desvantagem que eu encontro, no meu caso concreto, passa a ser um maior número de alunos por professor para mim é isso a maior desvantagem! Veio tornar o ensino uma coisa muito mecanizada! [...] Aquela relação que existia entre professor/aluno vai ter de desaparecer porque passamos a ter onze turmas... nós somos quase como robôs que despejamos a matéria, pomos a trabalhar um bocadinho e depois vem outra turma, depois vem outra, isto é um aspecto muito negativo!”
P17	“Nenhuma, na minha opinião.”

**Dimensão: Organização e Gestão Curricular****Categoria: Gestão Flexível****Subcategoria: Planos Curriculares**

	Unidades de registo	
	<i>Na sua opinião, as escolas deveriam ter autonomia para introduzir disciplinas/áreas curriculares nos planos curriculares dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico?</i>	<i>As escolas devem ter autonomia para organizar os tempos lectivos dos planos curriculares?</i>
P1	“Penso que deveria poder, mas tomando em conta os recursos materiais, não é, a disponibilidade das salas... Havendo uma identificação da escola/meio, penso que é benéfico para o aluno!”	“Sim, sim... Tendo em conta as especificidades da escola, a questão dos horários de autocarros...”
P2	“Não. Eu acho que tanta autonomia, ou seja, introduzir novas disciplinas, novas áreas disciplinares, isso não concordo. Eu penso que as áreas disciplinares já existentes nos programas, disciplinares ou não, é que a escola poderia ter ... dar mais ênfase ou menos ênfase, até porque a carga horária dos miúdos é bastante pesada. Eu estou a imaginar isto sem mexer no tal tronco comum!”	“... Eu acho que sim, que deve ter autonomia apesar de às vezes poderem surgir situações complicadas, ... [...] nós muitas vezes queixamo-nos quando as coisas nos são impostas, mas depois quando somos nós a gerir também custa sermos nós a resolver, porque as questões não são pacíficas. Dar mais carga horária a uma disciplina ou a outra não é fácil. [...] A autonomia da escola a esse nível é muito pouca!”
P3	“Talvez as escolas pudessem introduzir algumas disciplinas,	“Sim.”

	disciplinas ... áreas, não é bem disciplinas, áreas principalmente para aqueles alunos que não fazem ou que não têm capacidades ou que não querem fazer mesmo rigorosamente nada nas aulas acho que deveriam ter outras ocupações, alternativas ...”	
P4	“Eu não sei até que ponto depois isso poderia trazer diferenças. O currículo comum por um lado é um currículo comum com continuidade, nós agora que estamos em agrupamento ... essa continuidade acabava por nos transmitir determinadas situações sobre o aluno. Com o currículo diferente, não sei até que ponto poderia trazer divergências entre escolas!”	“Sim.”
P5	“Complicado. Acho que devemos ter autonomia para... sem dispersar muito e sem sobrecarregar os alunos. No entanto, por exemplo, no que diz respeito ao ensino especial a autonomia devia ser maior, de modo a ajudarmos a integrar, realmente, os alunos na sociedade, nem que para isso devam ter aulas de culinária, estética, jardinagem, artesanato...”	“...apesar de concordar com a autonomia nas escolas, acho que essa mesma autonomia pode levar a determinados erros. O que está certo para a escola A, pode estar errado para a escola B e isso causa-me uma certa confusão. Deve ser deixado algum espaço de manobra para a escola, mas deve haver o tal tronco comum!”
P6	“Eu acho que sim, que isso seria muito vantajoso. Poder acrescentar ao tronco comum ou porque tivessem no corpo docente pessoas disponíveis ou porque os alunos se mostrassem interessados em... ou porque o próprio local onde elas estão inseridas pedissem no sentido de... imaginemos, não sei se me estou a explicar muito bem, nesta área... qualquer coisa relacionado com hotelaria, por exemplo,	“Sim, isso já acontece!”

	se nós pudéssemos inserir no currículo uma disciplina mais prática que os preparassem e eu estou a pensar naqueles alunos que só querem fazer o nono ano, mas que depois saem do nono ano e porque não gostam da escola nem nada disso, saem do nono ano sem nada que os oriente, nada que os chame à atenção para a vida prática, para o trabalho!”	
P7	“Deviam porque uma escola que tivesse condições físicas para ter uma, duas ou três salas com computadores para desenvolver a parte da informática com os alunos, porque não fazê-lo? Se tivesse condições para desenvolver actividades que pudessem ser úteis na vida activa dos alunos e futuros adultos, eu acho que devia ter autonomia para isso.”	“Mas isso já é estipulado pelo Ministério...”
P8	“Sim. Também concordo, desde que sejam realistas quanto à possibilidade de concretização.”	“Sim, partindo do princípio que é racional, realista, adaptado ao perfil dos seus alunos.”
P9	“...eu concordo, de acordo com as necessidades dos alunos, eu acho que sim!”	“Sim.”
P10	“Acho que deviam ter autonomia para isso, mas acho que já têm!”	“Concordo, acho que sim!”
P11	“Sim!”	“Mais um bocadinho de autonomia!”
P12	“Eu acho que deve haver um tronco comum e depois a partir das diferenças dos alunos e das opções dos alunos, deveria haver mais	“Está a falar das disciplinas, eu ia dizer que não. Ora bem, há um problema, por exemplo na minha disciplina... nós no sétimo ano

	opções a nível de disciplinas para os alunos escolherem as disciplinas que tenham mais a ver com eles.”	temos 90’ mais 45’, no oitavo ano temos 90’ apenas e no nono ano temos novamente 90’ mais 45’. No oitavo ano noventa minutos uma vez por semana não é suficiente. Acho que a escola... lá está, mas também não há espaço naquilo que é definido pelo Ministério na carga horária total para poder aumentar e então, aqui na escola, escolheu-se por reduzir no oitavo ano.”
P13	“Penso que sim, que podia. Claro que isso poderia levar a que umas escolas fossem mais preteridas que outras, mas podia!”	“Devem!”
P14	“Sim, sim, até porque, por exemplo, esta escola gostaria muito da dança só que nós não temos espaço para ter uma sala só para a dança. A dança implica ter espelhos ter uma sala só própria para a dança, portanto, eu acho que cada escola tem que... acho que está correcto, não é, devia ter essa possibilidade!”	“Sim.”
P15	“...eu acho que é um bocado complicado porque eles já estão muito sobrecarregados com muitas disciplinas!”	“...por exemplo, agora no sétimo ano a Físico-Química só tem dois tempos e eu acho isso muito mau. Antigamente tinham só no oitavo penso que eram quatro... acho que era mais benéfico! Acho que era melhor mais carga horária..., talvez menos anos e mais carga horária nos anos em que se tem! Ao fim e ao cabo eles têm muito mais disciplinas e eu penso que ficam a saber pouco de cada disciplina e, no fim do ano, eu acho que vão na mesma saber pouco!”
P16	“Se calhar era o ideal porque sabemos que existem alunos que não	“Eu aí dizia que não, que não porque há disparidade! Há escolas,

	se enquadram, não se dão muito bem com este tipo de currículo. Seria uma alternativa principalmente em alguns lugares, em algumas localidades! Seria uma forma de chamar os alunos à escola!”	como no nosso caso, em que a componente será de cerca de seis horas, noutras são sete, se eles são avaliados no fim por causa disso vai haver disparidades muito grandes e a culpa não é deles porque determinadas escolas optaram por privilegiar outra área qualquer!”
P17	“Não.”	“Alguma autonomia, mas regulamentada a nível central.”

**Dimensão: Organização e Gestão Curricular**

**Categoria: Gestão Flexível**

**Subcategoria: Contextualização do Currículo**

	Unidades de registo				
	<i>Em termos curriculares, que estruturas da escola devem ter maiores competências?</i>	<i>Considera que a gestão curricular é uma condição essencial para a construção da autonomia curricular dos professores?</i>	<i>Considera que os professores devem ser agentes diferenciadores/gestores do currículo na escola? A que nível devem fazê-lo?</i>	<i>Esta nova gestão curricular leva a uma mudança nas práticas curriculares dos professores? Pode concretizar?</i>	<i>Na sua opinião, esta nova gestão curricular traz vantagens para os alunos? Permite melhorar/diversificar as aprendizagens dos alunos?</i>
P1	“O conselho pedagógico”	“Penso que sim!”	“...os professores é que têm sempre a responsabilidade não é? Por isso o comandante do navio é sempre o professor, a liderança é sempre do professor...”  “Penso que todas estas áreas, penso que todas!”	“Leva, leva. É a própria, formação contínua que ele faz... e a sua experiência.”	“Eu penso que sim, que permite diversificar as aprendizagens dos alunos.”
P2	“Aqui na escola quem	“Sim, sim.”	“Sim, pode fazê-lo ao nível do	“Muito devagarinho,	“Eu acho que só traz

	<p>está exactamente dentro deste assunto é o conselho executivo, são os coordenadores de ciclo, porque nem todos os professores foram informados nem estão informados sobre isto. Isso acontece pelo seguinte, os professores mudam de escola para escola, [...] Se não são directores de turma, se não pertencem a um órgão de decisão ou de coordenação, muitas vezes passa a informação um bocadinho ao lado daqueles professores. Enquanto órgão quem deveria estar, não estou a ver mais nenhum grupo que possa [...] a direcção da</p>		<p>regulamento interno, do projecto educativo da escola.”</p>	<p>provavelmente, sim. Provavelmente já estarão a mudar, mas pouco. Eu como professora sei que os alunos podem ter grande vantagem nisso, mas a tendência é defender-me. Nem todos concordam a 100% com esta reorganização, uns concordam mais, outros concordam menos. Lentamente é provável que já esteja a haver algumas mudanças, mas elas são muito lentas!”</p>	<p>vantagens para os alunos. Melhorar, diversificar e, sobretudo, ir ao encontro dos interesses deles. “</p>
--	--	--	---	---	--



	escola, os directores de turma através dos coordenadores de ciclo e os coordenadores de departamento através do conselho pedagógico.”				
P3	“Se tiver de ser alguém que seja o pedagógico, é o órgão máximo da escola!”	“Claro!”	“Sim.”	“Houve uma mudança, claro!”	“Sim, sim, acho que sim.”
P4	“Entre grupos se calhar funcionará melhor. Agora, o departamento em si deverá ter a preocupação de ver os conteúdos programáticos que poderão transitar, ou ser mais abordados ou menos, ou farão mais ou menos falta...”	“Sim.”	“Sim. Eu acho que devem ser ouvidos e intervir nessas áreas!”	“Sim, leva!”	“Eu acho que sim!”

P5	<p>“O conselho pedagógico, os grupos disciplinares e os conselhos de turma.”</p>	<p>“Sim.”</p>	<p>“Sim, sim. Em todas as áreas, desde que seja feito pedagogicamente correcto e usando sempre de equilíbrio e de bom senso.”</p>	<p>“Pelo menos deveria levar. Ao pretender fazer a gestão do currículo, o professor, automaticamente, é obrigado a uma mudança nas práticas curriculares.”</p>	<p>“A gestão flexível do currículo tem as suas vantagens, é importante porque o país não é igual de Norte a Sul, mas implica riscos, visto que os exames nacionais são iguais de Norte a Sul.”</p>
P6	<p>“Eu acho que isso pode ser definido pelo conselho pedagógico onde estão os representantes de todos os departamento e onde pode chegar a voz de todos os grupos e de todos os departamentos. É uma coisa que pode ser discutido em grupo e depois em departamento e depois chegar a conselho pedagógico.”</p>	<p>“...acho que sim! Promove a autonomia do professor.”</p>	<p>“Acho que sim. Eles é que estão, mais do que o conselho pedagógico, eles é que estão em contacto com os alunos...”</p>	<p>“Acho que sim, mas... sinto-me insegura sobre esse assunto porque eu só conheço as minhas práticas, eu nunca observei aulas de ninguém, ao nível do grupo conversámos, decidimos, mas eu não tenho opinião. Em relação às minhas práticas, acho que sim que interfere.”</p>	<p>“Traz. Eu acho que se o professor tiver autonomia para desenvolver seja o que for, dedica-se mais, compromete-se mais, é uma questão de motivação também. Se o professor estiver motivado a desenvolver qualquer coisa que ele próprio gosta, acho que vai levar a que os alunos se comprometam mais, desenvolvam mais!”</p>

P7	“Os grupos disciplinares e o conselho pedagógico.”	“Sim.”	“Sim, porque os professores lidam com os alunos e são as pessoas que melhor conhecem os alunos e podem a partir daí flexibilizar o currículo. Em todas.”	“Não, faz com que o professor adapte essas práticas curriculares.”	“Pode. Sem dúvida!”
P8	“O Conselho Pedagógico e os grupos disciplinares.”	“Sim, acho que sim.”	“Claro que sim. Portanto, devem gerir o currículo através da representação que têm no pedagógico. A todos os níveis, se bem que com alguma cautela no que diz respeito aos programas.”	“Cria diferentes níveis de ensino aprendizagem que obrigam a um trabalho mais exigente e criterioso por parte do professor, na preparação das unidades de ensino a privilegiar.”	“Acho que traz vantagens para os alunos. Se bem que tem de ser trabalhado com cuidado para não nos desviarmos do tal padrão...”
P9	“...podia ser o conselho pedagógico que está lá tudo...”	“...Isto na prática dá alguma autonomia, mas não se é assim tão importante para o professor ou para uma autonomia do professor!”	“Podem e têm conhecimento para isso. Em todos esses...”	“Leva, leva!”	“Essa parte... depende da escola! Eu prefiro dizer assim: depende de cada caso!”
P10	“...um representante de	“Sim, acho que sim.”	“Devem, acho que sim. Em	“Há-de levar! Ainda	“Traz! Permite ver, se

	cada departamento.”		termos de actividades, acho que nós poderíamos diversificar imenso as actividades.”	não, mas há-de levar! Seremos obrigados a isso porque os alunos não correspondem..., se formos pelo modelo tradicional não temos alunos daqui a uns tempos!”	calhar, quais são as verdadeiras apetências que os miúdos, que alguns alunos trazem e fazer com que eles enveredem por determinadas áreas [...] porque os alunos são todos capazes, não é, podem é não ser capazes daquilo que nós estamos a exigir. Podem até... terem outras habilidades que nós não conhecemos e serem excelentes nessas áreas que nós não estamos a privilegiar. Poderá, nessa parte, ser muito vantajoso para alguns alunos.”
P11	“...principalmente os grupos disciplinares.”	“Pode ser decisivo!”	“Sim, sim. Na avaliação, nas actividades e no acompanhamento dos alunos.”	“Sim, penso que sim!”	“Penso que sim!”

P12	<p>“O conselho pedagógico juntamente com os departamentos curriculares... acho que devia ser feito por todos.”</p>	<p>“Eu acho que continuo a ter autonomia curricular... Eu tenho autonomia na minha aula, mas curricular, não sou eu que decido os programas, porque se fosse eu a decidir decidia isto de maneira diferente. Essencial não sei se será, mas importante acho que sim!”</p>	<p>“Poderá ter. Os professores já fazem tudo e mais alguma coisa, não é? Poderá sugerir alguns caminhos, agora estar ali sempre em tudo, acho que já se exige muito, muito de nós! Todos. Atenção com o acompanhamento dos alunos, isso é uma parte que diz também muito respeito aos pais, não só aos professores.”</p>	<p>“Sim, estamos sempre a adaptarmo-nos a situações e a alunos novos e eles também a nós... Eu penso que isso vai acontecer sempre!”</p>	<p>“Claro que vai trazer porque se nós abordamos assuntos que têm mais a ver com eles se formos mais flexíveis..., aquilo que se vai ensinar, a forma como vai ser avaliado, isto envolve tudo não é, claro que os alunos podem vir a ser beneficiados...”</p>
P13	<p>“...o conselho pedagógico é o órgão mais competente.”</p>	<p>“Penso que sim.”</p>	<p>“Devem ter esse papel, exactamente. Eu acho que todas essas devem ter..., eu acho que têm essa obrigação, já está quase que inerente, cada um dos professores ter essa função!”</p>	<p>“Leva. A partir do momento em que deixamos de nos guiar por um programa, por um manual que está organizado e somos nós a gerir como vamos dar e quando, e com que base em quê...”</p>	<p>“... Eu acho que traz porque é assim, a partir do momento em que se pode gerir e que nós conhecemos os meninos e que vemos as dificuldades que eles têm, nós também podemos adaptar melhor os conteúdos e ver como é</p>

				Penso que sim, que leva a um esforço diferente...”	que eles vão progredir, penso que sim!”
P14	“Para mim é o conselho pedagógico.”	“Eu acho que sim.”	“Quer dizer, nós já temos..., no fundo eu acho que sim! Eu acho que todos!”	“Eu acho que sim! É obrigado a mudar!”	“...aqui também acho que tem que ter vantagens porque é neles que eu penso sempre, não é!”
P15	“O conselho pedagógico!”	“É difícil! [...] temos que ter certos limites, mas acho que pode ser importante!”	“Acho que sim, sim! Acho que pode em todos esses!”	“Alguma, alguma...!”	“Se tivermos em conta os gostos deles e os interesses, mas acho que não podemos ir por aí, não podemos só atender aos gostos e aos interesses, não é, acho que há coisas básicas que eles têm que aprender! Eles também têm que se motivar a eles próprios e acho que é muito isso que falta, acho que os pais têm que participar na motivação, acho que eles têm que crescer e acho que

					isso não acontece, fazemos muitos projectos, muitas coisas e... não chega só o esforço da parte dos professores!"
P16	"Os departamentos! Penso que deviam ouvir um bocadinho mais os departamentos!"	"Sim, acho que sim."	"Já o faz! Eu penso que sim! Em todas essas áreas. Já começa a fazê-lo!"	"Deveria, mas não está a acontecer da forma que se esperava, não é! Mas acho que já há professores que começaram a mudar as estratégias no sentido de facilitar as aulas aos alunos!"	"À partida deveria, mas eu até agora não vi grandes vantagens!"
P17	"As que existem no momento."	"...os professores, em minha opinião, não querem, não precisam, nem reivindicam mais autonomia curricular. De tanto se falar até parece que alguém quer impor... São os	"Os professores sempre foram gestores de tudo isto e desde há muito o fazem a todos estes níveis."	"Desconheço..."	"Se traz vantagens, que estas sejam mostradas, publicamente, através dos seus resultados. Após a análise desses resultados, estruturarei a minha própria opinião."

		teóricos quem, na defesa das suas teses e das suas investigações, fazem tal defesa. Naturalmente para, via legislação regulamentadora, imporem essas mesmas teses. Incluídas nestas, as da autonomia curricular.”			
--	--	---	--	--	--



**Dimensão: Práticas Curriculares****Categoria: Departamentos Curriculares****Subcategoria: Articulação Curricular**

	Unidades de registo	
	<i>Considera que com os Departamentos Curriculares se conseguiu uma coordenação curricular entre os Grupos Disciplinares afins ou não surgiram mudanças significativas em relação ao que se passava ao nível de Grupo?</i>	<i>Os Departamentos Curriculares devem ter competência para implementar e desenvolver componentes curriculares da iniciativa da escola?</i>
P1	“...a nível de grupo disciplinar continuaram na mesma, não é! A nível de departamento trouxe uma maior interligação nas tarefas, actividades a realizar.”	“Penso que sim, penso que sim. Posso dar o caso deste ano que aqui em ... tem a criação do futsal e na escola também se organizou um torneio com as regras do futsal em que todas as turmas participaram e houve uma introdução dessa nova modalidade que não fazia parte do programa.”
P2	“Eu acho que a questão, dos departamentos curriculares, trouxe maior actividade entre nas disciplinas, mas depois é difícil realmente conciliar. A forma como a escola está organizada em termos de horários é complicado. Eu acho que as diferenças que houveram, se calhar, foi para pior!”	“Penso que sim!”

P3	“... eu não notei nada!”	“Sim, se tiverem vontade acho que sim!”
P4	“Não vejo que tenha havido uma mudança, assim, tão significativa. Mais ou menos funcionam como funcionavam. Pode haver grupos que reuniam isolados e agora reúnem com o departamento, só mesmo uma questão de gestão de programas, de planificação; se os programas são extensos poderá uma parte que fica para o ano seguinte. Houve uma parte dos conteúdos que retiramos porque no sétimo ano eram repetidos.”	“Eu acho que sim!”
P5	“Na minha opinião, agora é mais difícil passar todas as informações. O coordenador de departamento encontra-se muito mais sobrecarregado. A coordenação entre os grupos..., depende do coordenador, isso depende muito do coordenador. Há departamentos curriculares que funcionam muitíssimo bem e há outros que não funcionam tão bem e há outros que funcionam mal. Mas também não vejo grandes vantagens nisso, acho que foi mais um pró-forma!”	“Sim!”
P6	“Eu acho que a única vantagem é que se tem mais noção e se houver vontade podem caminhar todos no mesmo sentido, mas não me parece que seja isso que está a acontecer!”	“Acho que sim!”
P7	“Nesta escola funciona como funcionava antes porque o departamento para já ainda é só constituído por um grupo disciplinar do segundo e do terceiro ciclo. Mas já estive numa escola em que o	“Sim, acho que sim e propõe e depois se for aceite muito bem, se não for aceite muito bem na mesma.”

	departamento englobava vários grupos disciplinares e não havia uma coordenação bem feita em relação aos assuntos gerais. [...] Não acho que tenha havido melhorias nesse aspecto. O problema, [...] dos departamentos com vários grupos disciplinares, aconteceu isso na escola onde estive, tivemos um problema no [meu grupo] e tivemos que convocar todos os professores desse departamento só para tratar assuntos relacionados só com uma disciplina e os colegas mostraram o seu descontentamento, como é óbvio.”	
P8	“Acho que os Departamentos Curriculares não funcionam como processo de uma interligação mais efectiva entre os grupos. Estes continuam a trabalhar de forma estanque, na maioria dos casos. Na minha opinião o processo complicou-se e algumas informações perdem-se pelo caminho.”	“Sim.”
P9	“Sim, sim há!”	“Sim, eu acho que sim.”
P10	“Ainda não surgiram, mas eu acredito que vão surgir! É essencial surgirem! Elas existem, os professores é que funcionam um bocado na sua concha ainda, mas hão-de abrir a concha e vão..., levará o seu tempo, mas acho que vão mudar!”	“Acho que tem! Acho que pode!”
P11	“Mais ou menos continua como era antes!”	“Sim, acho que tem!”
P12	“Não, surgiram mudanças no aspecto em que nas reuniões de departamento, por exemplo aqui, é muita gente. É bom estarmos a	“Sim.”

	trocar as nossas ideias e as nossas opiniões com os nossos colegas. Isso é importante! Agora sinceramente eu acho que continua a haver ainda o grupo A, o grupo B e o grupo C, em que as coisas são preparadas em conjunto, as actividades extra curriculares e isso, mas no entanto à última da hora surge sempre alguma coisa que os outros colegas não estavam ao corrente.”	
P13	“Eu acho que não surgiram mudanças muito significativas!”	“Acho que sim!”
P14	“Não, houve, houve! Houve mudanças em termos de coordenação muito mais e houve em termos de departamentos, [...] as disciplinas entre si ligam-se mais, organizam-se mais, porque estamos todos, há um todo, não é, há uma maior sequência dos conteúdos, por exemplo, entre os quintos e sextos anos. Entre grupos não há tanto, mas também há! Mas também acho que devia haver, não é!”	“Sim, têm!”
P15	“...Este ano não senti, mas acho que pode ser importante!”	“Talvez! Em algumas circunstâncias!”
P16	“Com a experiência do ano passado funcionou muito bem, nós articulamos mesmo tudo, fizemos tudo em conjunto. Este ano não, absolutamente, nada, nada! Portanto, isto varia um bocadinho!”	“Sim.”
P17	“Surgiram mudanças, na medida em que toda a coordenação curricular se tornou mais difícil...”	“Se a escola optar por essa direcção e de acordo com o permitido, sim.”

**Dimensão: Práticas Curriculares****Categoria: Departamentos Curriculares****Subcategoria: Integração Curricular**

	Unidades de registo
	<i>Com a formação dos Departamentos Curriculares houve uma mudança nas atitudes colaborativas dos professores? E nas práticas curriculares?</i>
P1	<p>“O nosso grupo funcionou sempre assim, não foi por haver esta mudança que passou a ser assim. Do segundo ou do terceiro ciclo sempre funcionamos como um só, é uma só voz.”</p> <p>“Penso que houve uma maior ligação, [...] não só pela criação de actividades para o plano anual de actividades, como uma maior ligação e conjugação de várias disciplinas que até lá estavam [...] sozinhas, portanto, de um modo mais independente!”</p>
P2	“Se calhar começa a haver. Antigamente era só os grupos disciplinares, agora com os departamentos curriculares a discussão passa por várias disciplinas. Nesse aspecto sim, a haver alguma discussão é mais diversificada, portanto, são professores de diferentes disciplinas, em algumas actividades, geralmente discutem!”
P3	“Igual, absolutamente!”
P4	“Nesse aspecto acho que sim. Houve toda uma readaptação com a própria mudança do ensino, teve que haver mesmo, forçosamente!”
P5	“Há mais discussão e há uma maior atenção para determinados aspectos, mas para que isso aconteça é necessário que o coordenador

	'puxe a carroça', ou seja, 'anda tudo a toque de caixa'!"
P6	"Não, parece-me que não. Eu também acho que não houve grande alteração!"
P7	"Eu ainda não posso responder muito bem a isso porque aqui continuamos só o nosso grupo."
P8	"Apenas esporadicamente, a prática do geral dos colegas manteve-se."
P9	"...sobretudo entre aqueles que fazem parte do mesmo... departamento, há sempre!"
P10	"Ainda não, mas caminhamos para lá! Olhe é muito difícil! Eu posso contar a experiência que tive este ano, que no início do ano tentamos numa reunião com o grupo mais próximo, tentamos articular conteúdos e não conseguimos, portanto, isso significa que está difícil. Nós temos vontade, queremos mudar, mas nem todos querem e enquanto nem todos quiserem não vai ser fácil. As pessoas funcionam um bocado assim, ainda, 'eu dou isto e não quero saber do que é que vocês dão'. [...] Mas também dá muito mais trabalho ter que programar uma aula em conjunto do que programar uma aula sozinha, não é? Se eu tiver que programar as minhas actividades todas em colaboração com outros professores estou a expor-me e as pessoas têm um bocado de dificuldade em expor-se, nesse aspecto!"
P11	"Nem por isso! Não, nem por isso! Acho que até há mais confusão e cada um 'puxa a brasa para a sua sardinha', é óbvio."
P12	"...acho que aos poucos vai acontecendo, para já está ainda um bocadinho frio. Não, houve mudanças, mas acho que deve haver ainda mais, maior troca de ideias, de materiais, etc."
P13	"Também tenho a impressão que não! Digamos que, por exemplo, em termos de actividades se calhar até se conseguiu, a nível curricular penso que não! Eu acho que até se deveria caminhar nesse sentido, agora [...] as mudanças nunca são rápidas nem imediatas, é preciso tempo para implementarem-se! Se calhar com o passar de um, dois anos ou três, até as pessoas acabam por se adaptar e pensar que é assim, agora para já acho que não. Depois, lá está, tudo isso implica um esforço que é se nós juntarmos num departamento vários grupos, o

	interesse seria que do ponto de vista curricular houvesse ali uma coordenação, eu dizer assim ‘eu vou dar <i>isto</i> aqui e dava-me jeito que tu desses <i>isso</i> antes...’, mas isso para já não funciona. Não funciona essencialmente porque ‘eu trato das minhas coisas, tu tratas das tuas e ele trata das dele’, portanto falta aqui isso! A essa articulação ainda não chegamos!”
P14	“Sim, houve, houve bastante!”
P15	“Não, ainda não!”
P16	“Não, mudou! Eu acho que começa-se a trabalhar ao nível de um grupo maior, o grupo/departamento! Numas escolas melhor, noutras pior, mas o grupo/departamento já começa a trabalhar!”
P17	“Os professores são os mesmos. À partida não se percebe porque é que mudando o nome a uma estrutura as práticas e as atitudes deveriam mudar...”

**Dimensão: Práticas Curriculares****Categoria: Grupos Disciplinares****Subcategoria: Programação Curricular**

	Unidades de registo					
	<i>O Grupo Disciplinar a que pertence faz a programação no início do ano lectivo? A que nível é definida a planificação das unidades didácticas, nomeadamente os critérios que estão na base da selecção e organização de conteúdos?</i>	<i>A programação contempla estratégias específicas para o desenvolvimento de capacidades, atitudes, valores por parte dos alunos?</i>	<i>As instruções/orientações metodológicas do Ministério da Educação são fundamentais para a gestão do programa pelo seu Grupo Disciplinar?</i>	<i>Costumam introduzir outros conteúdos que não vêm nos programas?</i>	<i>O que lhe parece que resulta de mais positivo na programação ao nível de Grupo Disciplinar?</i>	<i>Os programas disciplinares actuais do Ministério da Educação são flexíveis possibilitando uma adaptação ao contexto real de cada escola?</i>
P1	“É a nível de grupo. A selecção de conteúdos é a nível	“Sempre, sempre, o psicomotor, atitudes e valores!”	“São fundamentais.”	“Este ano aconteceu, como já referi atrás.”		“Parece-me que pouca flexibilidade!”



	de grupo devido aos recursos materiais que existem, às instalações...”					
P2	“Parece-me que pouca flexibilidade!”	“Na planificação propriamente dita não, mas nos critérios de avaliação sim.”	“São importantes!”	“Temos feito adaptações, não é que não venham nos programas, vêm indicados nos programas nacionais como sendo dados em anos de escolaridade mais tarde, mas tendo em conta o meio em que estamos envolvidos temos introduzido mais cedo.”	“Eu acho que o que traz de mais positivo é dar a oportunidade de todos os alunos que frequentam a escola terem acesso ao mesmo tipo de conteúdos, o mais parecido possível!”	“Sim, é o que nós fizemos com duas actividades, como disse anteriormente, vamos ao encontro do meio envolvente.”
P3	“Sim, fazemos. A planificação anual é feita a nível de grupo.”	“Isso fica ao critério do professor, fica ao critério de cada um.”	“Se manda a gente tem que obedecer, não é?”	“Se for preciso e se vier ao caso, sim!”	“Ao nível de grupo, pronto, é uma questão de se cumprir aquilo a que nos sujeitamos e cumpre	“São para ser cumpridos como vem!”

					toda a gente. Andamos todos mais ou menos a par e toda a gente dá os mesmos conceitos. De um modo geral, claro!”	
P4	“No início do ano lectivo, a anual. Depois fazemos planificação a médio prazo por unidades temáticas, desenvolvimento de capacidades para o primeiro, segundo e terceiro período. É feita pelo grupo.”	“Atendendo às capacidades, às atitudes e os valores, é nesse sentido que é feita toda a avaliação!”	“Não. São tidas em conta, mas depois têm que ser adaptadas às situações reais!”	“Depende. Há turmas de maior rendimento que a pessoa pode transmitir mais algum conhecimento, há outras que não, até na própria turma de uns alunos para os outros!”	“Eu acho que sendo uma programação ao nível de grupo, no fundo, todos os alunos estão em pé de igualdade para as competências que se definirem.”	“Permitem alguma adaptação ao tipo de alunos da turma que temos. Portanto, permitem alguma flexibilidade.”
P5	“É feita uma planificação a longo e médio prazo no início do ano lectivo. Posteriormente, é feita uma planificação de	“Sim, sim.”	“São uma orientação!”	“Quando não há tempo sequer, para cumprir com o que foi planificado, não nos podemos dar ao luxo de introduzir	“A ponderação, a análise, a discussão e principalmente a aferição de critérios.”	“Dizer que os programas do Ministério da Educação são flexíveis é, em minha opinião, pura demagogia. Se os

	<p>unidade por unidade. É elaborada uma proposta pelo coordenador, que depois é analisada, debatida e aperfeiçoada em grupo.”</p>			novos conteúdos.”		<p>programas não forem cumpridos os alunos serão prejudicados nos exames nacionais. No que diz respeito a uma das disciplinas que lecciono o programa nacional continua extenso, não sendo de todo possível pô-lo em prática apenas com um bloco e meio de aulas por semana.”</p>
P6	<p>“Sim. A nível de grupo, mas de uma forma informal, não é uma coisa feita muito..., dá para um professor adaptar à sua turma!”</p>	<p>“Sim, sim.”</p>	<p>“Não são decisivas!”</p>	<p>“Não, que não estejam nos programas não. Que não estejam nos manuais que são adoptados, isso é comum, agora que não estejam nos programas não.”</p>	<p>“A troca de experiências e adaptar o próprio programa à realidade da escola.”</p>	<p>“Olhe, eu acho que podemos. No entanto, no meu caso acho que seria demasiado ambicioso nós conseguirmos cumprir o programa todo, mas adapta-</p>

						mos de forma a desenvolver as competências essenciais. Portanto, o programa permite seleccionar conteúdos de maneira a desenvolver as competências essenciais.”
P7	“Sim. A nível de grupo.”	“Não. A programação contempla [...] os conteúdos disciplinares única e simplesmente. Agora, a parte das capacidades, as atitudes, [...] à medida que vamos dando as aulas, avaliando, falando com os alunos, temos sempre em atenção essas...”	“Sim, servem sempre como uma referência para elaborarmos o plano anual.”	“Todos os conteúdos que nós introduzimos aqui na escola vêm no programa do Ministério. O que fizemos aqui foi antecipar a abordagem de uma actividade relativamente ao ano em que estava previsto.”	“Que há uma coerência muito grande entre os colegas, conseguimos coordenar as actividades de modo a que não haja ao mesmo tempo aulas com a mesma actividade, porque logo tínhamos limitações a nível de material, estamos	“Sim.”

		esses itens!”			em consonância uns com os outros mesmo em termos de avaliações, sabemos sempre aquilo que estamos a dar, o que os colegas estão a dar e sabemos que no ano seguinte... sabemos que aquelas turmas que não tinham sido nossas que deram isto, isto, isto... porque foi tudo elaborado em conjunto!”	
P8	“Sim. Há uma planificação anual, a longo prazo, feita no início do ano. Período a período, o grupo faz uma planificação a médio	“Sim. Penso que é geral em todas as disciplinas.”	“Não, não acho que sejam!”	“Não é muito costume. Faz-se quando o perfil, as características da turma o exigem, às vezes em consequência de algum	“É a aferição de conteúdos e critérios, às vezes de estratégias.”	“No caso da minha disciplina acho que sim.”

	<p>prazo, com a selecção de conteúdos e critérios a seguir, sempre com uma margem à tal autonomia do professor que é livre de gerir os conteúdos e estratégias em função do perfil da turma e do plano de trabalhos da turma. No fim do ano, procuramos que a planificação inicial tenha sido cumprida por todos.”</p>			acontecimento extraordinário.”		
P9	<p>“Sim, faz-se a nível de grupo.”</p>	<p>“É assim, não tem estratégias específicas, mas nós depois vamos trabalhando isso nas reuniões.”</p>	<p>“São, são!”</p>	<p>“Não.”</p>	<p>“É conhecer mais experiências!”</p>	<p>“Permite que faça uma adaptação!”</p>

P10	<p>“Faz. Juntamo-nos, fazemos a planificação de acordo com o programa da disciplina, vemos as actividades que em conjunto podemos desenvolver e fazemos uma programação a longo prazo. Depois mais ou menos estabelecemos o que vamos dar dentro de cada período e o que cada um faz..., pronto, as actividades que depois se desenvolvem dentro da aula isso é a nível individual.”</p>	<p>“Contempla, a planificação contempla, a prática se calhar não, mas a planificação contempla! Discutimos e teóricamente pomos em prática. [...]”</p>	<p>“São fundamentais! É a nossa base de orientação!”</p>	<p>“A título de curiosidade. Por obrigação, para avaliação não! Tipo assim, há uma matéria nós achamos que devemos falar nisto, que não é falado, nós falamos, mas não exigimos como avaliação.”</p>	<p>“As pessoas sabem mais ou menos o que é que andam a dar e como é que estão a trabalhar. Mas agora, relativamente ao trabalho de cada um, pela experiência que tenho tido, jamais as coisas mudarão! [...] há muitas maneiras diferentes de abordar um assunto! O ‘como lá vamos chegar’ é muito pessoal!”</p>	<p>“Possibilitam.”</p>
P11	<p>“Sim. De grupo. Deveria ser mais de</p>	<p>“Sim, sim!”</p>	<p>“São importantes...! Às vezes não são</p>	<p>“Não, não, não...!”</p>	<p>“De mais positivo? Eu acho que é</p>	<p>“Eu acho que seguimos o</p>

	grupo. Às vezes quando a reunião está a ser um bocadinho mais longa leva-se para casa e depois entrega-se, mas acho que devia ser mais a nível de grupo.”		muito importantes!”		importante, muito importante e porquê? Porque as nossas turmas, das quatro ou cinco pessoas, poderão seguir mais ou menos o mesmo caminho e não ir um por um caminho e outro para outro e outro para outro!”	Ministério da Educação. É vontade do grupo seguir os programas do Ministério da Educação.”
P12	“Sempre. É sempre a nível de grupo disciplinar e depois o professor tem autonomia para adaptar à sua turma.”	“Sim. Vamos reunindo e estão sempre a rever essa matéria e a conversar e a discutir a mudança de estratégias, pelo menos no nosso grupo funciona assim.”	“...Podem indicar algum caminho, agora fundamental não!”	“Eu faço isso muitas vezes porque eu tenho uma experiência mais alargada de um País onde vou muitas vezes e tenho um conhecimento, digamos, mais actual de alguns costumes, hábitos e quando estou a dar as aulas paro muitas vezes	“É o conseguirmos cruzar ou... coordenar melhor aquilo que estamos a dar sobretudo não “fugirmos”... termos uma orientação comum, acho que é importante. No entanto, havendo por parte de cada professor, espaço	“As escolas não são iguais, os alunos não são iguais, não tem a ver com o meio...! A partir daquele programa o grupo depois adapta isso tem liberdade e autonomia do grupo para adaptar aos seus alunos.”



				para fazer referências de aspectos que eu conheço e que não vêm nos manuais!”	para abordar assuntos que não são abordados pelos meus colegas!”	
P13	“Fazemos a programação no início, mas não para todo o ano lectivo! Fazemos a programação por período, porque pensamos que é mais adequado.”	“Exacto!”	“Não! Quer dizer, não são fundamentais podem ser, quando muito, uma orientação, mas fundamentais não!”	“Sim! [...] ”	“Essencialmente em termos de actividades que desenvolvemos, dos conteúdos que leccionamos, estarmos todas em sintonia, mais ou menos nunca há grandes atrasos, nunca há grandes disparidades de umas para as outras! [...]”	“São ambiciosos! E depois, é assim, nem sempre temos materiais para executar o que eles nos pedem! Portanto, a partir desse momento deixam de ser flexíveis porque depois não há orçamento, não conseguimos fazer e a maior parte das coisas não são dadas a experimentar como deveriam ser, principalmente numa disciplina tão

						pouco concreta, são dadas muito teóricamente!”
P14	“Sim. A nível de grupo.”	“Sim, contempla.”	“São importantes, mas não fundamentais!”	“Não!”	“A troca de opiniões entre os elementos do grupo e haver uma orientação comum.”	“Sim são, pelo menos os nossos! Dos outros não posso dizer...!”
P15	“Fizemos alterações na ordem dos conteúdos... Quando eu cheguei cá já estava feito, mas eu acho que foi feito a nível de grupo!”	“Não sei!”	“Não, fundamentais não! São orientações!”	“Não!”	“Acho que há uma maior coordenação!”	“Eu também, na minha disciplina, não sei bem que flexibilidade podia haver!”
P16	“Sim, ao nível de grupo sempre.”	“Sim, contempla.”	“Não serão fundamentais, mas dão uma boa ajuda!”	“Sim, temas actuais, por exemplo, no caso de estudos de caso...! Mesmo nos manuais vêm estudos de caso do	“É muito melhor porque surgem novas ideias, por exemplo, para actividades dentro ou fora da sala de aula!”	“Sim.”

				País, o que nós tentamos fazer muitas vezes é pegar nesse estudo e adaptá-lo!”		
P17	“Faz. Em grupo, sob orientação do Coordenador da disciplina.”	“Contempla.”	“Com certeza que sim.”	“Por vezes, se se justificar e, designadamente, se estes conteúdos contribuírem para a aquisição daqueles que vêm nos programas.”	“É o facto de se trocarem ideias e saber-se que embora os ritmos e formas de abordagem padeçam de alguma subjectividade, todos trabalham numa orientação comum, em inter subjectividade.”	“São flexíveis, no sentido em que permitem uma abordagem que, em termos de tempo para o seu tratamento, pode divergir de turma para turma.”

**Dimensão: Práticas Curriculares**

**Categoria: Grupos Disciplinares**

**Subcategoria: Atitudes Colaborativas**

	Unidades de registo	
	<i>Considera importante haver momentos de reflexão conjunta, ao nível do conselho de turma, para discussão e troca de experiências pedagógicas e didáticas?</i>	<i>E ao nível do grupo disciplinar ou, noutra dimensão, ao nível de departamento curricular?</i>
P1	“Sim, muito importante.”	“Também.”
P2	“Sim, acho muito importante.”	“Também.”
P3	“Acho que sim!”	“Também. Já é habitual fazermos isso, mais ao nível de grupo.”
P4	“Sim.”	“Tem mesmo que haver. Neste momento tem mesmo que haver essa troca de impressões.”
P5	“Sim, acho muito importante.”	“Também.”
P6	“Importantíssimo!”	“Também, muito importante!”
P7	“Sim.”	“Sim, costumamos sempre fazer sempre isso no final do ano lectivo,

		inclusive o que foi menos abordado ao longo do ano lectivo para no ano seguinte as professores que tiverem essas turmas saberem!"
P8	"Acho muito importante, embora ainda não tenhamos conseguido atingir, na minha opinião, um funcionamento pleno entre os vários elementos do conselho de turma, mesmo na construção do plano curricular de turma o professor continua a ter uma participação muito individual. Já se deram, no entanto, passos importantes."	"Penso que sim, se bem que eu penso que é mais importante em termos de conselho de turma!"
P9	"É assim, que era interessante, era! Que isso se faz, duvido!"	"É e é engraçado que ao longo dos anos vamos vendo melhorias, mesmo nos nossos colegas! Muitas vezes estamos a dar aulas muito perto uns dos outros e vamos vendo que vão mudando as estratégias e nós próprios também conversamos e acabamos por colher experiências!"
P10	"Eu acho que deveria haver, não sei qual era a importância que isso irá ter no funcionamento do trabalho dos colegas, mas acho que era importante haver, principalmente quando uma pessoa se junta [...]"	"Seria, seria muito vantajoso. Eu, para mim, tudo o que for trabalho de grupo acho que só temos a aprender com essas experiências, mas tenho uma experiência um pouco negativa porque encontro pessoas que dificilmente trabalham em grupo. E o que eu acho é que os professores vão ser obrigados a trabalhar em grupo porque se trabalharem como estão a trabalhar o insucesso vai ser cada vez maior!"
P11	"Sem dúvida."	"Sem dúvida, também. É muito importante, sem isso nada feito, não é? Podermos trocar ideias eu acho essencial."

P12	“Nós fazemos isso e considero que é importante!”	“É, é importante! Ao nível de grupo é mais fácil porque somos menos. Ao nível de departamento talvez não seja tão rigorosa porque somos muitos.”
P13	“Penso que é importante [...]”	“Se as pessoas estiverem dispostas a isso, acho que sim, se não tiverem medo de expor o que fazem, acho que sim, que é válido!”
P14	“Sim, sim!”	“...também!”
P15	“Acho que é importante para conhecimento dos alunos, saber as dificuldades, podem ter problemas que só discutindo com o director de turma é que temos conhecimento!”	“Sim! Acho que é importante!”
P16	“Muito importante. Há sempre coisas que nos passam ao lado, mesmo casos pontuais ou individuais e com o conselho de turma há sempre mais uma coisa ou outra que nos ajuda!”	“Já fazemos e acho que isso é mesmo muito bom.”
P17	“Absolutamente, essencial.”	“Também.”

**Dimensão: Práticas Curriculares**

**Categoria: Desempenho dos Professores**

**Subcategoria: Planificação Curricular**

	Unidades de registo						
	<i>Considera a planificação do professor essencial para a sua prática enquanto docente?</i>	<i>A planificação do professor deve ter apenas em consideração o programa oficial do Ministério da Educação ou deve ter liberdade para seguir as suas próprias orientações?</i>	<i>A planificação do professor deve contemplar actividades de diversificação curricular?</i>	<i>Que tipo de planificação utiliza, a nível macro (anual), meso (unidades temáticas/período), micro (diária/semanal)?</i>	<i>Como planifica as suas actividades lectivas, utilizando um plano escrito onde define objectivos específicos, conteúdos e considerações metodológicas a utilizar nas aulas ou apenas mentalmente?</i>	<i>A sua planificação tem em consideração o nível inicial de conhecimentos dos alunos?</i>	<i>Considera que o professor deve alterar o seu plano de aula em função do ritmo de aprendizagem dos alunos?</i>
P1	"Sim."	"As duas."	"Sim. Eu posso estar a pensar	"Meso, por unidades temáticas."	"Mentalmente."	"Claro, sempre."	"Sempre."

			dar uma aula e depois no momento mudar ...”				
P2	“Sim.”	“A planificação que o grupo faz vai muito ao encontro do Ministério da Educação. [...] o meu nível de exigência é muito mais baixo que o do programa. Por exemplo, o que o Ministério da Educação considera os objectivos mínimos para mim seriam de nível avançado!”	“Sim, sempre que possível.”	“Utilizo sempre por unidades didácticas. Quando as turmas são mais complicadas ou porque tem menos apetência ou porque tem apetência a mais aí então utilizo aula a aula.”	“Geralmente, por unidade didáctica tenho um plano escrito, o que é que eu julgo que aquela turma poderá eventualmente atingir. Quando as turmas são mais complicadas faço um plano mental de cada aula.”	“Geralmente começo, quase sempre, da mesma maneira. Só quando as turmas são realmente fora de série, tanto pela positiva como pela negativa, então aí é que faço adaptações!”	“Deve alterá-lo, logicamente!”
P3	“Claro.”	“Eu acho que deve ter liber-	“Sim, claro.”	“Todas, incluindo a diária, que é a que	“Não, não, mentalmente.”	“...tento cumprir com o	“Não, deve alterar sempre e de



		dade [...] ”		uso mais. As outras fazem-se no início do ano, mas semanalmente eu faço uma diária para aquilo que vou dar durante a semana.”		programa, mas claro que se tenho uma aula com seis ou sete alunos que não me acompanham às tantas sou capaz de numa aula de formação cívica, por exemplo, enquanto os outros fazem um trabalho qualquer eu sou capaz de estar com eles a dar-lhes as primeiras bases, claro!”	turma para turma. Altera-se sempre, nunca se dá a mesma coisa da mesma maneira.”
P4	“Sim.”	“Deve ter liberdade de orientar!”	“Sim, acho que sim!”	“Por unidade. [...] Eu geralmente por uni-	“Neste momento eu já faço	“Tem que ter mesmo!”	“Claro. Quantas vezes eu penso

				dade temática sei mais ou menos o programa e quanto tempo devo gerir aquela unidade [...] ”	mentalmente.”		dar uma coisa e não dou, até porque eles intervêm, suscitam outras questões, uma pessoa depois acaba por falar sobre elas e, portanto, não estamos ali só a seguir o manual!”
P5	“Sim, fundamental.”	“Tendo todos nós de ensinar os mesmos conteúdos, podemos, no entanto, fazê-lo usufruindo de alguma liberdade para seguir as nossas próprias orientações. Mas, há que ter muito cuidado!”	“Sim, sim...”	“Todas. A anual e a trimestral e a planificação de aula a aula. Preparo todas as minhas aulas.”	“Faço um plano escrito.”	“Claro sim!”	que “Sempre que necessário!”

P6	<p>“Sim.”</p>	<p>“Deve seguir o programa oficial, mas ter alguma liberdade para seguir as suas próprias orientações.”</p>	<p>“Sim, deve.”</p>	<p>“A anual. A partir da anual organizo a planificação do período, primeiro período, segundo período, terceiro período e, depois, conforme as turmas vou fazendo a planificação diária. Mas é fundamental fazer a planificação diária [...] porque embora não seja feita de uma forma muito formal, nem com instrumentos muito elaborados, porque por vezes há conteúdos que são básicos e que achamos que eles vão aprender à primeira e no entanto não é isso que acontece, por isso</p>		<p>“No início do ano não. No início do ano a gente não os conhece, a não ser que [...] os tenha tido no ano anterior, mas depois de fazer o diagnóstico, aí...”</p>	<p>“Sim, sempre, obrigatoriamente!”</p>
----	---------------	---	---------------------	--	--	---	---

				acho que a planificação diária é fundamental.”			
P7	“Sem dúvida.”	“Deve ter alguma liberdade para seguir as suas próprias orientações, dependendo muito da turma que temos, do espaço que temos, dos materiais que temos disponíveis!”	“Sim.”	“A do grupo, por unidades didáticas, por período.”	“Depende das actividades, há actividades que eu planifico de forma escrita e outras é mentalmente.”	“Sim.”	“Sem dúvida!”
P8	“Conheço poucas excepções de bons professores que consigam trabalhar sem planificar. Pessoalmente, não consigo trabalhar sem	“Eu acho que deve dar margem às suas próprias orientações, sem perder de vista o tal tronco comum, básico, que será aferido	“Sim.”	“São esses passos todos.”	“Normalmente planifico as aulas de semana a semana, não ao ponto de especificar muitos objectivos porque os considero inerentes aos conteú-	“Sim.”	“Ai isso, claro!”

	planificar.”	depois.”			dos. Os conteúdos e as estratégias são preparados e reajustados aula a aula. Os planos que faço são escritos.”		
P9	“É sempre!”	“As duas coisas!”	“Sim, sempre é muito importante!”	“A anual que é a do grupo, unidades temáticas e aula a aula, não há outra hipótese!”	“...eu por acaso faço escrito!”	“Sim, sempre.”	“Ai sempre! Não podia ser de outro modo. Eu já tenho começado com uma aula, passo para outra e depois para outra, porque eu preparo sempre três aulas para a semana.”
P10	“Considero! Muito essencial. É a única maneira de	“Deve ter sempre em consideração o programa ofi-	“Sim.”	“A anual está feita, a trimestral também e depois, mais ou	“Não, um plano escrito.”	“O nível inicial de conhecimentos dos	“Sim, sempre. Se não o professor não está lá a

	<p>a gente saber o que anda aqui a fazer e saber avaliar-se [...] ”</p>	<p>cial, mas ter margem para seguir as suas próprias orientações!”</p>		<p>menos, planifico por unidade. Dentro da unidade estabeleço, pronto, parâmetros... situações de avaliação que me obrigam a parar em determinadas partes da unidade, mas reconheço [...] que tenho de planificar aula a aula, mesmo. Pronto, tenho que definir..., eu já faço isso por unidade, mas eu acho que o aluno entra na aula e naqueles quarenta e cinco minutos tem que saber o que é lhe é exigido saber, o que ele tem que fazer naquela aula e tem que ter cinco minutos</p>		<p>alunos normalmente é muito fraco. Tem que se fazer normalmente sempre uma retrospectiva para trás!”</p>	<p>fazer nada! Se o aluno não acompanhar, o professor não vai estar lá a trabalhar para si próprio!”</p>
--	---	--	--	--	--	--	--

				no fim da aula para saber 'consegui' ou 'não consegui' [...]"			
P11	"Nem sempre!"	"Deve seguir pelo programa e depois também deve ter liberdade, um pouco de liberdade, mas deve seguir!"	"Sim, sim."	"Por unidades." "Não, não costumo [fazer semanal ou diariamente] "	"Por vezes escrito, sou sincera, por vezes mentalmente só."	"Tem!"	"Com certeza, com certeza, deve-se fazer isso! Lá está, eu falo por mim, se o aluno é fraco eu não vou exigir muito, não vou exigir logo muito, tenho que começar pela base!"
P12	"Claro que é importante!"	"Eu acho que deve seguir às suas próprias orientações, sem perder de vista o tal tronco comum!"	"Sim."	"Todas! Eu tenho uma anual, depois faço por período e depois ainda vou dividindo e vou planificando sempre as minhas aulas. Muitas vezes não respeito, isto foi uma	"Utilizo um plano escrito!"	"Sim, sempre!"	"Ai isso, claro!"

				coisa que eu aprendi no estágio, não respeito totalmente a minha planificação diária pelo seguinte, porque surgem temas ou surgem questões dos alunos que me fazem sair daquilo que eu tinha previsto e depois, claro, vou ter que continuar e acabar a minha planificação na aula seguinte!”			
P13	“Eu não sou grande exemplo lá disso porque eu não sou pessoa que faça grandes planificações! Agora, assim levado ao	“Eu acho que deve liberdade para seguir as suas orientações, até porque é a única maneira de eu tornar mais atractivo para os	“Sim, também!”	“A pessoal? A minha é mais semanal!”	“Mentalmente!”	“Sim.”	“Fundamental!”



	extremo, não! Agora, uma planificação pelo menos para sabermos a quantas andamos, acho que sim!”	meninos. Porque nem todos têm os mesmos interesses, temos que nos adaptar ao meio, portanto, acho que se houver ali margem para manobra acho que é importante!”					
P14	“...sim, muito importante!”	“Eu acho que tem que ter liberdade para seguir as suas próprias orientações, embora seguindo aquela programação!”	“Deve.”	“Normalmente é por período, este ano faço até diária, por estar a orientar estágio.”	“Plano escrito, com os objectivos, conteúdos, essas coisas todas!”	“Sim, sim. Aliás, os alunos que são meus no nono já foram meus no sétimo e no oitavo.”	“...sim! Muitas vezes trago o plano de aula e fico a meio porque há outras situações que são criadas ou por dúvidas [...] que enriquecem a aula de alguma forma, mas não foi cumprida a

							planificação totalmente! Isso... tem que ser flexível nesse sentido!”
P15	“Acho que sim.”	“Muitas vezes é preciso ensinar outras coisas para eles aprender [...] muitas vezes é preciso recordar matérias anteriores que já esqueceram e que podem até não ter dado e fazemos isso vendo as questões que eles fazem, as dificuldades que estão a ter!”	“Sim. Acho que não faço muito isso, mas comsoante as disciplinas, acho que há umas que conseguem mais facilmente!”	“Todas. A anual é a de grupo e as outras são minhas.”	“É um plano escrito, mas que não contempla objectivos.”	“Tem. Faço um teste diagnóstico.”	“Sim!”

P16	“...eu acho que sim!”	“Eu acho que deve ter em consideração o programa oficial, não é, mas ter um bocadinho de liberdade para seguir... mas não de todo, sem alterar o programa!”	“Sim.”	“A que utilizo mais é por unidades e faço muito semanal!”	“Faço sempre mentalmente, mas tenho sempre de passar para o papel determinadas coisas. Se forem actividades mais simples não é necessário, mas... obriga sempre a que passe para o papel!”	“Tem, sem dúvida!”	“Tem que o fazer, é obrigado a isso!”
P17	“Obviamente que sim.”	“Deve, na minha opinião, fazer integrar orientações próprias, sempre que complementam ou não contrariam as orientações do Ministério da Educação.”	“Sim.”	“Qualquer uma destas é essencial e complementam-se. Logo, utilizadas de um modo geral.”	“Geralmente escrito.”	“Certamente.”	“Com certeza. Não vale a pena fazer o contrário.”

**Dimensão: Práticas Curriculares****Categoria: Desempenho dos Professores****Subcategoria: Materiais Didáticos**

	Unidades de registo	
	<i>Enquanto instrumento pedagógico/didático, qual a importância que atribui à utilização do manual na planificação e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem? E na realização do processo de ensino/aprendizagem?</i>	<i>Que outros materiais utiliza na planificação das suas aulas? Quem os elabora?</i>
P1	“Utilizo como instrumento de consulta.”	“Materiais que temos guardados: manuais, vídeos...!”
P2	“Utilizo como instrumento de consulta.	“Não...! Recorro muito a acções de formação que se fazem, realmente é onde se aprende coisas mais ... diferentes!”
P3	“Fundamental, fundamental!”	“Não, basicamente é o manual.”
P4	“Na realização eu acho que o manual é fundamental. É fundamental por uma questão que eles têm que ter uma base de apoio para as coisas e hoje há manuais muitíssimo bem feitos, com visualizações de imagens, com sugestões que eles muitas vezes, por muito que se fale, parece que é um bocado irreal, mas olhando e constatando...,	“Basicamente não utilizo outros porque os manuais trazem, sobretudo na minha disciplina, uma quantidade grande de actividades que já é preciso gerir muito bem para conseguirmos fazer!”

	acho que o manual deve permanecer na aula.”	
P5	“Não sendo tudo, o manual é muito importante, caso contrário seria um contra-senso adoptar manuais, obrigando os pais a gastar dinheiro e os alunos a carregá-los. Sem os manuais, penso que os alunos se sentiriam perdidos na hora do estudo. O caderno diário é, também, um instrumento fundamental de trabalho.”	“Hoje em dia, os manuais trazem tanto material didáctico que já não sentimos tanta necessidade de recorrer a outros materiais, mas, mesmo assim, por vezes ainda é necessário recorrer a eles. Esses materiais são elaborados pelo próprio professor e por vezes são partilhados.”
P6	“Utilizo o máximo o manual pelo seguinte, porque eles são muito caros, todos os encarregados de educação se queixam, porque não temos muito espaço de manobra nem verbas para fazermos fotocópias e desenvolver outros materiais. Tento aproveitar o máximo do manual. Não quer dizer que eu só use o manual, quando há qualquer conteúdo que no manual não está de uma forma clara ou que não vai de encontro àquilo que eu quero desenvolver com os alunos a seguir, desenvolvo com materiais feitos por mim que vão ao encontro daquilo que eu acho que é mais importante, por exemplo acetatos, outros livros, no caso de músicas tiradas dos próprios CD!”	
P7	“Portanto, eu geralmente utilizo o manual da disciplina como um instrumento de consulta, por vezes as orientações que geralmente vêem no manual, eu não concordo com elas.”	“Se der aulas teóricas, gosto muito de utilizar fichas, mesmo em aulas práticas gosto muito de utilizar fichas que dêem para os alunos entender melhor o que estamos a dar, geralmente é isso. Geralmente são construídos por mim.”
P8	“Sei que há duas correntes antagónicas sobre o assunto. Pessoalmente penso que os manuais escolares são um importante auxiliar na planificação e desenvolvimento do processo. Se os alunos gastam tanto dinheiro em livros e se eles, à partida, foram objecto de uma criteriosa selecção por parte dos professores, não há razões para não se utilizarem. Além disso, vêm enriquecidos com muitos	“Nas minhas aulas utilizo bastante o quadro, partindo do princípio que os alunos aperfeiçoam a escrita, escrevendo. Utilizo os acetatos que o manual traz, as gravações áudio... não vale a pena inventar o que está inventado... Já tenho utilizado pequenas apresentações em <i>Power Point</i> criadas por mim ou pelo Centro de Recursos da escola.”

	materiais que facilitam a realização do processo de ensino/aprendizagem. Não quer dizer que esporadicamente não se usem materiais extra por diversas razões.”	
P9	“Eu tenho várias experiências, se for um manual que corresponda às minhas expectativas, se o manual for bom... é fundamental, se não corresponder...”	“Utilizo material adquirido e material feito por mim, por exemplo, CD, vídeos, acetatos, material em cartão...!”
P10	“Eu acho que atendendo às disponibilidades financeiras das escolas, depois dos alunos terem gasto dinheiro no manual, acho que seria um desperdício não o tornar útil. Portanto, o aluno tem aquele livro, é por aquele livro que deve estudar. Agora, acho que a escola tem que ir muito além daquele livro, porque as situações concretas do que se passa à volta, do que vai acontecendo no dia-a-dia, não vem lá porque o livro foi feito há dois ou três anos e há determinados situações que nós levamos para discussão que são da semana passada e isso acho que o professor é que tem que ter, pronto, instrumentos para fazer chegar esses documentos aos alunos. Só que não é ele que os vai pagar, não é, se a escola não dispuser de verba financeira para determinadas fotocópias, nós ficamos um bocado de “pés atados e de mãos atadas”, não é.”	“Utilizo fichas de trabalho e depois meus utilizo muito imagens porque a minha disciplina..., os acetatos..., material feito por mim.”
P11	“Importante. É por aí, eu falo por mim, eu sigo pelo manual.”	“Muito acetatos elaborados por mim. <i>Slides</i> às vezes utilizo, só que tenho preguiça de requisitar o projector, sou sincera.”

P13	<p>“É muito útil! É importante! O manual acho que é útil! Sirvo-me dele para [...] tem as imagens que eu não consigo projectar se não mostrando o que está lá, não é, tem exemplos, basicamente é do que me sirvo nos manuais.”</p>	<p>“Projecção em <i>Power Point</i>, em acetato e muito materiais de laboratório. O <i>Power Point</i> regra geral é preparado por mim, mas os outros nem todos são preparados porque hoje em dia há já tanta coisa!”</p>
P14	<p>“O manual utilizo na planificação [...] como o nosso manual não é de carácter obrigatório, visto as condições sócio-económicas dos alunos é optativo, portanto, eles não tem e isso leva a que eu tire do manual por vezes acetatos, fotocópias, que são importantes para eles visualizar!”</p>	<p>“É feito por mim. Cada professor faz o seu material, nós temos um crédito... cada professor tem um crédito e vai gerindo para fotocópias e essas coisas assim.”</p>
P15	<p>“É importante! Utilizo na planificação e, depois, durante as aulas. Portanto, o meu manual tem muitos exercícios e quase nunca faço fichas de trabalho porque não é necessário, tem muita variedade de exercícios!”</p>	
P16	<p>“Eu dou muita importância ao manual porque é um instrumento que os alunos têm, não é e devem-se servir dele. Já dei mais importância do que a que dou, mas tento partir sempre do manual.”</p>	<p>“Sim. Isso depende do manual adoptado e depois através de outras estratégias... utilizo o <i>Power Point</i> essencialmente!”</p>
P17	<p>“Para a planificação tem alguma importância, uma vez que se sabe ser quase a única referência para os alunos. Naturalmente que o professor tem outras referências. Para a realização do processo de ensino/aprendizagem é essencial, pois é o instrumento constantemente utilizado pelos alunos, que, deste modo, justificam a sua aquisição.”</p>	<p>“Textos, fichas de trabalho, acetatos. Quem os elabora? Ou são materiais do Departamento, elaborados no passado ou pelo Coordenador actual, ou materiais elaborados por mim ou, então, seleccionados de outros materiais, livros variados.”</p>

**Dimensão: Práticas Curriculares****Categoria: Desempenho dos Professores****Subcategoria: Avaliação**

	Unidades de registo				
	<i>Relativamente à avaliação da aprendizagem, quais são os modelos que utiliza no processo de ensino/aprendizagem?</i>	<i>Considera que os professores têm uma autonomia expressiva na avaliação dos alunos?</i>	<i>Os professores têm condições para poderem praticar uma avaliação formativa?</i>	<i>Que outros aspectos privilegia na avaliação dos alunos para além da avaliação sumativa de conhecimentos?</i>	<i>Prevê a participação dos alunos nesse processo? De que modo?</i>
P1	"A avaliação diagnostica, a avaliação contínua!"	"Sim."		"A participação, o interesse...!"	"Sim, faço sempre a auto-avaliação."
P2	"Utilizei a observação directa na aula específica da avaliação. Ultimamente, utilizo sempre a avaliação contínua. Em cada aula registo tudo o que observei ou quase tudo o que observei ou o	"Sim."	"Parece-me complicado. Faltam instrumentos de observação mais fiáveis."	"Valorizo muito as atitudes e os valores."	"Sim, através da auto-avaliação no final do período."



	que consegui observar, nas progressões pedagógicas que os alunos estão a desenvolver.”				
P3	“Utilizo a contínua, basicamente para classificar o aluno!”	“Sim.”	“Formativa? Não estou a perceber bem..., mas a gente aqui está sempre..., todos os dias faz uma avaliação formativa, mentalmente, não registo nada! Deus me livre de andar sempre a tomar notas!”	“Há as atitudes. Eu sou capaz de dar positiva a um aluno que se esforce, mas vejo que ele não consegue, mas no entanto é humilde, é educado, sabe estar na sala de aula e precisa da minha nota para passar e eu não ponho obstáculo nenhum em dar-lhe positiva.”	“Sempre e digo-lhes porque é que vou dar determinada nota.”
P4	“Utilizamos no processo de avaliação, a formativa, a sumativa, atendendo sempre aos níveis cognitivo, atitudes e valores. Dentro disso eu	“Bem, constrange-me ... A autonomia de classificar, de avaliar o aluno, nós temos, somos senhores de avaliar o aluno. Eu tenho essa	“Nós temos muitos alunos neste momento nas salas de aula é difícil, de facto, coordenar uma avaliação dos alunos mais aprofundada. Dentro do	“As capacidades do aluno, por exemplo. Depois as atitudes dele, [...]”	“Sim, é discutido, sobretudo a avaliação final entre eles e, de uma maneira geral, eles auto-avaliam-se muito bem.”

	<p>atendo muito a essas situações e faço sempre uma avaliação ao longo do ano, à progressão do aluno desde que entrou até ao final do seu percurso, portanto, de ano a ano. [...] No quinto ano eu começo com uma apreciação dentro do que eles trazem, que podem ter dado ou não ter dado, que pode ter sido abordado mais ou menos, ao tipo de vocabulário usado que pode ser diferente do primeiro ciclo para o segundo. Há uma readaptação muito grande do aluno quando passa do primeiro ciclo para o segundo. Depois disso eu faço sempre a avaliação ao longo do ano e àquilo</p>	<p>liberdade, mas muitas vezes estou condicionada porque dentro da escola que temos, dos alunos que frequentam a escola, há aqueles alunos que muitas vezes temos que ter uma certa condescendência porque eles não são capazes ... Portanto, eu tenho que fazer uma diferenciação entre esses alunos. [...] acho que ele deve atingir aquelas competências que lhe estão destinadas, mas com uma progressão lenta. [...] muitas vezes o aluno pode progredir lentamente este ano e no ano a seguir até pode progredir muito mais, ter desenvolvido muito mais o seu nível intelectual e,</p>	<p>possível, vamos atendendo no dia a dia àquilo que corresponde e àquilo que pedimos. As condições não são as ideais, quer dizer, turmas mais pequenas se calhar era muito melhor!"</p>		
--	--	---	--	--	--

	que o aluno progrediu, portanto, às capacidades do que ele foi capaz de ir adquirindo.”	portanto, ter ganho gosto de outra maneira ou até ter ficado mais aliciado para a escola, portanto, reage de uma maneira diferente. Eu costumo ser um bocadinho criteriosa na avaliação relativamente a isso!”			
P5	“Todos os modelos: avaliação de diagnóstico, directa, formativa, sumativa.”	“Se pudesse largar uma parte da minha profissão seria precisamente a que diz respeito à avaliação. Os professores têm autonomia na avaliação dos alunos, mas dentro dos critérios estabelecidos pela escola.”	“Seria o ideal, mas nem sempre isso é possível, devido à falta de tempo.”	“As atitudes e valores, as capacidades.”	“Sim, através da auto e a hetero -avaliação. Além disso, utilizo muito o contrato pedagógico de avaliação.”
P6	“Utilizo a diagnóstica, a contínua e a sumativa. Ao longo do ano faço a avaliação contínua, mas não faço registos em	“Sim, têm!”	“Bem, nem por isso. As aulas não são muitas e depois precisamos do tempo para concluir os programas. Por outro	“O interesse, a assiduidade, as atitudes.”	“Sim, através de um contrato pedagógico feito no início do ano lectivo entre o professor e os alunos. Eles conhecem-

	especial.”		lado, as turmas também são grandes!”		no bem e auto-avaliam-se muito próximo da minha avaliação.”
P7	“A avaliação diagnóstica, faço sempre... aliás em todas as aulas no fundo faço sempre uma avaliação dos alunos nem que seja mental, ou seja, não preciso de estar a registar as avaliações feitas porque consigo registar mentalmente, mas faço sempre depois a avaliação sumativa.”	“Sim.”	“Na minha disciplina eu acho que até conseguimos fazer essa avaliação formativa. A nível das outras disciplinas acho que é mais difícil, as turmas normalmente são muito heterogéneas, são grandes, os programas são extensos, não há tempo para fazer uma avaliação individual muitas vezes, não digo que esporadicamente não se faça, mas regularmente eu acho bastante difícil!”	“A participação, o empenho, a assiduidade, as faltas de material!”	“Sim, falo sempre, mesmo antes de fazer uma auto-avaliação digo-lhes sempre as notas que tiveram no que foram avaliados, falo sempre com eles e a partir daí é feita uma avaliação.”
P8	“Utilizo a avaliação diagnóstica, a avaliação directa e contínua, a avaliação formativa e	“Sim, tendo em conta os critérios base definidos pela escola.”	“Não tenho a certeza de que tenham condições. Isso exige mais tempo gasto com a avaliação em	“Tenho muito em conta as atitudes, o empenho, a organização, a responsabilidade e o esforço	“Sim, a planificação anual, prevê um contrato pedagógico de avaliação para cada período. O

	depois a avaliação sumativa.”		detrimento do avanço relativamente à aquisição de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões. Será necessário um equilíbrio.”	para fazer melhor.”	contrato é negociado com os alunos e no final de cada período podem auto-avaliar-se verificando o que cumpriram, o que não cumpriram, consequentemente o que devem melhorar.”
P9	“A avaliação diagnóstica, sumativa e avalio periodicamente as aprendizagens dos alunos, sobretudo ao nível do domínio instrumental.”	“Sim.”	“Eu sim!”	“É a avaliação das atitudes e valores!”	“Sim, aliás eu não dou uma nota que não fale com eles.”
P10	“Faço avaliação utilizando o teste, mas em turmas de alunos com dificuldades utilizo uma avaliação mais partida, ou seja, dou duas aulas, por exemplo e faço uma avaliação. Muitas vezes a pergunta	“Sim, totalmente!”	“Sim, têm.”	“A participação nas aulas, o interesse, a colaboração com os colegas...!”	“Eu faço sempre a auto-avaliação, mas parece-me que cada vez mais eles dizem notas mais elevadas para tentarem uma nota melhor. Eu não considero muito as suas opiniões por isso.”

	é feita oralmente, com a entoação que utilizo nas aulas, porque me parece que eles percebem melhor do que se lerem um pequeno texto ou se pedir para interpretar um gráfico.”				
P11	“Diagnostica sempre, sumativa e formativa, também.”	“Penso que sim!”	“Sim, sim.”	“O empenho, a motivação deles na aula. Eu dou muito valor à motivação e ao empenho de cada aluno.”	“Não.”
P12	“Utilizo a diagnostica, depois a seguir a todas as mini unidades, unidades intermédias, faço sempre uma ficha de recapitulação para ver se os alunos entenderam ou não, antes do teste fazem sempre uma ficha, chamo-lhe a	“É assim, autónomos, autónomos não somos porque nós temos indicações do projecto da escola, temos três indicações, temos três pontos para avaliar os alunos, temos as atitudes e valores, as compe-	“As minhas avaliações formativas nunca têm classificação! Eles fazem a ficha, muitas vezes ou eles trocam entre si, o que é muito interessante porque eles são muito exigentes em relação uns aos outros, depois da	“Privilegio muito as atitudes, o material, a postura na sala de aula, a linguagem utilizada, se interrompem ou não interrompem a aula, é assim, se não levantam o dedo, se falam todos ao mesmo tempo, faço de	“Sempre. Eles fazem auto e hetero-avaliação, sempre. Há uma aula, agora no final..., eu faço assim, faço por itens a auto-avaliação, não é. No início do ano eu já lhes digo como é que eu os vou avaliar, sempre,

	<p>ficha formativa, com todos os aspectos que demos naquela unidade, que geralmente vão sair depois no teste ou na ficha de avaliação sumativa. Não utilizo aquela parte de revisões, eles trabalham muito por fichas, muitos exercícios. Por isso, tenho a avaliação de diversos tipos, a diagnostica a formativa e depois aquilo a que nós chamamos a sumativa.”</p>	<p>tências e os conhecimentos. Portanto, a partir daí, a percentagem dada a cada uma delas já está definida pelo conselho pedagógico. No entanto, eu posso valorizar mais um aspecto em relação a um aluno, por exemplo um aluno bem comportado, esforçado, mas que não obteve resultados assim tão bons e vou valorizar mais os outros aspectos. Aqui sim, tenho mais autonomia, no entanto, nalguns casos gostaria que fosse um bocadinho diferente, mas mesmo assim, nesse aspecto eu acho que tenho autonomia! Embora os aspectos que nós</p>	<p>correção entregamos cada ficha ao seu dono e ele vai realmente verificar aquilo que está mal. Eu acho que só assim e a classificação, aí na formativa, não é o meu objectivo, o meu objectivo é mesmo que eles saibam onde eles têm problemas. A partir daí fazer aquilo que chamamos revisões ou pelo menos tentar explicar novamente até conseguir chegar à aprendizagem. Eu falo por mim e penso que se consegue fazer!”</p>	<p>conta que não ouço, não vejo, para eles perceberem que têm de levantar o dedo para participar! Isso também faz parte da avaliação.”</p>	<p>como é que os vou avaliar e como vão ser as minhas aulas, sempre, que é para depois não haver problemas. Não há um contrato pedagógico, mas no início do ano acho que as primeiras aulas são muito importantes!”</p>
--	--	---	--	--	---

		devemos avaliar sejam pré-definidos, mas depois o professor tem alguma autonomia aí, mas eu privilegio os aspectos em relação do tipo de aluno, não é!”			
P13	<p>“Utilizo muito a avaliação de aula, portanto, do dia-a-dia, da participação, da postura, do interesse, do empenho, muito e depois acabo... porque muitas vezes são todos muito participativos tem que haver ali algum ponto onde eles concretizem mais isso e então têm os testes.”</p>	<p>“Se calhar não porque nós acabamos por estar sempre obrigados àqueles momentos da avaliação, não é, e se calhar essa altura até não será a melhor para o aluno, mas tem que ser, tem que se classificar!”</p>	<p>“Não, as turmas são muito grandes, tem muitos alunos e torna-se bastante complicado. Ou se tem uma capacidade mental muito grande ou então estar a fazer os registos todos é complicado.”</p>	<p>“As atitudes, os valores!”</p>	<p>“Sim, é sempre discutido com eles. No início é-lhes... é discutido com eles como é que se faz, muitas das vezes até o número de testes que eles acham mais conveniente, que acham menos, os trabalhos de casa, isso... normalmente, há uma abertura para discussão e depois todos contam com o que têm até ao fim. Todos sabem que é assim, há aquelas normas estabele-</p>



					cidas de parte a parte, nunca são por mim e, portanto, que funciona com regras!”
P14	<p>“A avaliação é assim... a diagnostica é aquela que eu utilizo, também faço... os alunos também fazem a auto-avaliação quando acabamos uma actividade [...] e depois comparo com a minha. Faço também a avaliação, por exemplo, [...] quando são trabalhos mais artísticos, exponho [...] todos e ponho patamares em dizer como vou classificar e os alunos fazem a escolha dois trabalhos por patamar!”</p>	<p>“Eu acho que sim, pelo menos... eu para mim tenho!”</p>	<p>“Eu faço, mas penso que a maior parte dos colegas não fazem!”</p>	<p>“Todos os que... desde a entrada na sala, a postura, as atitudes que eles tem, tudo! A assiduidade, a pontualidade, isto tudo faz parte!”</p>	<p>“Sim, sim!”</p>
P15	<p>“A diagnostica, a</p>	<p>“Tem autonomia!”</p>	<p>“Acho que com tantos</p>		<p>“Tem algum!”</p>

	sumativa, a formativa sem registo! Observação directa, a gente vai-se apercebendo quem está a fazer os exercícios e quem não está, quem está a fazer certo e quem não está!"		alunos é um bocado complicado!"		
P16	"É assim, eu agora estou a mudar um bocadinho o meu processo de avaliação! Tento avaliar muito mais o espaço de aula, essencialmente formativa! Acho que é melhor para eles! Faço sumativa, mas começo a dar muito peso à formativa!"	"Eu acho que sim! Pelo menos eu sinto isso!"	"É mais complicado! Aula a aula... temos que gerir muito bem tudo, mas eu acho que é possível!"	"Por exemplo, o aspecto da atitude, o empenho, o interesse, a iniciativa, acho que são muito importantes."	"No início do ano falo sobre quais são os parâmetros mais importantes, como são avaliados!"
P17	"Avaliação formativa reguladora e auto-reguladora e avaliação	"Considero que, em nome de um maior rigor e objectividade, tudo o que	"Vão criando algumas condições."	"O que a própria legislação determina."	"Sim, através da auto-avaliação formativa."

	sumativa.”	promover dispersões de natureza subjectiva, deveria ser reduzido ao máximo.”			
--	------------	--	--	--	--